

**É hora de aprender que o couro
rende mais que a carne**

**AGROPECUÁRIA
TROPICAL**

ISSN - 1758

N. 113 - Junho / Julho - 2000

Zebu ganha selo, na Índia



**Reforma
Agrária, sim...
Hipocrisia, não...!**



E mais

★ A bomba rural de FHC

- Rômulo mete a boca no trombone
- Adeus, aftosa...!
- Qual é o tamanho ideal do bovino?
- Mocho Guaporé
- Gir Ano 2000 no México

**Editorial
Questão de brasilidade**

Boa parte do progresso da moderna pecuária acontece por causa dos **LIVROS** e **REVISTAS** de **"Agropecuária Tropical"**

Fazer somente revistas é tarefa fácil. Muitas Editoras fazem revistas rurais.

A Editora Agropecuária Tropical vem lançando a revista "Agropecuária Tropical" desde 1975 e também "O Berro" (Revista Brasileira de Caprinos & Ovinos). São as duas únicas revistas brasileiras de Caprinos & Ovinos. São as duas únicas revistas opinativas do Brasil, levantando as discussões importantes para o desenvolvimento da pecuária brasileira. Quem quer decidir sobre os rumos, o futuro ou a atualidade tecnológica da pecuária – tem que ler "Agropecuária Tropical" e "O Berro". **Para separar os "mitos" da "realidade" – nada melhor do que estas valentes revistas.**

O progresso da pecuária, no entanto, pedia mais literatura de profundidade. Os fazendeiros queriam aprender rapidamente tudo aquilo que outros pecuaristas haviam aprendido durante décadas em seus currais. Só havia uma maneira: **editar livros especializados.**



Somente "Agropecuária Tropical" resolveu arregaçar as mangas e atender o interesse dos modernos fazendeiros. Foi assim que surgiram os grandes livros da atualidade: "A Geometria do Zebu", "O gado sagrado na Índia", "O Guzerá", "Nelore: a vitória brasileira" (3 volumes), etc. A maior parte dos livros são "oficializados" pelas Associações de Criadores. A seriedade é tanta que até a **ABCZ** – Associação Brasileira dos Criadores de Zebu já oficializou dois livros: "O Zebu" e "Zebu Ano 2000".

Para mostrar todas as raças do Brasil e também as **610** mais importantes do mundo, "Agropecuária Tropical" lançou o livro "Os Cruzamentos na Pecuária Tropical", abrindo horizontes para todas as raças.

Na década de 1990, "Agropecuária Tropical" lançou diversos livros totalizando **7.066** páginas e mais de **9.100** fotografias – indicando um "banco de imagens" fabuloso à disposição dos fazendeiros. Tudo isso além das revistas.

Agora, "Agropecuária Tropical" está preparando um "site" especial para levar a grandeza pecuária do Brasil para todo o mundo. O fazendeiro brasileiro merece nosso esforço.



**AGROPECUÁRIA
TROPICAL**

**A revista que você
Olha, Lê e Guarda**

**Uma revista que está nas conversas
de todo mundo.**

Vale a pena ler nessa edição

10

A bomba rural de FHC
Críticas e sugestões de
como resolver os problemas
sociais e agrários do Brasil



17

**É hora de
aprender que
o couro rende
mais que a carne**
O valor do couro
no mercado
internacional



36

**Reforma Agrária, sim...
Hipocrisia, não...!**
O Governo brasileiro tem feito
mesmo a Reforma Agrária?



44

A esbórnia ambiental
As leis que causam muita
confusão... no campo



Editorial:

- Questão de brasilidade 4

Entidade de Classe

- Rômulo mete a boca no trombone 33

Agricultura:

- Sucateamento de máquinas agrícolas 56

Genética:

- A vaca é o caminho 27

Leite:

- Mecanismos do truste mundial do leite 50

- Brasil em destaque no leite 54

Sanidade:

- Adeus, aftosa...! 7

Zootecnia:

- Qual é o tamanho ideal do bovino? 5

- Mocho Guaporé 34

- Vida nova e longa para Umbuzeiro 26

Pastagens & Nutrição:

- Conhecendo o solo 25

Veterinária:

- Novas vacinas contra carrapatos 28

Diversos:

- O boi e a fotografia 14

- Irradiação gama nos alimentos 24

- A supergalinha 28

- Gir Ano 2000 no México 32

- A Bahia perdeu Vavá Brandão 39

- Índia lança selo de Zebu 39

Boa leitura!

- E viva a tecnologia das cavernas ! 58

PATROCINADORES

- Alberto Pereira Nunes	59
- Assinatura Agropecuária Tropical	53
- Assinatura Berro	52
- Assogir	29
- Brasilbor Com. E Repres. Ltda	25
- Braspelco	60
- Canal do Boi	57
- CICB	22 e 23
- Emílio Omena	16
- Expo.Brásilia	42 e 43

- Fábio André	47
- Fazenda Mata Velha	55
- Leilão Caracu	49
- Luiz Antônio Figueiredo	45
- Manoel Dantas Vilar	8 e 9
- Nativa Com. E Técnica Ltda	39
- Pompeu Gouveia Borba	15
- Querença Agropecuária	35
- Sucessores de Allyrio Jordão de Abreu	30 e 31
- Zebu Ano 2000	2

Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAIBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL" fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1989.

Edição: nº 113 - Junho/Julho-2000

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro.

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - Revisor para Zootecnia; Paulo Roberto M. Leite - Tradução; José Antônio dos Santos - Assessoria Administrativa; José Luis de Paula - CPD (Diagramação); Denise de Abreu Ribeiro - Ilustrações; Pedro Riccioppo.

COLABORADORES EDITORIAIS

Hugo Prata, Eurípides Oliveira, Jorge Coelho, Húscar Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José Marinho Perez, Antônio Ernesto Werna de Salvo, Francisco Tealini.

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jacir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Av. Alexandre Barbosa, 853 - CEP: 38060-200 - Cx. Postal: 606 - Fones: (034) 312-9788 / 312-7290 / Fax: 312-9080

Telemarketing - Jacir Bison, José Maria Matos Filho, Lenice Marisa Cobo

Fotógrafos de campo autônomos - Rubens Sales, Sidney Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Brito Mendez, Roberto Pinheiro

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redway Glencairn 7995 Cape - Tel: 0217-331186 / 02171929

MÉXICO: 1) Elías Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevada, 112-13, 1º.º, Portales, México 03300 D.F.
2) Consuelo González Rueda - Tr. Pto. Sur 986, Tuxtla, Chiapas, México

PERU: Reinaldo Trinidad Arziles - Pablo Bermudez, 301 Lima 11 - Fone: 23-5660

COSTA RICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, 4º.º, 150 Curridabat, San José, Costa Rica

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodriguez - Apdo. Postal 17 - Guanare - Venezuela - Fone: 057-519008 / 515819

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebu (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Austrália), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrino (Venezuela), Cebu (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul)

Fotógrafos: Registim Fotomágica, Uberaba-MG - Fone: (34) 321-6530
Impressão: Grafy Ltda, Uberaba-MG - Fone: (34) 312-0239

AGROPECUÁRIA TROPICAL: Edição autorizada para publicação a Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que neles assinaram, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas por meio dos leitores. Não se responsabiliza, como também, a reprodução ou transcrição de matérias editadas, citadas ou não.

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG - Av. Alexandre Barbosa, 853 - Caixa Postal 606 - CEP: 38060-200 - Fones: (34) 312-9788 / 312-7290 / FAX: (34) 312-9080 - Reg. Titulo ZEBU - Classe 38 (10) nº 816124048 e Classe 01 - Cx. C. 25.418 885/0001-00 - Reg. Junta Comercial 31203118008 - Reg. ISSN 0101-2758 Reg. Titulo AGROPECUÁRIA TROPICAL Reg. Titulo TUBERRO Reg. Titulo GIRONDE

Questão de brasilidade

É muito fácil traçar planejamentos dentro de laboratórios políticos, em mesas rodeadas de especialistas, principalmente no Planalto, um lugar bastante distante da realidade brasileira. De lá saem planos mirabolantes para a agricultura e pecuária brasileira. Por exemplo: o plano de granelização do leite - que é uma necessidade, sem dúvida - mas que, de repente, esbarra na dura realidade denominada "brasilidade". Esse plano irá provocar o abandono de cerca de 1,4 milhão de propriedades do setor produtivo leiteiro, levando-as para outras atividades ou para a inércia total. De lá também saíram outros planos como o do álcool, do açúcar, do cacau, do algodão, do sisal, do café, dos cutumes, etc. - todos provocando uma marcha-a-ré na busca da competitividade nacional.

A falta de "brasilidade" nos planos governamentais custa muito caro para a nação, mas os especialistas fazem de conta que não enxergam. Tanto quanto não enxergam que entre 50-60% do PIB escoam para os cofres do governo, a título de impostos. Para onde vai tamanha montanha de dinheiro? Ninguém sabe, talvez nem o próprio governo, é o que afirma a revista "Veja". O dinheiro sai dos bolsos dos contribuintes e desaparece por ralos misteriosos, pouco atendendo às necessidades da população. Enquanto isso, o presidente gasta mais de R\$ 3 bilhões em propaganda de seu governo!! Dinheiro suficiente para mitigar a fome de todas as crianças do Brasil, segundo a UNICEF!

O Brasil é fustigado por generais eternos como o Clima, a Distância, etc. - ora atuando numa região, ora em outra e, ao mesmo tempo, o governo tem estimulado, pela via da inércia, a invasão de terras legalmente adquiridas e exploradas e, agora, em vésperas de eleições, irá determinar o "fechamento" da atuação do MST - Movimento dos Sem-Terra, como picaresca demonstração de força. Esse MST, no entanto, está provocando uma reviravolta na política agrícola do país, pois o governo já queimou mais de US\$ 8 bilhões no programa e não conseguiu um resultado concreto nos assentamentos, nem irá conseguir. A via política não é a melhor para resolver a questão agrícola da nação.

O MST levará a uma nova política de Crédito Agrícola para todos, ou seja, para agradar ao MST o governo será forçado a fazer o que nunca fez a favor dos produtores! Pitoresco! Para agradar meia dúzia de latifúndios, vai multiplicar por 100 os rebanhos de caprinos e ovinos! Irônico! Para agradar meia dúzia de frigoríficos, o programa de aftosa vai acelerar o aporte de alta tecnologia e o descobrimento de novas regiões. Formidável!

Por outro lado, o governo colocou um muro dividindo o Norte e o Nordeste, no programa de Combate à Febre Aftosa, denominando essas regiões de "risco desconhecido" - algo inédito na jurisprudência mundial, pois se o governo anula a competitividade dessas regiões, deveria entrar com uma justa indenização da produção. Ele, o governo, ajudou bancos e grandes empreendimentos mas jamais pensou em ajudar o setor básico brasileiro.

Uma coisa é certa: quando um lado da balança sobe, o outro sempre desce. Assim, a reviravolta no setor fundiário está levando à valorização dos caprinos e ovinos, cujo horizonte no mercado mundial é excelente para o país. O atual "boom" dos caprinos e ovinos apóia-se principalmente nos desmandos da atual política econômica e deverá durar mais de 10 anos. O governo FHC vem tentando uma modernização "de cima para baixo", privilegiando o capital e grandes investidores, seguindo a cartilha do FMI e, como tal, deixando ao léu os pequenos produtores e o povo em geral. Essa insana vaidade terá seu preço registrado nos livros de História, tão logo acabe o governo vanglorioso que nunca levou em conta as pessoas. Afinal, não se passa por cima dos generais da natureza, pois da "brasilidade", sem um plano adequado às leis de convivência com as condições do clima, com as grandes distâncias, com formação de pólos de agregação de valor - sem políticas de Crédito Rural, etc. O governo FHC foi muito bom para os especuladores mundiais mas muito fraco para as pessoas do Brasil!

O Governo começou míope e vai terminar cego, em sua vaidade, quanto às legítimas riquezas brasileiras, mesmo depois de ter gasto uma fabulosa quantia para sua autopromoção. Ao invés de continuar punindo as pessoas, com impostos sobre as classes pobre e média, o regime democrático brasileiro precisaria de um instrumento para punir os maus governantes, automaticamente. Talvez por isso, o governo FHC evita realizar a "Reforma Tributária" e, provavelmente, irá terminar seu segundo mandato, sem fazê-la.

Em resumo "brasilidade" deveria ser a tônica do governo - mas não é! *

Qual é o tamanho ideal do bovino?

Dados do Prof. C. Maree, da África do Sul.

Grandes e gordos - Os animais grandes e gordos têm sido muito populares no correr dos séculos. Eles eram a representação do gado próspero, desejável, popular e bem criado e, obviamente, eram os ganhadores das exposições. Mas aconteceu o pior, ou o melhor: chegaram as provas de desempenho, o aperfeiçoamento das taxas de crescimento, a conversão dos alimentos e o desempenho em geral deu um novo enfoque ao tamanho dos animais.

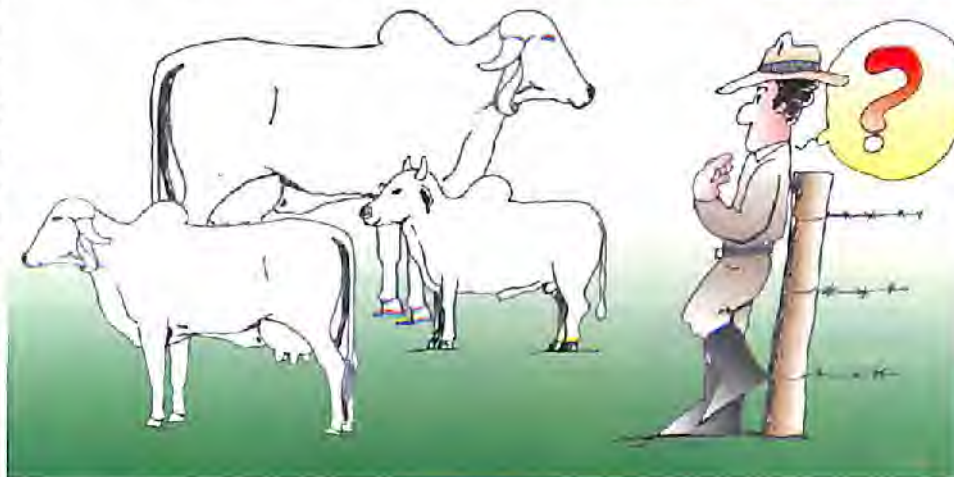
O gado vacum, ovino e suíno, grande e gordo, teve que provar seus méritos em termos de fertilidade, taxas de crescimento, adaptabilidade e qualidade de carcaça. Os padrões tradicionais foram questionados e atualmente também levam-se em conta as preferências do consumidor. A dona-de-casa surgiu no horizonte como inimiga do bovino tradicional.

Já na década de 1950, os cientistas prediziam que os componentes graxos da carne seriam menos importantes no futuro e que várias medidas seriam tomadas contra as gorduras. Desde então os meios de comunicação não deram sossego, mostrando os perigos das graxas animais. Os leitores e ouvintes, facilmente influenciáveis, começaram a odiar gorduras, colesterol, carnes gordas, etc. Os consumidores pediam carne magra, sem considerar que um pouquinho de gordura é a essência da carne saborosa. Os porcos (capões), o gado vacum e os cordeiros tinham que crescer rápido e eficientemente ao mesmo tempo para satisfazer às exigências do consumidor produzindo carne tenra e magra.

Até o leite foi submetido ao mesmo requerimento. O alimento natural mais equilibrado, que havia servido

aos mamíferos e ao homem durante séculos, teve que dar lugar a misturas artificiais "livres de graxas animais". Os produtos livres de graxas animais eram apontados como produtos seguros.

Crescimento e tamanho - Os cientistas de todo o mundo investigaram cuidadosamente o perfil de crescimento e a qualidade da dos animais em produção, em termos de conversão alimentar, tamanho do esqueleto e fertilidade. Hoje os resultados po-



dem ser usados como um guia claro e definido.

A seleção por taxas de crescimento mais altas, deram como resultado animais maiores e mais pesados, porque os animais maiores ganham peso mais rapidamente que os animais de esqueleto pequeno.

Existe demanda de animais de carcaça que excedam um determinado peso ou tamanho mínimo.

A demanda do consumidor de carne mais tenra pode ser satisfeita somente por meio de um tipo de gado bovino ou ovino, de maturação tardia ou de grande esqueleto. Uma mudança notável no tamanho do esqueleto, principalmente nas raças britânicas menores e de maturação tardia, foi o resultado natural da seleção na busca de carcaças mais magras que excediam um peso determinado.

O tamanho do esqueleto ganhou valor comercial, particularmente em algumas raças, embora à expensa da eficiência funcional.

Tamanho do esqueleto e eficiência biológica - A interação entre os genes do crescimento dos animais e sobre o meio-ambiente determina o animal adulto ou o tamanho ótimo de qualquer espécie. Em um meio ambiente ideal, em termos de alimentação, temperatura, umidade, etc., os genes do crescimento de um animal logram sua total expressão, e o animal chega ao seu máximo tamanho genético.

Na natureza, o tamanho não é um objetivo em si mesmo. A sobrevivência das espécies é o objetivo e isto se consegue por uma reprodução eficiente. Por sua vez, a capacidade reprodutiva de qualquer animal ou espécie depende da saúde e do vigor, embora o crescimento máximo não

seja uma função da fertilidade ou da eficiência biológica.

Em todas as espécies, a sobrevivência e a eficiência biológica são promovidas pelos exemplares de tamanho intermediário. Séculos de seleção natural eliminaram todos os extremos e desvios.

A demanda popular não admitiu mais os termos me-

dianos. Buscou-se a seleção diretamente para conseguir crescimento mais rápido, um esqueleto maior, uma maior produção de carne, maior produção de leite, menor quantidade de gordura corporal, etc., embora estes requerimentos não promovam a eficiência biológica. Isto conduziu a uma falta de equilíbrio, resultando em um número de fatores de estresse que afetam aos animais em produção. Não há nada mais a considerar porque os animais silvestres têm uma forma corpórea mais uniforme que os animais que estão em produção.

Tamanho do esqueleto e o ganho-de-peso - A demanda do mercado de carne magra e a seleção em busca de um crescimento mais rápido deu como resultado tipos de gado de maior tamanho e de maturação tar-

dia. Por isso, os tipos de animais de grandes esqueletos são também mais aproveitáveis nos confinamentos. Seu ganho de peso diário excede ao dos animais de esqueletos menores. É surpreendente que a indústria de carne vacuna tenha aceitado facilmente o tamanho do esqueleto como um objetivo primário. Donde os animais de esqueleto grande somente se destacam no confinamento, ou ao máximo nos sistemas intensivos em condições ambientais ótimas, o tamanho foi aceito em numerosas raças como uma qualidade vantajosa e buscada também no gado de seleção, sem consideração do sistema de produção e do meio-ambiente.

É necessário considerar o tamanho do esqueleto dentro de uma perspectiva adequada:

- Não há diferença de qualidade entre os tipos de esqueletos pequenos e grandes com respeito aos ossos, músculos e proporção de graxas da carcaça em etapas comparáveis das demandas do mercado.

- Existem provas suficientes de que as raças de esqueletos pequenos podem ser muito aceitas em termos da composição da carcaça, embora as carcaças grandes poderiam ser inaceitáveis. Tudo depende do grau de demanda do mercado.

- Há pouca diferença com respeito à eficiência na conversão alimentar nos confinamentos, e também em sistemas menos intensivos. A verdadeira diferença entre os tipos de esqueleto grande e pequeno é menos de 5%.

Os tipos de raças são, normalmente, utilizadas incorretamente, ou pelo menos são comparadas incorretamente. As raças zebuínas e o Afrikânder não saem favorecidas se são comparadas com as raças européias e, particularmente, com as grandes ra-

ças de dupla aptidão, nos confinamentos e nos sistemas intensivos. Por outro lado, as raças européias não são necessariamente capazes de superar o estresse quando são submetidas a condições de sistemas extensivos nos quais as raças regionais e o Zebu são mais prósperos. São óbvios os melhores resultados do gado cruzado.

O tamanho do esqueleto e a fertilidade das vacas

- As vacas férteis nunca são grandes e musculosas. As vacas produtoras - de raças de carne - nunca deveriam ser julgadas ou selecionadas pela qualidade de sua massa cárnea ou sua carcaça. A produção regular de terneiros e o desmame de terneiros de bom peso sempre limita o tamanho e o peso das vacas. Também no caso das vacas leiteiras e nas ovelhas a reprodução e a lactação são mais importantes que o tamanho da massa corporal. Existem provas convincentes de que as vacas de esqueleto pequeno, que desmamam terneiros de bom peso e párem regularmente, em regime extensivo, dão maiores benefícios.

O tamanho do esqueleto e a fertilidade dos touros

- Os touros grandes com uma taxa de crescimento excepcional não são necessariamente muito férteis. Quando um esqueleto grande e a habilidade para crescer rapidamente convêm aos objetivos econômicos de certos sistemas, deve-se recordar que um alto grau de fertilidade é um requerimento básico em todos os sistemas, incluídos os selecionadores e produtores comerciais.

As raças de touros produtores de carne ou os carneiros padreadores têm uma carcaça boa ou ideal, somente em uma única etapa de sua vida, por exemplo, quando em sua curva de crescimento são aptos para o consumo. Posteriormente as características sexuais secundárias desenvolvem-se sob a influência dos hormônios andrógenos e o animal perde a boa conformação de sua massa muscular. Então, o que conserva sua importância é sua alta capacidade de fertilidade e a aptidão física para a re-

produção.

O peso final do animal maduro ou o tamanho do esqueleto têm pouca importância. O que é importante é a capacidade de crescimento e a eficiência do animal macho jovem, até o peso no momento do abate, ou até o momento de manter a continuidade de sua fertilidade. O animal é simplesmente uma máquina de produzir sêmen.

Crescimento e desenvolvimento

- É necessário entender o significado e implicações do Crescimento e Desenvolvimento e ambos estão bem resumidos por Hammond.

Na maturação de um animal, ocorrem dois processos:

- 1 - Há um aumento no peso até chegar ao tamanho adulto. A isto se chama crescimento.

- 2 - Há trocas nas proporções físicas, na conformação e na composição do corpo, que tornam possíveis certas funções ou são o resultado de certas funções. Isto é o Desenvolvimento.

O crescimento é quantitativo e mensurável em termos de ganho diário, conversão alimentar, peso, índice de desmama, o peso aos 12 ou 18 meses, o peso adulto, etc. O tamanho do esqueleto, até certo ponto, é uma indicação do crescimento. O crescimento depende dos genes de crescimento e do meio ambiente total.

O desenvolvimento é mais definitivamente qualitativo e comprometido com as propriedades funcionais tais como a fertilidade, adaptabilidade, a produção de leite, etc. Existe uma estreita interação entre o crescimento e o desenvolvimento. O tamanho e a eficiência funcional depende de ambos.

Sem uma idéia clara do perfil de crescimento do gado bovino e da interação entre o tamanho do esqueleto, a reprodução e os fatores ambientais, qualquer selecionador ou produtor, estará pobremente equipado para sua tarefa. Isto é válido para todas as raças.

Você sabia...?

...que os negócios com animais equivalem à compra e venda de bens duráveis? Isso significa que o vendedor do filhote de cão, de gato ou de qualquer outro bicho tem trinta dias para resolver os problemas que o animal apresentar. A reclamação pode ser feita em até noventa dias depois de comprado.

Se o caso não tiver solução, o comprador pode exigir a troca do animal ou a devolução do dinheiro. (Código de Defesa do Consumidor).

Não existe fórmula para o sucesso. Mas, para o fracasso, há uma infalível: tentar agradar a todo mundo"

(Herbert Bayard Swope, Editor americano, 1882-1958)

Você sabia...?

... que uma vaca precisa de 5 gramas de sal para cada 100 quilos do peso e mais 2 gramas de sal para cada 100 kg de leite produzido? É o que afirmam Hodgson e Reed.

Adeus, Aftosa... !

O Brasil recebeu a boa notícia no dia 24 de maio de 2000: os Estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, oeste de Minas e Distrito Federal estão isentos da febre Aftosa, podendo exportar carne livremente.

Os 155 países integrantes da Organização Internacional de Epizootias (OIE) assinaram a decisão em Paris, abrindo caminho para um aumento significativo de exportações de carne. Em 1999, o Brasil vendeu 550 mil toneladas, somando negócios perto de US\$ 650 milhões e espera fechar o ano 2000 com negócios de 650 mil toneladas, somando US\$ 1 bilhão.

A região liberada concentra 70 milhões de cabeças de gado, praticamente 50% do rebanho nacional. Estas regiões, no entanto, deverão prosseguir as vacinações obrigatórias durante mais 2 anos.

O ministro Pratini de Moraes garante que, agora, a questão é apenas de "Marketing", ou seja de saber vender o produto. O governador Mário Covas, presente na OIE, revelou que o governo paulista está criando uma agência de comércio exterior para o setor agropecuário, tendo em vista exportar carne bovina.

Agora, o Brasil está livre para caminhar e se tornar o maior exportador de carne do planeta – o que já era prognosticado mas esbarrava na aftosa. Somando o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, já livres da aftosa, o Brasil soma 7 Estados livres para o



Aftosa: menos carne na mesa

comércio. Para o ano 2001, outros 5 Estados deverão ficar livres: Mato Grosso do Sul, Tocantins, Rondônia, Rio de Janeiro e o leste de Minas. Outras áreas do Norte e do Nordeste, poderão ficar livres da aftosa até 2004 e 2005.

Esta foi uma vitória histórica para a pecuária brasileira, pois – além de liberar várias regiões para abastecer o mundo – deixa claro que um sistema de vacinação pode liberar o país inteiro.

O prejuízo da Aftosa – O programa de controle e erradicação baseia-se na produção de imunidade artificial, através da vacinação de todos os animais. O vírus, não encontrando mais animais suscetíveis, acaba se extinguindo.

A taxa de mortalidade da aftosa é muito baixa, em torno de 1%, ou seja, poucos animais doentes morrem. Num rebanho de gado de corte, os prejuízos acontecem devido à perda de peso.

Exemplo: Supondo que 900 cabeças de um rebanho de 1.000 fiquem doentes e que cada uma perca 10 kg durante a fase clínica da doença – a quantidade de peso vivo perdido será de 9.000 kg. Se somar a ausência de ganho-de-peso que não se dá durante a doença (por exemplo: 0,4 kg/dia durante 10 dias), serão mais 3.600 kg perdidos. Em comparação, a perda pela morte de 1% dos animais representa apenas 10 animais, algo em torno de 2.000 kg. Ao preço médio de US\$ 0,75 kg por kg de

peso vivo, o prejuízo em perda-de-peso seria de US\$ 9,45 mil, enquanto que o prejuízo por mortes seria de apenas US\$ 1,5 mil.

Supondo, agora, o rebanho brasileiro de 100 milhões de cabeças, é fácil verificar a quantia monstruosa: US\$ 945 milhões/ano por perda-de-peso e US\$ 150 milhões por mortes, ou um prejuízo total de US\$ 1,095 bilhão por ano. Ou seja, a pecuária terá mais essa fortuna, todos os anos, quando erradicar a aftosa. ★

Ditado sertanejo

"Não existe tropa sem boi-corneta".

Você sabia...?

...que, nos Estados Unidos, em vez de servir como alimento humano, agora um terço do trigo, três quartos do milho e quase toda a soja são empregados na ração animal? É a busca por produtos de maior valor agregado, pois a carne é mais "nobre" que os cereais.

Adivinhe!

P - O que é que é: "Doze irmãos viajando e nenhum passa adiante dos outros" ?

R - São os furos de um carro-de-bois na estrada.

Frases

"O pessimista se queixa do vento. O otimista espera que ele mude. O realista ajusta as velas"
(William George Ward, teólogo inglês, 1812-1882)

Você sabia...?

... que, nos Estados Unidos, a produtividade de carne aumentou de 10 bilhões, em 1982, para mais de 12 bilhões de quilos de carcaça ao ano? Isso indica que a produção de carne por fêmea é muito maior atualmente.

Quadrinha

*Fiz na vida o meu escudo
Desta verdade sagrada:
O nada com Deus é tudo
E tudo sem Deus é nada !*

NA CARNAÚBA TEMOS MANIA DE BALDE CHEIO EM GUZERÁ, SINDI E CAPRINOS



DEMORA-D - 3.943 Kg - 5,2%



CARTOLA-D - Máx: 16,8 Kg/dia



CANDEIRO-D (Sacado)



CARREIRO-D (Sacado/Malva)



ABAFAD - 3.445Kg - 6,7%



FUTURISTA-D - 3.674 Kg



ESTIVA-D - 3.224 Kg



Maior rebanho Sindi do Brasil



Ovinos Cabugi.



Ovinos Barriga Negra.



Ovinos Cariri.



Ovinos Morada Nova.



Caprinos Azul.



Ordenha diária de caprinos e bovinos

Desde 1934, a Fazenda Carnaúba desenvolve experiências de manejo do solo e das plantas do semi-árido no destino. Hoje, é a fazenda mais visitada do Nordeste.

A Carnaúba mantém um latifúndio padronizado e ali beneficia 1.800 litros de leite/dia

Seus queijos e outros produtos lácteos são reconhecidos pela excelência e fino trato.

O Controle Leiteiro Oficial é



TRIGUEIRO-D (JOANA-D, 5 118Kg, 6,1%)



ALOPRADO-D (JOANA-D, 5 118Kg, 6,1%)



Caprinos Moxotó, leiteiro.



Caprinos Graúna, leiteira.



Caprinos Murciana, caoba, leiteiros.

mantido em todos os anos, apesar dos ciclos secos.

Muitos trabalhos científicos já foram elaborados na Carnaúba. Agora, com sistema próprio de computação.

Quando alguém quer conhecer a CAATINGA, o caminho é um só: conhecer a **Fazenda CARNAÚBA**.



Sindi: raça leiteira, de deserto.



Caprinos Murciana, leiteiro.



Caprinos Parda Alpina, leiteiros.



Caprinos Murciana, leiteiros.

- **GUZERÁ**
- **SINDI**
- **CAPRINOS**
- **OVINOS**



Laticínio próprio na fazenda.

GUZERÁ-D
desde 1934

Tradição
em Sertão
Nordestino

MANOEL DANTAS VILAR FILHO

Fazenda CARNAÚBA
Taperoá – PB
Rua Manoel Dantas Vilar, 1
CEP: 58680-000
Fone: (83) 463-2213

- **Guzerá** desde 1934. Ordenha diária.
- **Sindi**. Ordenha diária.
- **Caprinos**: Parda, Moxotó, Murciana (negra e caoba), Azul, Graúna.
- **Ovinos**: Santa Inês, Morada Nova, Barriga Negra, Cabugi, Cariri.
- **Laticínio próprio na fazenda.**

A bomba rural de FHC



O atual presidente está deixando uma herança mefistotélica para os brasileiros: uma bomba com estopim aceso no setor rural. A bomba está armada! Está visível que as "plantations" e as grandes pecuárias estarão se alicerçando em "commodities" e se ligando fortemente às agroindústrias – levando a formidáveis ganhos de produção e de produtividade. Os micros e pequenos proprietários serão excluídos do "novo mundo". O Governo fala muito em "propriedade familiar" mas a realidade é justamente a constatação de que apenas as médias e grandes propriedades conseguem sobreviver e progredir. Muita demagogia no discurso e pouco realismo na ação. Por conta disso, milhares de propriedades estão sendo leiloadas pelo sistema financeiro...

É claro que o país precisa modernizar sua produção para ganhar competitividade mas isso poderia ser feito sem enviar 4 milhões de propriedades para o brejo. Essas 4 milhões de micro e pequenas propriedades correspondem a uma população de 20-25 milhões de pessoas que estão paralisando as atividades, pois não se encaixam no novo mundo brasileiro com o qual o presidente sonha. No final do sonho, talvez o país esteja até mais grandioso mas será que alguém terá coragem de contar os marginalizados à beira da estrada? Afinal, Stalin também modernizou a Rússia, embora tenha passado os tanques sobre as terras de 35 milhões de mujiques... A Rússia entrou em um mundo novo, sem dúvida, mas a História não perdoou Stalin, apesar de todos os milhões que gastou para exibir a imagem de "pai-bonzinho e construtor". Stalin desfilou pompa, empáfia, vaidade e aristocracia... numa terra de mujiques. Deu no que deu: uma perda de mais de 80 anos para a Rússia e milhões de mortos pelas estradas da história.

No Brasil, o governo é, no mínimo, curioso. É um curioso piloto de avião que, vendo falhar os motores da indústria e do comércio, mas ten-

do em bom funcionamento o motor da agricultura, resolve desligar também este último, como maneira de economizar alguns trocados a mais. É claro que, assim, o avião cai...

No Brasil, essas 4 milhões de propriedades não têm como produzir, por falta de tecnologia. As grandes empresas rurais vão abocanhando o mercado e impõem regras que não podem ser seguidas pelos micros e pequenos proprietários. Antes, a única solução era enviar os filhos para as cidades mas essas já estão superlotadas e sem empregos para atender a todos. A cidade, que já foi um sonho, agora é um novo inferno astral para os ruralistas expulsos do mundo globalizado.

Em resumo, as pessoas não têm para onde ir – e pior: são afeitas ao manejo da terra, têm tradição, gostam do que fazem. O Governo joga fora essas 20-25 milhões de pessoas que têm sua terra e fica nas televisões adubando o MST – Movimento dos Sem Terra, fazendo demagogia que deve durar até às vésperas das eleições, quando espoucará um "calaboca" para o movimento, para dar uma imagem de "autoridade" ao presidente. Nada mais que um programa de "marketing" político! A História, porém, não se esquecerá de que foi ele, o próprio Governo, quem permitiu o crescimento do MST e, pelo outro lado, promoveu a fuga dos campos. Nunca esse governo pensou em dar mais terras para quem já tem um pequeno pedaço, onde mal consegue sobreviver. Ou seja, esse Governo nunca se importou com produção...

Para onde irão essas pessoas? Certamente irão engrossar as filas do MST, em primeira instância, e depois irão engrossar os desempregados nas pequeninas cidades rurais, sobrevivendo de biscates. Será um formidável exército de mão-de-obra informal, realizando aquilo que sabe: pequenos serviços de pedreiros, marceneiros, cerqueiros, ordenhadores, vacinadores, práticos veterinários, planteiros, calheiros, etc. Queira Deus que eles não cheguem às raíais de depre-

dações nessas pequeninas cidades, por desespero.

É preciso que se leve em conta o desespero do cidadão comum brasileiro, sem emprego, envolvido pela miséria, com as filhas na prostituição, ao mesmo tempo que as televisões pregam a desagregação familiar, o despudor, a falta de ética, a falta de religiosidade, a falta de consciência cívica, etc. O Governo "sociológico", cheio de sociólogos ao redor, faz de conta que não enxerga a hecatombe que vai se avizinando com a desagregação dos valores morais, éticos e religiosos da nação.

O povo brasileiro passa por uma profunda transformação em seu espírito, e tudo muito rapidamente. De repente, as palavras da Bíblia estão ecoando nos ouvidos: "Naqueles tempos, os filhos das trevas dominarão..." E é exatamente o que acontece, os muito ricos depredam o Tesouro Nacional e ficam soltos, enquanto os pobres são metidos em cadeias nauseabundas; as verbas da Saúde existem no papel tanto quanto as da educação. Ou seja, os serviços sociais existem apenas nas televisões (matérias pagas) e no papel.

Exemplo de solução - Como resolver o problema dessa bomba social? Um bom caminho é a adoção de políticas não-agrícolas para o novo Brasil Rural. O que seriam essas políticas não-agrícolas? Seriam o conjunto de atividades ligadas à moradia, ao lazer e várias atividades de prestação de serviços. E também o conjunto de novas atividades agrícolas ou pecuárias.

Como seria o "novo agricultor" do "novo mundo rural"? Nos países desenvolvidos a evolução deu-se pela seguinte ordem:

1 – o "desmonte" das unidades produtivas em função da possibilidade de externalização de várias atividades que antes tinham que ser realizadas na fazenda, através de contratação de serviços externos (aluguel de máquinas, assistência técnica, etc).

2 – especialização produtiva crescente, permitindo o aparecimento de novos produtos e de mercados secundários como, por exemplo, de animais jovens, mudas e insu-



mos (Goodman, 1990).

3 – formação de redes vinculando fornecedores de insumos, prestadores de serviços, agricultores, agro-indústrias e empresas de distribuição comercial (Green, 1991).

4 – crescimento do emprego qualificado no meio rural, especialmente de profissões técnicas e administrativas de conteúdo tipicamente urbano, como motoristas, mecânicos, digitadores, profissionais liberais, etc.

5 – melhoria da infra-estrutura social e de lazer, além de maiores facilidades de transporte e meios de comunicação, tributando o acesso aos bens públicos como previdência, saneamento básico, assistência médica e educação, além de uma melhora substancial na qualidade de vida para os que moram nas zonas rurais (Barlett, 1986).

Uma das bases das políticas não-agrícolas é uma Reforma Agrária que não pense apenas em doar terras, porque ninguém come terra em um prato. Ou seja, um programa de doar comida poderia ser muito mais útil ao Brasil que doar terras! Tanto quanto doar Saúde, ou doar Educação! Afinal, quatro milhões de propriedades estão sendo desmontadas, enquanto o Governo encena uma redistribuição de terras apenas para o povo urbano enxergar. No fundo, esta encenação constitui um dolo, uma pilhéria, um escárnio sobre a população rural. A verdadeira Reforma Agrária não precisa de tanta terra pois as micros e pequenas propriedades caminham para a insolvência – como idealizado e executado pelo próprio Governo. Ou seja, o Governo está montando pequenos lotes que, logo mais, estarão sendo desmontados. Está apenas jogando dinheiro fora!

Por outro lado, uma Reforma Agrária que combina atividades não-agrícolas com atividades agrícolas exige pouca terra, barateia o custo por família assentada. Exemplo: por que a Reforma Agrária não utiliza o MST para construir casas populares no campo? Ou para construir centenas de de "pesque-pague"? Ou para formar "guardas ecológicos", ou guias turísticos regionais, ou formar mão-de-obra especializada para serviços rurais, tais como vateiros, cerqueiros, etc? Enfim, a Reforma Agrária deve-

ria tratar de buscar novas formas de ocupação para as populações que vão sendo excluídas do processo agrícola e industrial. Ou seja, a Reforma Agrária deveria tratar de ocupar as pessoas ao invés de dar terras para as pessoas. A ocupação gera comida mas a terra, nem sempre!

Como exemplo, cita-se Israel onde 10 hectares de terra dá emprego para 900 pessoas, no Kibutz Ramot Menashe e mantém ainda 400 cabeças de gado e uma granja avícola! Um show de competência! A grande maioria trabalha em atividades não-agrícolas: escolas, creches, hotéis, oficinas, casas de concertos, etc. Um show de Reforma Agrária, aliás, Reforma Ocupacional.

A Sociologia comprova tudo o que acima está afirmando



do. Leone (1985) analisou as dificuldades de inserção na vida urbana das famílias que dependem da atividade agrícola, com base nos dados do PNAD de 1990. Concluiu que a atividade agrícola não mais proporciona um nível de vida compatível com a vida urbana. As pequenas cidades abrigavam 82% das famílias, cujo chefe tinha atividade rural como base mas os demais membros da família tinham que fazer "biscates" não-agrícolas para sobreviver. O resultado era uma renda insuficiente para tirá-las da pobreza em que viviam no campo. Ademais, o Governo também não resolvia os problemas dessas pequenas comunidades urbanas, preferindo ater-se aos grandes centros onde a colheita de votos é mais significativa. Garante Castro (1992) que "se objetivamos elevar o padrão de vida da população rural, devemos procurar

um caminho mais simples e mais eficaz no curto prazo, reforçando os investimentos sociais nas pequenas e médias cidades do interior, deixando para um segundo momento a estruturação de mecanismos dinâmicos de geração de emprego e renda". Ou seja, em primeira instância, o Governo precisa salvar a vida "biológica" e civil das pessoas, garantindo Saúde, Educação, Saneamento, etc. De preferência, por meio de empregos dignos.

Garante Islam (1997) que o emprego não-agrícola é uma saída para uma agricultura improdutiva mais do que uma resposta a uma expansão da agricultura. As pessoas são "empurradas" para o setor não-agrícola, confirmando os preceitos do estilo "small is beautiful" (Schumacher), ou seja, da promoção de microempresas industriais e comerciais capazes de gerar ocupações por conta própria.

Graziano (1997) deixa claro que o Brasil apresenta nove dinâmicas de ocupação de espaços rurais mas apenas três delas estão fortemente relacionadas com o desenvolvimento da própria agricultura. Assim, tudo leva ao emprego rural não-agrícola.

Delgado (1995) afirma, claramente, que a mudança constitucional de 1988 permitiu elevar de 0,5 para 1,0 salário mínimo o piso de aposentadoria do homem rural e reduziu a idade dos homens para 60 anos e das mulheres para 55. Esses benefícios sempre foram tipicamente urbanos, exibindo o "preconceito" que sempre existiu sobre os ombros do homem rural. Garante Delgado que o programa de seguridade social rural representa, hoje, o principal instrumento de combate à fome e à miséria no meio rural. É ainda um forte auxílio indireto à unidade familiar e possibilita sua sustentação social, algo que em outros países se realiza no âmbito da política agrícola (principalmente no Mercado Comum Europeu). No Nordeste rural, como exemplo, entre 35 a 50% do fluxo total dos rendimentos familiares são oriundos de aposentadorias





ou pensões por morte ou invalidez. Essas pessoas, justamente por conta dessa renda, não migram, não criam proble-

mas sociais. Graziano (op. cit) afirma que a Previdência Rural nunca foi pensada como uma política ativa, destinada a reduzir os níveis de pobreza nas zonas rurais desfavorecidas, através de programas de aposentadoria precoce – como já deveria estar funcionando para o semi-árido nordestino há muito tempo.

Ao invés disso, o "Imperador FHC", que governa por meio de Medidas Provisórias que nada mais são

que Decretos Imperiais, permite que um "barnabé" cearense aposentado ganhe cerca de R\$ 550 mil por ano (salários de até R\$ 42.154,00/mês). Ganha 5 vezes mais que os engenheiros da Boeing! Esse barnabé ganhava R\$ 88,79 por mês mas conseguiu multiplicar quase 500 vezes o seu salário, aproveitando-se de

leis irresponsáveis que poderiam ser apagadas por "decretos imperiais" saudáveis. O Brasil criou minorias que constituem uma casta de privilegiados que parasitam o setor público, aumentando seus rendimentos por pressões, deixando claro o descaso com o dinheiro público. O governo cearense publicou na Internet (www.ceara.gov.br) uma lista com 614 funcionários que ganham mais do que o governador (R\$ 7.800 por mês). Por que o Governo Federal não resolve acabar, de uma vez, com tais mazelas e crimes contra o dinheiro do contribuinte. Será porque a maioria dos beneficiários desses "crimes" são do sistema judiciário?

Os países europeus estimulam a pluriatividade das famílias rurais, a diversificação das unidades de produção para atividades não-agrícolas e a substituição dos subsídios aos preços dos produtos agrícolas por pagamentos compensatórios diretos aos pequenos produtores de regiões desfavorecidas, como por exemplo,

áreas de montanhas ou desérticas. Estas pessoas transformam-se, assim, em verdadeiros "guardiões da Natureza" (Baptista, 1997). Um grande exemplo a ser imitado pelo Brasil.

Vilas Rurais – Em Dracena (SP), a prefeitura implementou em 1994 o Programa "Volta ao Campo", através do qual 1.500 casas de fazendas, vazias, foram cedidas em comodato a trabalhadores rurais e urbanos, com o aval do Sindicato Patronal e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Também o programa "Vilas Rurais" do Governo do Paraná é outro exemplo magnífico, para garantir moradia ao cidadão. Afinal, a aritmética da cidadania afirma que, antes de tudo, o



homem precisa ter um teto, comida, saúde e trabalho. O resto vem por conta própria.

Os fazendeiros doam terra para construção de vilas rurais, tendo em vista a crescente escassez de mão-de-obra rural. Somente em São Paulo, existiam 106 mil moradias desabitadas nas fazendas – pouco menos

do que todo o programa habitacional que o Governo Estadual pretende construir: 128 mil unidades para o povo urbano! Gasta por um lado e sobra por outro! Em todo o país, sobram moradias abandonadas nos campos, quando os tratores não as reduzem a pó, para evitar questões trabalhistas (Somente em Alagoas, em 1996, cerca de 40 mil casas foram derrubadas por essa razão!) Um inolvidável e imperdoável desperdício de potencialidade! Um abuso do bom senso e da razão, num país onde faltam moradias e dignidade social.

O problema é a vazão fácil do dinheiro público por vias ignotas e gnotas. O "Dossiê Eletrificação Rural" (Gazeta Mercantil, 1998) mostra que,

no Brasil, cada poste (de cimento) de energia elétrica implantada custa R\$ 7.120,00 por quilômetro enquanto que nos países desenvolvidos, cada poste (de madeira) custa apenas R\$ 762,00 por km, quase 10 vezes menos. No Mato Grosso do Sul, cada poste custa R\$ 24 mil! Sabem por que esse absurdo? Simplesmente porque o contrato com o BID que despejou dinheiro em fartura para eletrificar o Brasil rural inteiro, passou pelas mãos de um

tradutor que confundiu "rural" com "farm". Assim, a energia elétrica foi remetida para as fazendas, sobrecarregando os horários de picos e ficando ociosa no resto do dia! Pensam que esse erro foi mudado? Nada disso e até Estados como São Paulo poderiam estar muito melhor iluminados, pois dinheiro existe no BID! É in-

Domicílios particulares permanentes e alguns serviços públicos – Brasil e Nordeste

Ítem/bem	Brasil urbano	Brasil rural	Nordeste urbano	Nordeste rural
Esgoto sanitário	96,1	62,0	88,4	39,7
Coleta de lixo	87,5	12,0	72,9	7,3
Iluminação elétrica	98,7	66,9	97,4	52,3
Telefone	30,3	4,5	20,0	2,2
Filtro de água	61,5	43,3	64,0	41,8
Geladeira	86,4	43,2	69,5	22,0
Rádio	91,9	83,9	83,7	38,5
Televisão	91,3	54,3	83,7	38,5
Analfabetos, + de 10 anos	10,0	29,3	19,2	42,3

Fonte: PNAD, 1996. Síntese de indicadores (IBGE, RJ, 1997).

competência mesmo!

Da mesma maneira, abundam os crimes de "colarinho branco" supervalorizando terras ou programas de cunho social. No fundo, o dinheiro vai embora e poucos resultados ficam...

Conclusão – A bomba de FHC está acionada e o estopim vai chegando ao momento do "bum". É necessário criar, rapidamente, um novo conjunto de políticas não-agrícolas para impulsionar o desenvolvimento rural. Trata-se, em última instância, de criar condições para que se possa alcançar um nível mínimo de cidadania no meio rural sem necessidade de migrar para as cidades. Ou seja, trata-se de estender ao morador da zona rural as mesmas possibilidades que encontraria nos centros urbanos. Utopia? A Tabela em anexo, no entanto, mostra que a distância entre o setor rural e o setor urbano é muito grande. Cabe lembrar que, na Tabela, estratificando-se a população por renda, fica evidente que os mais pobres são os mais carentes de todos os benefícios – justamente o avesso dos preceitos sociológicos e da cartilha da cidadania democrática!

A Tabela, depois de uma rápida estratificação por classe de renda, permite afirmar, com certeza, que a grande maioria dos pobres residentes nas zonas rurais brasileiras (principalmente no Nordeste, Amazônia, etc) ainda não tem acesso aos bens públicos fundamentais como energia elétrica, saúde, meios de comunicação e educação. (Veja Tabela)

Não é de se estranhar, portanto, que o homem rural acredite que, para alcançar a cidadania é preciso mudar-se para a cidade mais próxima. Quando pode, ele se muda; logo se arrepende e, então, migra para a grande cidade, engrossando a população do Quarto Mundo.

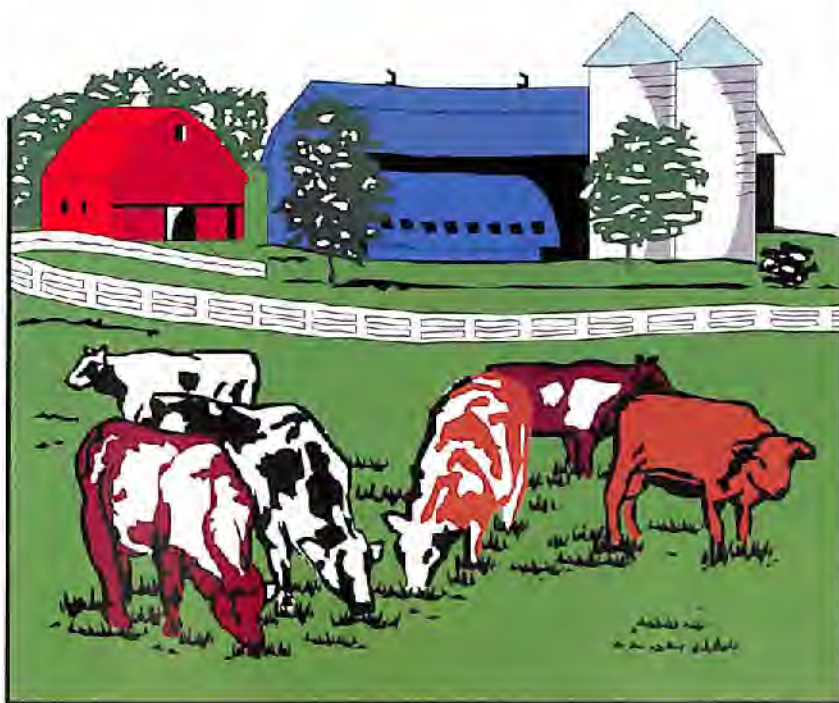
Você sabia...?

... que um bilhão de pessoas não têm acesso a água potável?

A água vai se extinguindo no planeta mas o Brasil tem mais água que todos os países reunidos.

No Brasil, cinco grupos de políticas são fundamentais para o desenvolvimento do novo rural, segundo Graziano (1999):

1 – Desprivatização do espaço rural – tais como criação de programas de moradia rural, recuperação de vilas e colônias, implantação de áreas públicas para lazer no entorno de reservas ecológicas, parques e represas, implantação de uma Reforma Agrária não exclusivamente agrícola



na região Sul do país.

2 – Urbanização do meio rural – visando a criação de infra-estrutura de transporte e comunicações, bem como a extensão dos serviços urbanos básicos, principalmente água potável, energia elétrica, saúde e educação.

3 – Geração de renda e ocupações não-agrícolas – para estimular a pluriatividade das famílias rurais e outros usos para os espaços rurais (como o turismo, a moradia e a preservação ambiental), promovendo também a requalificação profissional necessária dessa população para a sua reinserção nesses novos segmentos de prestação de serviços pessoais que estão surgindo.

4 – Políticas sociais compensatórias ativas – tais como aposentadoria precoce em áreas desfavorecidas, estímulo a jovens agricultores, renda mínima vinculada à educação de crianças (como no caso dos cortadores mirins de cana, das carvoa-

rias, etc.)

5 – Reordenamento político institucional

– reconhecendo as novas formas de regulação que vêm surgindo no novo rural e que permitam tanto superar o tratamento individualizado dado até aqui aos beneficiários das políticas públicas como fortalecer novas estruturas do poder local para que seja possível a efetiva descentralização das atuais políticas públicas do país.

Para que o Brasil possa arrancar a população rural da idade das trevas onde se encontra é preciso impulsionar novas políticas sem os "preconceitos" agrícolas e urbanos que caracterizam a intervenção do poder público no passado e no presente. É ele, o poder público, que inibe o crescimento da produção, da produtividade e da dignidade do cidadão rural. Conserte-se o Poder Público e tudo se ajustará com normalidade...

Bibliografia

- Graziano da Silva, J. – "Políticas não-agrícolas para o novo rural brasileiro". XXXVI Sobra, 1999.
Goodman, D & Sory, B & Wilkinson, J. – "Da lavoura às biotecnologias". Rio, Ed. Campus, 1990.
Green, R. H & Santos, R. R. – "Economia de rede y reestructuración el sector agroalimentario". Paris, INRA, 1991.
Graziano da Silva, J. – "Sobre a delimitação do rural e do urbano no Brasil". XXXV Sobra, Natal, 1997.
Graziano da Silva, J. – "Por uma Reforma Agrária não essencialmente agrícola". Revista Agroanalysis, RJ, 1996.
Castro, M.H. Monteiro de – "Reforma Agrária e pequena produção". Campinas, Unicamp – 1992.
Islam, N. – "The Nonfarm Sector and Rural Development: review of issues and evidence". Washington, IFPR, 1997.
Delgado, G. – "Previdência Rural: relatório de avaliação". Brasília, Projeto IPEA/MPAS, 1997.
Lerner, J. – "Programa Vilas Rurais". revista Agroanalysis, RJ, 1996.
Graziano da Silva, J. – "O Novo rural brasileiro". Nova Economia – Belo Horizonte, 1997.
Baptista, E. – "Agricultura e capitalismo na Europa do Sul". 1997.
Gazeta Mercantil – "Dossiê Eletrificação Rural". 22/05/1998.
Alencar, José Roberto – "Os equívocos que mantêm o campo apagado". in "Gazeta Mercantil". 22/05/98.

Frase

Todo animal deixa vestígios do que ele foi; o homem é o único que deixa pistas do que ele criou.

(Jacob Bronowski, Matemático polonês)

O boi e a fotografia

Não haveriam fotografias no mundo moderno se não houvesse a contribuição do boi! O filme fotográfico só pode ser fabricado tendo como base a gelatina de ossos do bovino. Tudo começou no final do século XIX, quando George Eastman, fundador da Kodak, descobriu que a gelatina óssea era muito útil na fabricação de filmes fotográficos. Essa gelatina era a matéria-prima ideal para sobrepor as substâncias químicas sensíveis à luz e, depois, acrescentar as que desenvolvem a cor. Antes disso, os fotógrafos eram obrigados a carregar soluções de nitrato de prata e cloreto de sódio. No local, pincelavam os sais numa chapa de vidro, faziam a exposição à luz e obtinham a fotografia. A gelatina óssea veio acabar com essa maratona, tornando-se um marco na história da fotografia e mesmo para a humanidade.

Até hoje, nada conseguiu superar ou substituir a gelatina óssea do bovino na indústria fotográfica. Foram pesquisados ossos de porcos: muito gordurosos, e de galinha: muito pequenos. Outros produtos sintéticos apresentaram custos proibitivos. Em resumo: a fotografia, em escala comercial, só existe devido à gelatina óssea do bovino. Foi ela que permitiu a popularização da fotografia no mundo inteiro.

Hoje, vende-se 1,0 bilhão de filmes fotográficos por ano. No Brasil, são vendidos 50 milhões! Somente a Kodak precisa de 150.000 toneladas de gelatina óssea para suas fábricas! E somente ossos de machos. De fêmeas, nunca! E mais: a nutrição do gado interfere na qualidade do filme. George Eastman, no final da década de 1920, quase faliu, por ter adquirido um grande lote de ossos de bovinos alimentados com sementes de mostarda. A densidade e a granulometria desejada só é possível com alimentação correta do gado. *

Você sabia...?

... que, em 1700 a.C., o Código de Hamurabi já tabelava o preço do óleo e do sal? Os infratores morriam queimados no óleo fervente. Então, logo descobriram um jeitinho de burlar a lei e começou a faltar o óleo...

Produtos na lista negra

O Quadro a seguir mostra os produtos que estão na lista negra da competitividade brasileira. Se o governo federal não reduzir impostos, encargos, juros, etc. sobre esses produtos, a atividade irá à falência. Se o índice da última coluna atingir 100%, significa que o setor faliu.

A Tabela mostra até que ponto o custo das políticas públicas onera as cadeias através de impostos, juros e encargos sociais, a ponto de eventualmente ameaçá-las de extinção. Entre 0 e 30% o indicador mostra uma faixa em que a cadeia agroindustrial pode competir em

um regime de economia aberta, mesmo com políticas adversas. A situação é mais grave quando os custos ultrapassam 60% e atingem quase 100%, recomendando extrema cautela, pois a agroindústria está efetivamente em área de exclusão. Ainda que sejam competitivas, gerando lucro privado positivo, o peso das políticas públicas as torna ineficientes para atrair investimentos e até sobreviver. O culpado pela extinção de empresas não é apenas a ineficiência dos empresários mas também as políticas públicas.

Todos perdem em não operar com a máxima eficiência social do que as cadeias agroindustriais são capazes: produtores, trabalhadores, transportadores, indústrias, toda a sociedade. São bilhões de reais que poderiam ser gerados na economia. O Brasil passa por uma fase não muito heróica, porque falta produção e sobram importações e consumidores necessitando de comida.



Café torrado e moído - ônus 31,27%



Algodão - ônus 49,75%



Soja exportação - ônus 69,42%

Principais grupos de atividades afetados pela política econômica brasileira - Ano 2000

Agroindústrias	Margem atual líquida	Grau de ônus final (%)
Leite C (R\$/litro)	3,13	83,33
Açúcar (R\$/t)	6,86	75,29
Soja exportação (R\$/t)	8,41	69,42
Alcool (R\$/1.000 l)	7,92	69,83
Algodão (R\$/t)	15,44	49,75
Feijão de cores (R\$/t)	36,13	32,23
Café torrado e moído (R\$/t)	27,71	31,27

Fonte: resultado de modelos FGV/2000, Agroanalysis, 04/2000

FAZIA

- O IBAMA proibiu uma campanha de extermínio do rato-do-capim, identificado como transmissor do hantavírus, por se tratar de uma "espécie silvestre". É o Brasil caminhando em marcha-à-ré (Alerta Científico Ambiental)

Você sabia...?

... que o Brasil é o único país cujas rodovias são paralelas aos rios e aos oceanos? E pior, paralelas também às ferrovias? É um absurdo econômico que acaba onerando os transportes, tirando a competitividade do país.

SINDI

Rusticidade de 3º Mundo e Carcaça de 1º Mundo



Homogeneidade de carcaça indica facilidade nos cruzamentos.

O SINDI é de médio porte mas os resultados nos cruzamentos são formidáveis. José Cezário de Castilho manteve muitos rebanhos Nelore cruzados com Sindi e dizia que "não queria nada melhor como gado-de-corte".



Carcaça moderna, definida, lucrativa.

O SINDI é excelente em leite, as vacas alimentam muito bem as crias, garantindo o lucro no momento da comercialização. O Balde enche com facilidade, rendendo um bom dinheiro para a fazenda.

O mais importante é que o SINDI é do deserto de Sind, no Paquistão, tendo sido introduzido no Brasil em 1952 e, recentemente, mudou-se para o Nordeste, onde vem aumentando o número de criadores.



Gado certo para regiões rústicas que precisam ser lucrativas.

Nos piores momentos de seca, todas as raças decaem visivelmente e fica fácil perceber o valor do SINDI – mantém as formas roliças, garantindo um bom rendimento até no abate.

O SINDI é isso: sempre roliço, tamanho médio, notável composição da carcaça, excelente resultados nos cruzamentos, conformação corporal indicada para ambientes que exijam lucratividade mesmo nos piores momentos.

O SINDI pode fazer milagres. É só testar...



Observar a força dos membros, a altura dos cascos, o tórax... O Sindi é uma "máquina" especial para dar lucros em regiões rústicas.

Fazenda RIACHO DO NAVIO

Pompeu Gouveia Borba

Campina Grande – Paraíba

Fone: (83) 246-5343 / 981-5745



89 Anos de Seleção de Nelore

O Nelore de Omena, pela sua homogeneidade, foi escolhido para capa do livro "Nelore: a vitória brasileira"

• **Nelore**
• **Nelore Mocho**
• **Nelore Vermelho**

Rebanho várias vezes
"CAMPEÃO NORDESTINO"



Gado saudável, forte, e bonito, em Jeremoabo.



Nas épocas "verdes", dá gosto ver o Nelore no campo.



Estilo "penteado lateral longo"



Estilo "penteado lateral curto"



Estilo "lirado curto"



Estilo "lirado longo"



O gado vermelho tem história no rebanho de Omena



A maior parte do gado que vive sob o sol é de pelagem vermelha



Grande porte, muita "raça": assim é o Nelore de Omena



Fazenda ALFREDO DE MAYA

Em Cacimbinhas, AL

Fone: (082) 422-1103
(082) 422-1105

Em Jeremoabo, BA

Fone: (075) 203-2160
celular: (082) 983-2006
983-2005

Aeroporto nas fazendas

Escritório em MACEIÓ, AL

R. Barão de Jaraguá, 382

Fone: (082) 221-2719

FAX: (082) 221-0819

Res: (082) 231-1756

231-3371

Celular: (082) 973-6556

981-1535

É hora de aprender que o couro rende mais que a carne...

"Nem só de carne e leite vive a pecuária mundial. Muito pelo contrário, os produtos de couros rendem muito mais" – é o que afirma Arnaldo José Frizzo Filho, da Braspelco. O governo, no entanto, está tirando o couro dos brasileiros, permitindo que os italianos, chineses e outros povos levem o couro e ganhem grandes fortunas que poderiam e deveriam ser dos próprios brasileiros...

A festa da carne

"Agropecuária Tropical" (AT) – *Somente se ouve falar em carne e em leite, no Brasil, mas quase nunca a imprensa fala do couro. Isto quer dizer que o couro não é rentável para o produtor?*

Arnaldo Frizzo - Sim e não. O Brasil sempre foi um exportador de couro para ser beneficiado e enriquecer pessoas de outros países. Nada diferente do que acontece com centenas de outros produtos que são praticamente proibidos de serem beneficiados aqui mesmo. O Brasil é tratado como uma "colônia", inclusive pelos nossos governantes, com direito a produzir a matéria-prima mas não de beneficiá-la. O couro pode não ser rentável para o produtor mas é para a balança de pagamentos, pois o saldo entre exportações e importações sempre foi positivo – bem ao contrário de outros produtos. O Brasil sempre lucrou com o couro, muito mais do que com a carne.

AT - *O setor frigorífico vem fazendo festa com exportações que atingiram US\$ 600 milhões e já está falando em atingir US\$ 1,0 bilhão nos próximos anos. A imprensa faz festas e elogia o setor de carnes. Por que o setor coureiro não faz festas?*

Arnaldo Frizzo - O melhor resultado da última década foi o de 1997, quando o saldo do setor couro e seus manufaturados, foi de US\$ 1,9 bilhão para US\$ 2,3 bilhões de vendas externas. Entre 1992 e 1999, o Brasil teve um superávit de 14,69 bilhões no setor coureiro. Trata-se, portanto, de um setor de grande importância para o país, pois garante um saldo líquido

todos os anos. Já se prevê um superávit acima de US\$ 3,0 bilhões no ano de 2002 – segundo o Centro das Indústrias de Curtume do Brasil. A própria história mostra que o couro sempre deu lucros para o Brasil. Mesmo assim, não há motivos para festas, no momento, pois as exportações caíram e houve um enorme desemprego no setor e desativação de fábricas, por medidas erradas do governo que está insistindo em tirar o couro dos brasileiros... A meta do empresariado é um superávit setorial mínimo de US\$ 6 bilhões. Bastaria um sistema tributário racional. O atual é burro e anti-Brasil.

AT - *É fácil comparar o resultado líquido das vendas de carne e de couro?*

Arnaldo Frizzo - O saldo positivo da exportação/importação no setor de carnes e laticínios foi de US\$ 736 milhões em 1996; de US\$ 875 milhões em 1997 e de US\$ 858 milhões em 1998. Já o setor de couros e calçados teve o saldo positivo de 1,9 bilhão em 1996; de US\$ 1,9 bilhão em 1997, de US\$ 1,7 bilhão em 1998 e US\$ 1,9 bilhão em 1999. O couro rende muito mais para o país e pode render ainda três vezes mais, no mínimo.

AT - *E por que a imprensa só fala em carne e quase nunca em couro?*

Arnaldo Frizzo - Porque a carne é alimento de primeira ordem. Todos precisam de carne para sobreviver. Ninguém come couro de fazer sapato. Acontece que o couro agrega valor, ao se transformar em muitos produtos. Já a carne não agrega valor,



Arnaldo José Frizzo Filho

ela apenas é carne. Um couro, transformado em sapato pode valer mais de US\$ 300,00. Já um quilo de carne sempre custará o mesmo valor, algo como US\$ 1,80.

AT - *Como é que o governo tem prejudicado o setor coureiro?*

Arnaldo Frizzo - O governo vem agredindo o setor com impostos progressivos que vai minando o esforço exportador do empresário brasileiro. "Não há melhor saída para o eterno problema do balanço de pagamentos que a via da exportação mas os governos, Federal e Estaduais, estão trocando esta saudável alternativa por uma política tributária cruel que reduz o horizonte brasileiro" – afirma a revista "Courobusiness". O governo tem alma confiscatória, só quer punir, confiscar, taxar, expropriar. A palavra "estimular" parece não existir... Eis um absurdo: para agravar a situação, o governo inseriu na Medida Provisória 2.013-4, já transformada na Lei 9.959, de 27.janeiro.2000, a incidência de alíquota de 15% de Imposto de Renda na remessa de recursos para pagamento de stands em feiras internacionais. Assim, fica mais caro promover o produto "made in Brazil", no exterior. Ou seja, o governo provoca o aumento do "Custo Brasil", ao invés de baixá-lo! E derruba o couro brasileiro no exterior, justamente onde

deveria promovê-lo. Um absurdo estratégico... Historicamente, isso já aconteceu com outros produtos brasileiros que estavam dando certo no cenário internacional e que, no final, alguns governantes trataram de derubar, deixando que alguns países tomassem as rédeas.

AT - Quer dizer que, sem o governo atrapalhando, o setor poderia gerar muito dinheiro para o país?

Arnaldo Frizzo - Exatamente isso. Se o governo não criar obstáculos, o setor coureiro continuará faturando alto. Isso até que o país apresente condições estimulantes para sediar uma renovada e notável indústria calçadista, de competitividade mundial, para vender mais de US\$ 8 bilhões/ano. O Brasil tem o couro, tem os empresários, tem os bovinos, tem o ambiente propício para produção - falta o governo enxergar tudo isso e garantir que os lucros fiquem com os próprios brasileiros. No momento, ele está mandando o dinheiro e emprego dos brasileiros para outros países... e enviando todo nosso potencial estratégico para o espaço.

AT - O que é melhor para o Brasil: exportar carne ou exportar couro?

Arnaldo Frizzo - Exportar as duas coisas, é claro. O couro, no entanto, consegue muito mais dinheiro, como sempre conseguiu, pois é produto que agrega valor. O setor coureiro foi muito prejudicado pelo Plano Real e poderia ter rendido, adicionalmente, US\$ 2,5 bilhões/ano para o país, nesse período...

Bastaria, para isto, que fosse mais estimulante e competitivo exportar couros acabados, sapatos e manufaturados, ao invés de couros em estágios primários.

Falo isto com conhecimento de causa. A Braspelco, empresa que dirige há 14 anos, é produtora de couros Wet Blue, Semi Acabados e Calçados de exportação.

Somos os líderes na exportação de couros em estágios primários, nos últimos 10 anos. Não é este o interesse do País. Se fazemos esta opção, é porque o sistema tributário brasileiro incentiva a exportação de matérias-primas e penaliza a exportação de manufaturados de alto valor agregado e várias etapas produtivas.

É descaso puro. A burocracia tributária sobrepõe-se a política estratégica de nação. Invertem-se os valores.



A visão política estratégica é colocada em segundo plano e a Nação perde.

O País não deve se apequenar. Nossos governantes, políticos e estadistas de visão devem e precisam reagir. A coragem de tomar decisões estratégicas precisa aparecer.

AT - Mas o governo vive falando que quer incentivar a entrada de dólares no Brasil e o senhor afirma que no setor de couro vem acontecendo o inverso...

Arnaldo Frizzo - Depois de 1993, o Brasil reduziu as exportações de calçados, ao invés de aumentar. Passou de US\$ 1,95 bilhões para apenas US\$ 1,3 bilhão. Na década de 1990, a exportação do couro "Wet Blue" - que é o couro para beneficiamento no exterior - saltou de 2,0 para 12 milhões de unidades! Um absurdo estratégico, o Brasil passou a exportar empregos...

Não temos estratégia competitiva de Nação. Nos subordinamos aos ditames estrangeiros como se não tivéssemos cérebros para criar um desenvolvimento próprio, centrado em setores onde temos vantagens competitivas naturais. No nosso caso, estas vantagens naturais são destruídas pela ação burocrática fiscal míope. A grande visão dos bons políticos precisa sobrepujar-se à visão de interesses submissos.

AT - O Plano Real então prejudicou o couro brasileiro?

Arnaldo Frizzo - Não, não foi o

Plano em si, mas sim a equipe econômica que comanda o destino da nação. Essa equipe desestimulou a exportação de produtos manufaturados e incentivou a exportação de produtos "in natura", ou seja, do couro como "matéria-prima" para ser beneficiado no exterior. E esse prejuízo ainda persiste. Prevalece a visão tributarista, monetarista em detrimento de uma política de desenvolvimento que respeite não só estes itens, mas, também, a visão estratégica de desenvolvimento do País.

AT - Esta aberração dos tecnocratas privilegiou outros países, prejudicando o setor coureiro brasileiro.

Arnaldo Frizzo - Exatamente. A Itália não produz couro cru mas é a maior produtora mundial de produtos de couro, ocupando mais de 10 vezes o espaço do Brasil em feiras mundiais, exportando até quatro vezes mais que o Brasil. Na verdade, nos últimos seis anos inverteu-se a situação histórica nacional e conseguiram destruir boa parte da operação dos curtumes e calçadistas. O país foi remetido de volta ao período colonial, em termos de couro. A Itália está deitada num berço esplêndido chamado "Brasil".

Agora, a Ásia também toma nosso espaço.

Técnicos brasileiros em couro e calçados, estão promovendo o desenvolvimento na China, utilizando como matéria-prima o couro brasileiro. Será algum objetivo estratégico secreto, ou é pura miopia de nossos governan-

tes? Temos a matéria-prima estratégica, de oferta inelástica, que é o couro cru. Temos as fábricas, temos a cultura de produtores de couro e calçados. Temos os técnicos, a tecnologia, a mão-de-obra especializada. Vendemos para mais de 50 países. Participamos como expositores de todas as feiras mundiais.

AT - *Porque então, estamos perdendo terreno?*

Arnaldo Frizzo - Porque nossa promoção de vendas ao exterior é penalizada por tributos (IR), enquanto nossos concorrentes são estimulados e subsidiados em 50% do custo promocional de feiras.

AT - *Porque nosso sistema tributário desonera as exportações de matérias-primas, o que é justo, porém, onera e castiga a exportação de manufaturados, o que é injusto, irracional e suprema burrice?*

Arnaldo Frizzo - Porque o custo de capital para nossos concorrentes fazerem estoques estratégicos da principal matéria-prima - Couro Cru - é barato, 3 a 5% a.a. e permite estocar nos momentos de máxima oferta e baixo preço, enquanto para nós, custa 20 - 30 - 40% a.a. e, na maioria das vezes, o capital não está disponível.

Quando o mercado reage, o produtor brasileiro só tem a matéria-prima cara para trabalhar. Aí vem o governo e diz que somos anacrônicos, incompetentes. Que queremos proteção. Ou seja, enquanto nossos concorrentes estão munidos de um bôlido de fórmula 1, nos vamos de Ford 29. Onde está a isonomia competitiva?

O domínio como fornecedor

AT - *O senhor fala como se o Brasil fosse um gigante na área do couro mas o país tem couro, de fato, para ser um grande fornecedor mundial?*

Arnaldo Frizzo - O rebanho bovino brasileiro já passou de 161 milhões de cabeças, com uma taxa de abate ao redor de 19%, significando 32,0 milhões de animais abatidos todos os anos. O rebanho dos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, soma 74,8 milhões de cabeças, quase a metade do rebanho brasileiro. Isso tem um valor enorme para a indústria coureira. O

Conselho Nacional de Pecuária de Corte projetou um rebanho de 220 milhões de cabeças para o ano de 2010. Nenhum país tem essa riqueza. E melhor ainda: o rebanho brasileiro pode evoluir para algo como 400 milhões de cabeças... É só o governo não atrapalhar o setor rural e ver os pecuaristas enchendo o país de dinheiro!

AT - *O couro brasileiro é um bom material para a industrialização?*

Arnaldo Frizzo - Não, ainda não é, mas vem progredindo. Hoje, 15% dos couros são de primeira, 40% são de segunda, 30% são de terceira e 15% são de refugos. Como exemplo cita-se o Mato Grosso do Sul, detentor do maior rebanho de corte do país

Arnaldo Frizzo - Normalmente, o couro vale 7% das arrobas de carne de um bovino. O traseiro equivale a 57% das arrobas, o dianteiro a 22% das arrobas, a ponta-de-agulha a 9% das arrobas, o couro entra com 7% das arrobas e os subprodutos entram com 5% das arrobas. Essa é a prática dos frigoríficos para chegar ao valor final de cada bovino.

AT - *Como o produtor de bovinos é remunerado pelo couro?*

Arnaldo Frizzo - O couro pesa entre 8% do peso vivo do animal e, independente de sua qualidade, tem o valor comercial estimado entre 6 a 10% do valor do animal em pé. Durante a última década, o setor de curtume remunerou o couro cru bra-



mas que produz apenas 10% de couro de primeira categoria. Enquanto isso, nos Estados Unidos e outros países, mais de 80% do couro é de primeira qualidade.

AT - *E o setor coureiro vem tentando melhorar a qualidade do couro brasileiro?*

Arnaldo Frizzo - Sim. Para transformar o prejuízo em lucro, empresas como a Braspelco e o CICB - Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil vem desenvolvendo, desde 1996, o "Programa Brasileiro de Melhoria do Couro Cru", parceria entre curtumes e frigoríficos, que já conseguiu reduzir o percentual de couros furados, de 40% para apenas 5%.

AT - *Qual o valor real de um couro de boi?*

sileiro por 50% do valor recebido pelos norte-americanos. Por que? Simplesmente porque 5% dos couros norte-americanos apresentam os defeitos apresentados por 93% dos couros brasileiros.

AT - *É uma grande diferença de preço, por conta de "defeitos" no couro. Quais são esses grandes defeitos?*

Arnaldo Frizzo - Os principais são: marcas de fogo em áreas nobres do couro; riscos provocados por cercas de arame farpado, farpas de madeira, etc.; degradações causadas por ectoparasitas (berne, carrapatos, sarnas); esfolas precárias, causando furos e cortes; má conservação das peles após o abate - e outros.

AT - *O pecuarista, então, está perdendo dinheiro com o couro?*

Arnaldo Frizzo - Sim, e muito. Está deixando de ganhar. Basta fazer as contas. Em um único ano, o preço pago por 30 milhões de couros, a US\$ 27 por peça verde (ou US\$ 0,73 por quilo), totaliza US\$ 810 milhões - no Brasil. Já nos EUA, a mesma quantidade de peças, a US\$ 48 cada (ou US\$ 1,30 por quilo), totaliza US\$ 1.440 milhões. Ou seja, o Brasil perde, a cada ano, US\$ 630 milhões - bem mais que a média de exportação de carnes. O valor que o país deixa de lucrar com as vendas de couro supera a soma total das exportações de carne - que é festejada e badalada pela imprensa e pelos tecnocratas!

AT - A médio prazo, os pecuaristas deixam de ganhar uma verdadeira fortuna!

Arnaldo Frizzo - Exatamente. No espaço de cada 10 anos, o Brasil perde praticamente US\$ 6,3 bilhões de saldo líquido - uma fábula! Essa perda corresponde a um rebanho de 18 milhões de cabeças de bovinos abatidos - tomando apenas por base o valor do couro cru. Quando verifica-se que os manufaturados de couro valem 10/15 vezes o valor do couro cru, a cifra atinge contornos catastróficos.

AT - Quer dizer que na década de 1990 o país jogou fora essa montanha de dinheiro?

Arnaldo Frizzo - Sim. É fácil observar que somente nesta década foram jogados fora US\$ 5,6 bilhões. Qual o motivo? Simplesmente porque o governo não incentivou ou estimulou a indústria do couro. Ao contrário, tratou de penalizá-la. Isso significa que 18,0 milhões de bovinos foram jogados fora! Os produtores deixaram de ganhar cerca de US\$ 500 milhões/ano entre 1986 a 1995, mesmo verificando que os abates passaram de 20 para 28 milhões nesse período. Ou seja, o mercado cresceu mas não se desenvolveu. Esses números mostram um incrível desperdício de potencialidade, justamente num momento em que o governo tanto fala em melhorar a competitividade e a produtividade.

AT - O couro cru tem grande evo-

lução de preço, à medida em que é beneficiado?

Arnaldo Frizzo - Sim. O valor médio de um couro cru, para compra, é de US\$ 20,00 por unidade. O couro "Wet Blue", ou seja, o couro no estágio inicial de fabricação, vale US\$ 40,00. O couro acabado vale US\$ 80,00. O couro já beneficiado e transformado em sapato vale US\$ 350,00.



AT - Por que US\$ 350,00 por um único couro?

Arnaldo Frizzo - Porque o valor de um par de sapato, de boa qualidade, é de US\$ 14,00 e um bom couro comporta até 25 pares de sapatos. Ou seja, um couro - depois de transformado em sapato - gera uma receita igual ou até superior à venda de um boi gordo ao frigorífico. De fato, um boi pesa, em média, 16 arrobas, e cada arroba vale entre US\$ 20,00 a US\$ 22,00. Um boi acaba valendo entre US\$ 300,00 a US\$ 350,00.

AT - A trajetória do couro termina sempre em sapatos e bolsas?

Arnaldo Frizzo - Existem centenas de produtos que utilizam o couro. Além das camadas escolhidas para a fabricação dos produtos mais conhecidos, como chapéus, sapatos, casacos, etc. o que sobra é a raspa, um tecido altamente protéico incorporado na formulação de gelatinas, cervejas, iogurtes, balas, cosméticos, cremes, cápsulas de gel, chicletes e brinquedos comestíveis para cães. Antes dessa etapa, porém, já foi extraído o sebo, que serve de componente para a fabricação de produtos de limpeza e de higiene. O couro é a origem de muitas riquezas já conhecidas e

outras já estão sendo pesquisadas.

Crescendo como vendedor mundial

AT - No cenário mundial, o Brasil tem evoluído como "presença" em relação aos produtos de couro?

Arnaldo Frizzo - Sim, de forma muito importante. O país já vem ganhando espaço internacional nas negociações de couro, muito mais que o setor de carnes. No ano passado, exportou para quase 90 países, numa lista liderada pela Itália, responsável por 33,04% das compras do Exterior. As exportações de couro e derivados, são da ordem de US\$ 1,7-2,5 bilhões/ano. Para o ano 2002 está prevista uma exportação de US 1,5 bilhão, só em couro.

Nos últimos 5 anos, o Brasil entrou no mercado de couros para estofamento de móveis e automóveis. Já é o fornecedor mundial mais competitivo. 40% de nossos couros agora vão para móveis, outra indústria que podemos e devemos desenvolver. O Brasil abastece 30% da demanda de couro mundial para móveis de classe média.

AT - O parque nacional coureiro é muito grande?

Arnaldo Frizzo - É grande, mas poderia ser muito mais forte. Cabe muita gente na atividade. No momento, são quase 500 empresas envolvidas no beneficiamento de couros para exportação, embora sobrevivendo ainda no estágio "Wet Blue", ou seja, da pele apenas curtida. Trata-se de um material de baixo valor agregado, que representou quase 75% do total de 15.578.099 peças que deixaram as fronteiras brasileiras em 1998. Agora, parte-se para o desafio de aumentar a participação dos tipos "Crust", ou Semi-Elaborado e o couro acabado - já pronto para confecção. Estes dois tipos de couro tiveram exportações de 1.698.066 e 1.586.021 peças, respectivamente, no mesmo período. O couro salgado, fase primária do couro, chegou a 713.102 unidades.

Mais empregos que qualquer outra atividade

AT - *O senhor censurou o governo por desestimular a indústria calçadista que poderia gerar muitos empregos e salários no Brasil.*

Arnaldo Frizzo - Sabe-se que 1,0 milhão de pares de sapato/ano corresponde a uma fábrica de 600 empregos diretos e outros 400 no curtume e empresas de componentes. Cada emprego gerado na cadeia do couro/calçados exige um investimento de apenas US\$ 1.000,00 para a reconstrução e modernização do parque industrial existente - muito baixo quando se observa que a indústria automobilística exige praticamente US\$ 1,0 milhão!

AT - *Quer dizer que cada emprego gerado na indústria automobilística é suficiente para construção de uma fábrica de calçados para beneficiar 1,0 milhão de pares que geram 1.000 empregos?*

Arnaldo Frizzo - Exatamente isso. É quase incompreensível observar que, na última década, o Brasil passou a reduzir a produção de calçados de couro, ao mesmo tempo que passou a aumentar a exportação de matérias-primas e couros em estágio inicial de beneficiamento ("Wet Blue"). Literalmente, o país passou a jogar dinheiro e empregos fora, comprometendo a nossa Balança Comercial!

AT - *O Brasil teria condições de absorver tanto couro?*

Arnaldo Frizzo - Como sapatos, é claro que não, mas existem outras formas de agregar valor ao couro. Mesmo assim, sobraria muito couro para exportação. A exportação de "Wet Blue" atingiu 12 milhões de couros, equivalentes a 300 milhões de pares de sapatos (que foram ser fabricados em outros países). Equivalem, também, a 300.000 empregos que deixaram de ser gerados no Brasil. Portanto, o desemprego muitas vezes é proveniente do próprio Governo e não dos empresários, como se preconiza por aí.

AT - *Se o país está jogando fora o couro, o que acontece com as fábricas de calçados brasileiras?*

Arnaldo Frizzo - É uma realidade

que precisa ser enfrentada rapidamente: o país tem um parque calçadista que vem sendo desativado e que seria capaz de transformar estes couros em calçados. Depois dos descabros dos últimos seis anos, o setor coureiro exige apenas investimentos da ordem de US\$ 300 milhões, gerando, inclusive, os citados

que sim. O país apresenta farta mão-de-obra especializada e barata em certas regiões que poderiam abrigar a fabricação em alta escala de calçados de baixa ou média qualidade (ao redor de US\$ 5,00 a US\$ 15,00 por par). O Brasil perdeu espaço, nessa área, nos últimos tempos, pela queda na competitividade, no campo tri-



300.000 empregos. Se estas fábricas funcionassem, haveria um faturamento líquido de US\$ 4,5 bilhões que, em boa parte, iria para a exportação, carreando divisas para o país, melhorando a Balança Comercial brasileira.

AT - *O Brasil tem competitividade e tradição para beneficiar todo o couro que produz?*

Arnaldo Frizzo - Pode se afirmar

butário ao mesmo tempo que o governo, paradoxalmente, oferecia vantagens tributárias na exportação das matérias-primas e produtos em estágios iniciais.

O incrível é que esta política desastrosa também provocou menor remuneração da matéria-prima couro cru. Ou sejam, foram penalizados os fabricantes de couros, calçados, seus trabalhadores e, também, o produtor de couro cru. É inacreditável!

AT - *Quer dizer que, após a "Lei Kandir", que desonerou a exportação de matérias-primas, o valor pago ao couro cru diminuiu?*

Arnaldo Frizzo - Exatamente. A "Lei Kandir", ao invés de ajudar, só atrapalhou nossa cadeia produtiva.

O ciclo da produção dos manufaturados de couro passa por 4-5 etapas, acumulando tributos em cascata (PIS/COFINS/CPMF) e ICMS nas operações interestaduais.

Nos setores que compõem a cadeia, temos as indústrias frigoríficas, localizadas numa região, curtumes em outras e calçadistas e moveleiros em outras. Gera uma confusão e acúmulos tributários. Cria-se um jogo de



Fone: (61) 328-8130

Fax: (61) 328-7987

E-mail: cicb@zaz.com.br

empurra e as empresas especializadas em exportação, inviabilizam-se, pois as receitas estaduais e federal obstaculizam a restituição ou repasse dos créditos tributários.

Desta forma, sobra matéria-prima, seu preço deprecia-se e as indústrias capitalizadas ou com acesso a capital do exterior, localizadas em países organizados para importar e exportar, adquirem, a baixo preço, nosso couro em estágios primários, estocam estrategicamente e ditam o preço do produto acabado.

Elevam o preço da nossa matéria-prima, quando sua disponibilidade é menor.

Os brasileiros ficam com a matéria-prima cara e eles, competidores estrangeiros, realizam o lucro sobre o estoque estratégico feito com nossa matéria-prima barata.

É assim que todos os brasileiros perdem, inclusive nossos trabalhadores, que ficam sem os empregos.

AT - Qual seria uma solução para fabricar esses sapatos populares?

Arnaldo Frizzo - Provavelmente, o mais racional seria transferir as fábricas de primeiro estágio que se encontram nas regiões desenvolvidas, para as regiões mais pobres, onde a mão-de-obra é abundante e barata e, se possível, conciliando com as regiões onde estão os rebanhos, os frigoríficos e os curtumes de Wet Blue, criando ainda, estímulos de baixo custo para a sociedade, rapidamente geraríamos riquezas, progresso, empregos e divisas externas.

AT - E a fabricação de sapatos de melhor nível, com alto valor agregado?

Arnaldo Frizzo - Nesse setor o

Brasil está apenas engatinhando, pois não há um sistema organizado com objetivo de transição do primeiro estágio para o segundo. As fábricas desses sapatos de melhor nível deveriam permanecer nas regiões mais prósperas. O país tem condições de implantar um programa de transição visando atingir os mercados mais sofisticados do planeta, com as mesmas fábricas já existentes, ou até criando atratividade para a entrada de outras fábricas do Brasil e do exterior.

AT - Por tudo que foi dito aqui, parece que o setor de couro é riquíssimo mas muito mal conhecido, principalmente pelas autoridades governamentais.

Arnaldo Frizzo - Exatamente. A cadeia produtiva que vai do bezerro até o sapato ou manufaturados do couro é uma das mais ricas do país, potencialmente. E que, com certeza, é uma das menos exploradas. O país pode se transformar numa grande potência mundial ao deter o domínio do couro manufaturado. Transformar o couro em manufaturado, portanto, é questão de racionalidade econômica.

De interesse estratégico de um País que precisa, dramaticamente, gerar empregos e desenvolvimento.

Nenhuma outra cadeia produtiva oferece tanta atratividade na relação custo x benefício para a sociedade. O governo precisa acordar.

O boi é "moeda-viva"

AT - O pecuarista larga o boi no campo e, como resultado, o couro é de baixa categoria, sem conseguir um

bom valor. Há fundamento para essa postura do pecuarista?

Arnaldo Frizzo - O problema está na base. Devido ao intervencionismo no processo econômico e a inflação descontrolada que vivemos no passado, o boi deixou de ser considerado um produto e foi tratado como um ativo financeiro, e - então - bastava-lhe sobreviver nos campos. Assim, a falta de qualidade do couro não foi tão acentuada quanto foi o aumento de quantidade. O boi é uma "moeda viva", é um "banco" do pecuarista. A pecuarista, portanto, interessava o boi vivo, no pasto, como "moeda", independente da qualidade do couro. Por isso, o Brasil tem muitos bovinos produzindo muitos couros, mas de qualidade inferior.

AT - Este panorama tende a se modificar?

Arnaldo Frizzo - Sim, rapidamente, pois centenas de novos produtores rurais, empresários, industriais etc. estão investindo na pecuária. Isto está gerando uma melhoria na qualidade do couro, rapidamente. Acreditamos que irão surgir, inclusive, empresas especializadas em transformar couro, representando o ingresso do Brasil no mundo da competitividade, onde impera o profissionalismo. Basta que a racionalidade tributária prevaleça.

Não estamos falando de privilégios ou subsídios. Estamos reclamando por inteligência e racionalidade. Sobre isso!

AT - Existe motivo para euforia ou ufanismo no tocante à produção do couro?

Arnaldo Frizzo - Bem, o Brasil é o único país em condições de aumentar



Fone: (61) 328-8130

Fax: (61) 328-7987

E-mail: cicb@zaz.com.br

● O futuro da pecuária brasileira está ligado ao couro.

● Couro - Ano 2000 a 2010: quando o Brasil irá dominar o setor mundialmente.

● Por tradição, o couro sempre rendeu muito mais que a carne.

tar, fabulosamente, sua produção de proteínas com custos menores, pois tem sol durante o ano inteiro. O país pode produzir mais bois, com couro e carne obtida em regime de pastagem, ou seja, com qualidade muito superior. Dentro de 10 anos, o Brasil estará abatendo mais de 40 milhões de bovinos/ano, sempre com alta qualidade.

O couro cru é transformado, mundialmente, em produtos acabados, de alto valor agregado. Os transformadores de couro em produtos de alto valor vivem na Europa e outros continentes mas somente o Brasil pode aumentar a oferta de couro. Isso é uma constatação aritmética. Cabe ao Brasil decidir se quer permanecer exportando apenas couro de pequeno valor agregado ou exportar produtos realmente de grande valor agregado, passando a competir diretamente com a Europa, Ásia e USA.

AT - Os europeus ficarão de braços cruzados, vendo o Brasil dominar o mercado deles?

Arnaldo Frizzo - Os europeus estão aterrorizados, quando analisam o futuro, pois pretendem continuar produzindo na Europa onde as chances serão cada vez menores, pois a matéria-prima, de oferta inelástica, encontra-se na América Latina. Por conta disso, é fácil supor que as indústrias brasileiras, em boa parte, passarão para mãos de empresários europeus, na próxima década. Os europeus vão comprar boa parte das indústrias coureiras do Brasil... como forma de manter o suprimento de matéria-prima. Isto não nos preocupa nem aterroriza, ao contrário, que o desenvolvimento chegue o quanto antes. Precisamos apenas atraí-lo.

Para isto, é que chamamos a atenção do governo.

Uma Zootecnia do couro...

AT - Pode vir a ser estimulada uma "Zootecnia do couro", no Brasil?

Arnaldo Frizzo - Creio que sim, pois a produção de couro é mais lucrativa para o país que a produção de carne. Então a Zootecnia tropicalista logo deverá estar descobrindo que a melhor maneira de sucesso seria ocupar novas e novas fronteiras - exatamente como no período colonial. Nessa ótica, não importaria apenas o tamanho do bovino, nem apenas sua qualidade morfológica, mas também, e principalmente, a qualidade de seu couro, para a indústria. No período colonial, a carne dos bovinos ficava para os urubus, nos pampas gaúchos, pois o "valor" do animal estava no couro.

AT - Quer dizer que o futuro da pecuária brasileira pode ser produzir couro, ao invés de carne?

Arnaldo Frizzo - O país precisa de carne e leite para a população e sempre estará produzindo tais alimentos. E, felizmente, o fazemos por um custo baixíssimo, que permite a nossa população consumi-la. A verdade é que o Brasil tem sol durante o ano inteiro, para produzir "boi de capim", obtendo muita carne, muito leite e muito couro. É só aproveitar o que Deus já deu de presente para o povo e transformar potencialidades em realidades, empresários e governo unidos por uma estratégia comum de País, para que, acima de tudo, ganhe a Nação.

AT - Está implícito que o bovino de couro deve ser o Zebu, devido ao sol...

Arnaldo Frizzo - Qualquer bovino criado no Brasil pode produzir couro de boa qualidade. É claro que para ocupar as vastidões nacionais, sob o sol tropical, só existe um bovino: o Zebu. Ou seja, o Zebu está ganhando prestígio como reprodutor para garantir sapatos de qualidade, ou outros produtos, para o mundo - isso é um fato e sua notoriedade estará sendo reforçada.

AT - É comum ouvir que "o Zebu constitui o maior patrimônio genético bovino do mundo tropical". Isso tem algo a ver com o couro?

Arnaldo Frizzo - Sim, pois o Zebu é uma garantia de um bom futuro para todos os que habitam o setor rural. Todo bovino pode produzir um bom couro mas o Zebu tem a vantagem de ser originário de regiões quentes. Assim, quando o Brasil tiver um rebanho de 400 milhões de cabeças, a grande maioria será de zebuínos, obviamente - produzindo muito couro, muita carne, muito leite, calçados, empregos, impostos e muitos dólares.

Nós, trabalhadores e empresários, estamos trabalhando ordenadamente para que isto se materialize e vamos sacudir o governo para atentar para nossas potencialidades. ★

Arnaldo José Frizzo Filho, pecuarista, curtidor e calçadista. Foi Presidente do CICB - Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil, atual Vice Presidente Comércio Exterior, Gerente do Programa Especial de Exportações do Couro - CAMEX e Diretor Superintendente da Braspelco Indústria e Comércio Ltda., a maior exportadora de couros nos últimos cinco anos



Fone: (61) 328-8130

Fax: (61) 328-7987

E-mail: cicb@zaz.com.br

- *Industrialização do Couro: o setor que mais irá crescer no novo milênio.*
- *Todo pecuarista pode lucrar muito mais, produzindo couro de boa qualidade.*
- *CICB: levando o couro brasileiro aos lares do mundo inteiro...*

A irradiação Gama nos alimentos

Inicialmente utilizado para a esterilização de produtos médico – hospitalares, o processo de irradiação Gama tem sido também empregado com sucesso, principalmente nos EUA, em produtos e bens nos mais diversos setores, como turfas (pó inoculante usado no plantio de soja)

Um grande inovador no uso da tecnologia tem sido o setor agropecuário, que se beneficia da irradiação Gama para preservar os alimentos da ação de pragas, insetos e bactérias, além de aumentar o seu tempo de vida. Em 1997, nos EUA, após alguns casos de contaminação pelas bactéria E.coli, que atingiu muitas pessoas e resultou em algumas mortes, através da ingestão de carne e hambúrguer em uma famosa rede de lanchonete, o órgão americano FDA – Food and Drug Administration aprovou o tratamento por irradiação em carnes industrializadas, o que elimina qualquer risco de contaminação.

"Estima-se que 25% de toda a produção mundial de alimentos seja perdida como consequência da contaminação e da decomposição. Para reverter esse quadro e sustentar os níveis de consumo para uma população mundial que, no fim do século, deve exceder os seis bilhões de pessoas, não basta aumentar a produção de alimentos. É fundamental reduzir as perdas e assegurar a qualidade dos produtos armazenados, o que está associado à disponibilidade de tecnologias de preservação e conservação eficientes e confiáveis", de acordo com o artigo de José Goldemberg – ex-ministro da Educação e ex reitor da USP – publicado no jornal O Estado de São Paulo em 17/06/97.

O processo de esterilização por irradiação gama, graças a sua segurança, eficiência e, principalmente, por não alterar a qualidade nutricional do alimento, pode ser considerado uma das soluções para o problema. Além de evitar e eliminar processos



rança defendidas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear – CNEN, a Companhia

**Banana irradiada:
até 45 dias de vida útil.**

de infestação, contaminação ou decomposição, a utilização do método permite aumentar o tempo de vida do alimento. O morango por exemplo, que tem o período de no máximo uma semana para consumo pode durar de 3 a 4 semanas, enquanto a banana pode durar até 45 dias. Um dos grandes obstá-



**Com irradiação gama o morango
pode durar de 3 a 4 semanas.**

culos para a adoção do processo de esterilização por irradiação gama é a falta de informação e o preconceito que existe entre alimento irradiado e contaminado nuclearmente. No entanto, a irradiação gama não deixa resíduos, pois os alimentos são expostos a doses predeterminadas, sem que haja o contato físico entre o produto e a fonte radioativa. A Nasa, agência espacial do governo norte-americano, por exemplo, fornece aos astronautas somente alimentos irradiados em seus vôos, o mesmo acontecendo com a alimentação usada pelo exército nos EUA.

Unidade Industrial da CBE- Após quatro anos de pesquisa e de espera para a concessão do licenciamento e atendendo todas as normas de segu-

Brasileira de Esterilização (CBE) colocou em produção em outubro passado sua primeira unidade industrial de serviços de esterilização por irradiação gama, visando num primeiro momento atender o setor de produtos médico- hospitalares, tais como seringas descartáveis, medicamentos, materiais de laboratórios, roupas e máscaras cirúrgicas, algodão, preservativos, catéteres, luvas, produtos oftálmicos, contraceptivos, próteses e turfas (pó inoculante usado no plantio de soja). Instalada no interior de São Paulo, na cidade de Jarinu, a nova unidade, com capacidade para esterilizar 80 mil metros cúbicos de produtos por ano, consumiu investimentos de ordem de R\$ 10 milhões. Em todo mundo existem apenas 20 com a mesma atividade da CBE.

O processo de esterilização por irradiação gama oferece muitas vantagens em relação a outros métodos utilizados graças ao seu alto poder de penetração, custo mais baixo, inexistência de resíduo no produto após sua esterilização e principalmente por não poluir o meio ambiente. O processo é altamente confiável, justamente pelo fato de que o tempo de exposição, densidade da carga e potência da fonte são as únicas variáveis a serem controladas e a possibilidade de erros é quase nula. Todo o processo de esterilização da CBE foi pensado e analisado tendo como referência as mais modernas instalações de plantas de cobalto do mundo. A empresa conta com a parceria da Nordion, do Canadá, maior fornecedor mundial do setor.

Você sabia...?

... que os chifres de bois servem como espantalho?
Muitos plantadores colocam chifres em longas varas e espetam-nas ao longo dos canteiros ou nas roças.
(Crendice bantu)

Você sabia...?

... que 1,3 bilhão de pessoas vivem com menos de 1 dólar por dia, em absoluta pobreza?
Por outro lado, poucas pessoas têm muito dinheiro sobrando.

É preciso conhecer o próprio solo

O produtor precisa conhecer o solo que tem, diz o professor Godofredo Vitti, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). Primeiro visualmente, identificando pontos de erosão, animais magros, amarelamento do pasto. Depois, ele deve mandar analisar uma amostra das folhas da forrageira. No caso das gramíneas, ele deve tirar 20 amostras em ziguezague da parte da planta que o gado come e cortar rente ao chão, no período de máximo crescimento. Misturar as

folhas numa vasilha sem resíduos ou sujeira de espécie alguma e retirar uma amostra composta de mais ou menos 300 gramas, enviando-a o mais rápido possível para um laboratório especializado.

"O que estiver faltando na planta, também falta ao solo", comenta o engenheiro agrônomo Marcelo Melarato Silva, também da Esalq. A amostra deve ser colocada num saco de papel estéril (completamente limpo e sem uso anterior), com todas as informações sobre o pasto, tipo de exploração e de animais, além da numeração e identificação.

Análise de solo

Também é preciso fazer a análise do solo. O produtor deve retirar, ao acaso, de 15 a 20 amostras de mesma quantidade, andando em ziguezague. A amostra deve ser tirada com sonda ou trado holandês e, depois, misturada com as demais num balde inerte. Desse material, colher de 300 a 500 gramas, colocar num saco plástico, identificar e mandar fazer análise no laboratório.

Recomendações para adubação

Só com o resultado das análises é possível se fazer o manejo químico da pastagem.

"Embora você esteja adubando, nem tudo que você coloca no pasto é naturalmente aproveitado", informa Godofredo Vitti.

Assim, é necessário reduzir as perdas que acontecem por meio da erosão, lixiviação, fixação ou volatilização.

As perdas por erosão são compensadas pelas práticas conservacionistas (terraços



e/ou desniveis).

A lixiviação, processo pelo qual os nutrientes descem para o subsolo com a água da chuva, é evitada criando-se condições para aumento das raízes da planta, com a calagem.

A fixação - alguns elementos como o fósforo "grudam" nas moléculas de outros elementos e não ficam disponíveis para a planta - também é combatida por meio da calagem. A volatilização, ou "evaporação", no caso exclusivo do nitrogênio utilizado em forma de uréia, é evitada aplicando-se o produto nas horas mais frias do dia e nos períodos chuvosos.

Como retirar amostra do solo

1 - Limpe o local, afastando os restos de cultura, folhas, galhos etc. Passe a enxada ligeiramente pela superfície.

2 - Abra uma pequena cova, eliminando a terra retirada.

3 - Com a pá reta, acerte uma das paredes laterais e jogue para fora a terra do acerto.

4 - Retire uma fatia de terra dessa parede, cortando-a com a pá reta até o fundo da cova. Coloque essa fatia no balde.

5 - Faça uma amostra composta, formada por diversas amostras simples (de 15 a 20). Retire as amostras caminhando em ziguezague pelo terreno.



Ácido Bórico Granular
Ácido Bórico Pó
Borax Decahidratado
Borax Pentahidratado
Solubor
Boroglas (Ulexita Anidra)
Granubor
Ulexita Natural



SUA MELHOR OPÇÃO
EM BORATOS

DISTRIBUIDOR DA
MARCA 20 MULAS

**BRASILBOR COMÉRCIO
E REPRESENTAÇÕES LTDA**

Rua Américo Brasiliense, nº 1.490 - 5º andar
Conj. 57/58 - CEP: 04715-002 - São Paulo - SP

Fax/Fone: (011) 5181-7219
(011) 5182-9824

Vida nova e longa para Umbuzeiro

Tudo começou quando o governador José Maranhão visitou a Estação Experimental de Umbuzeiro, na ocasião de sua transferência da Embrapa para a Emepa, e questionou sobre a qualidade do gado. "Antigamente, esse gado era sinônimo de beleza, de leite e de excelência. Agora está feioso!"

Cid, resolveu fazer oito doações, logo incorporadas ao rebanho sob comando do médico veterinário Dimas Bandeira e do chefe da estação, José Costa. No total, o programa irá receber cerca de 20 matrizes e mais 40 embriões de vacas leiteiras e de excelente caracterização racial. Esse material genético garantirá a criação de um banco de germoplasma

Parte do lote escolhido para seguir para Umbuzeiro.

de valor estratégico para a recuperação da antiga e milenar qualidade do rebanho. Assim, Umbuzeiro chega aos 62 anos de seleção de Gir e aos 80 anos de sua fundação, demonstrando maturidade e competência.

Nunca é demais relembrar a história. O rebanho de Umbuzeiro ficou largado à míngua, por longo tempo, quando não pertencia nem ao Estado, nem à Embrapa, estava no "limbo". Nesse período, sem verbas, o estabelecimento decaiu visivelmente, a ponto de Virgolino de Farias Leite Neto, diretor de Registro Genealógico e o estudioso Rinaldo dos Santos transportarem feno, de automóvel, por várias vezes, para ajudar – de alguma maneira – a existência do antes tão famoso gado. Todos os livros publicados sobre a raça Gir – são quatro somente de autoria de Rinaldo dos Santos, falam sobre a



Paulo Roberto de Miranda Leite entrega o Diploma de Benemérito do Gir de Umbuzeiro para o criador Omar Carvalho Cunha.

necessidade estratégica da recuperação do Gir de Umbuzeiro. Logo a seguir, a Emepa assumiu Umbuzeiro e a história mudou da água para o vinho, sendo o técnico Paulo Roberto de Miranda Leite um entusiasta da Zootecnia clássica.

Hoje, Umbuzeiro já se apresenta como alternativa de fornecimento de germoplasma de alta qualidade para os rebanhos Gir espalhados por todo o Brasil. O Gir é tão importante que acabou de ser escolhido, na Índia, como "modelo" para um selo comemorativo. De fato, o Gir mantém sua influência em 82,4% dos rebanhos brasileiros, através do Girolando e em muitos países.

A Emepa, como gratidão, instituiu um Diploma de "Benemérito do Gir de Umbuzeiro", pela primeira vez, entregando-o ao criador Omar Carvalho Cunha, da Fazenda Esmeralda, de Presidente Prudente (SP), pela doação das primeiras oito vacas. A entrega, oficializada pela Assogir, aconteceu na residência do criador, em maio. Nessa mesma ocasião, outra grata surpresa: o renomado criador resolve doar mais dez vacas, a serem escolhidas, ali, naquele momento, pelo Dr. Paulo Roberto de Miranda Leite e pelo estudioso Rinaldo dos Santos.

Jamais, na história, um criador teve atitude idêntica de abnegação e amor à perpetuação de seu gado. Assim, uma elite de vacas e novilhas, legítimas jóias raras, estão seguindo para Umbuzeiro. Somando-se aos embriões e outras doações, Umbuzeiro poderá desfrutar, rapidamente, do título concedido pela Embrapa no passado: "Capital Nacional do Gir Leiteiro".



Esta observação do governador apenas se somou a de centenas de outros e milhares de pessoas que deixaram de comprar tourinhos de Umbuzeiro, nos últimos anos.

Na verdade, por erro de técnicos da Embrapa, foi utilizado sêmen de mais de 100 touros Gir leiteiros, transformando o histórico rebanho em "co-baia" para testar touros, liquidando a beleza, o leite e a postura do gado. Até doenças estranhas surgiram pelo uso de touros que nem "puros milenares" eram. Depois de muitas reclamações e de pressão feita até em livros oficiais da raça Gir, a diretoria de Umbuzeiro resolveu procurar Da. Leda Góes, presidente da Assogir, para articular um programa de recuperação.

Logo de saída, o tradicional criador Omar Cunha, que mantém as linhagens fechadas da importação de Celso Garcia



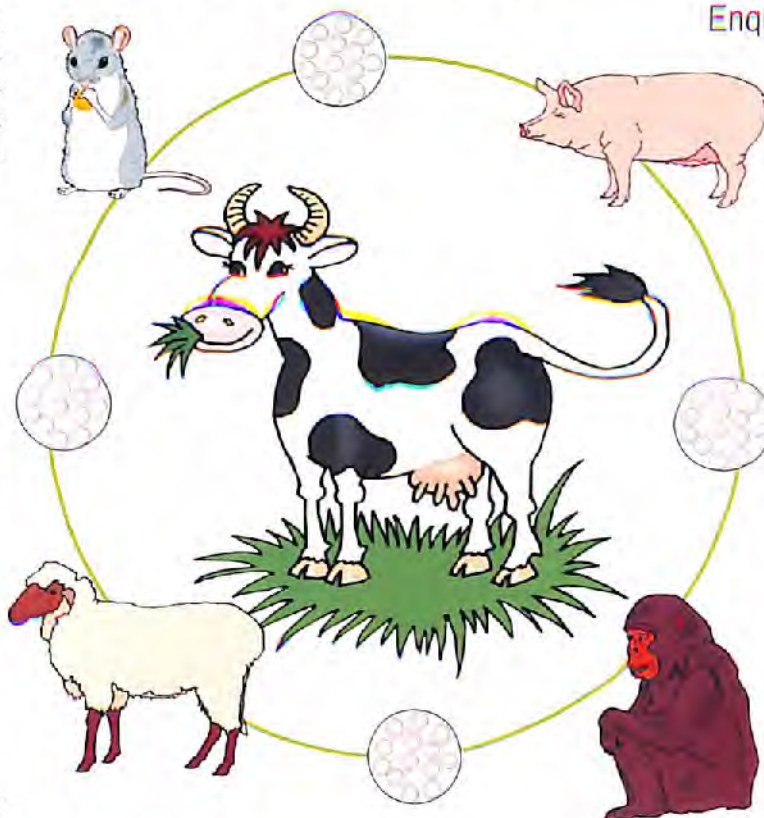
Parte das vacas doadas para Umbuzeiro.

A vaca é o caminho

Tentando salvar várias espécies em extinção, os cientistas estão partindo para a clonagem na tentativa de aumentar o número de indivíduos. E há muito pesquisador quebrando a cabeça com o dilema da escassez de óvulos. Ironicamente, a esperança para os bichos raros pode estar nas triviais vacas.

No ano passado, cientistas americanos da Universidade de Wisconsin, em Madison, anunciaram ter usado células sexuais de vacas para criar embriões de porcos, ratos, ovelhas e macacos. É verdade que os clones não sobreviveram muito tempo, mas as pesquisas continuam. Pesquisadores coreanos, da Universidade de Seul, anunciaram ter misturado óvulo de vaca com DNA humano em 1997. Mas decidiram parar o experimento quando chegaram a quatro células.

Enquanto não se consegue fazer uma vaca dar à luz bichos diversos (como por exemplo, o tigre siberiano), os cientistas estão recorrendo aos parentes (primos, em geral) dos próprios bichos em extinção.



Enquanto isso, outros grupos, continuam tentando a vaca.

Lawrence Smith, há dez anos professor da Universidade de Montreal, no Canadá, fez um clone de boi (veja bem, de um macho) misturando duas espécies nativas da Índia que já vinham sendo cruzadas entre si. Seu bezerro tem um ano e 2 meses, é a cara do pai e vai muito bem.

E se alguém acha que o Brasil está ficando para trás, é bom saber que existe até zôo congelado aqui: são células de jaguatiricas, onças, papagaios, cervos e lobos-guarás, cujos genes poderão ser reativados no futuro.

podão ser reativados no futuro.

Nos porcos, o remédio para prematuros

Nos pulmões dos suínos está a salvação para 370.000 crianças que a cada mês nascem prematuras no Brasil. Muitas delas morrem porque falta no seu pulmão uma mistura de proteínas e gorduras, chamada surfactante, que só se forma no organismo nas últimas semanas de gestação. Essa substância não deixa os pulmões murcharem totalmente a cada vez que expiramos. O Instituto Butantan e a empresa Sadia fizeram uma parceria para produzir o surfactante sintético. A Sadia entra com os porcos que são abatidos para a produção de embutidos e o Butantan, com a tecnologia. Os pulmões dos animais passam por um lava-rápido na fábrica da Sadia em Santa Catarina, onde são banhados com água e sal. O soro retirado dali é purificado num laboratório do Instituto, em São Paulo. Essa substância já existe no Brasil, só que é importada e custa 700 reais a dose. A nova técnica promete tornar o medicamento dez vezes mais barato.



**Animais
pertencentes
à fauna
brasileira:
células
congeladas**

Frase

"O boi é abençoado porque quando Jesus nasceu ele o aqueceu com seu bafô, na mangedoura. Por isso, de seu corpo, tudo se aproveita, até o bafô".
(Lucas Alexandre Boiteux, "Poranduba catarinense")

Você sabia...?

... que é costume queimar esturme de boi à porta de entrada para afastar os espíritos maus? Outros queimam o esturme no lado de dentro, evitando os feitiços.

Vacina sintética contra carrapatos



A UFV-Universidade Federal de Viçosa está em fase de testes com uma vacina contra os carrapatos (*Boophilus microplus*), sob coordenação do professor Joaquin H. Patarroyo. A vacina começa a ser testada em campo, com o apoio da Embrapa (CNPGL). A vacina já foi aprovada em testes isolados com bovinos das raças Hereford, Holandês e Jersey.

A vacina é mais barata que a convencional, por ser baseada em peptídeos sintéticos e, além disso, provoca menos danos ao ecossistema. A vacina sintética exigirá menos banhos químicos, anualmente. A vacina sintética apresenta completa segurança quanto à ausência de contaminantes, além de dispor de um alto grau de pureza que não exige métodos de purificação complexos.

Comenta Patarroyo que, se as verbas chegassem de acordo com o programado, a vacina já poderia estar bem perto dos currais brasileiros. *



Outra vacina contra carrapatos

Os prejuízos com o carrapato no Brasil são acima de US\$ 1 bilhão; no México passam de US\$ 2 bilhões. Em janeiro de 1998, os pesquisadores Renato Andreotti e Alberto Gomes, da Embrapa/Gado de Corte, começaram a estudar uma vacina contra o carrapato, por meio de uma proteína descoberta na própria Embrapa em 1996. Segundo os pesquisadores somente Austrália e Cuba já desenvolveram vacinas contra o carrapato, mas usando a mesma proteína (BM86), descoberta por australianos – que mostrou baixa eficiência no Brasil.

Em teste realizado com bezerros Nelore, a inibição ao desenvolvimento de carrapatos chegou a 95%. Colocaram 20 mil larvas sobre dois lotes, um aplicado à proteína e outro, não. Os resultados foram publicados nos Anais do 4º Seminário Internacional de Parasitologia Animal, no México. Brevemente poderá sair a notícia da comercialização de uma vacina contra carrapatos. *

Biotecnologia para todos

A próxima pesquisa da biotecnologia está em marcha: obter lavouras de qualidade valiosa para os usuários finais (quanto às qualidades do produto). O primeiro estágio da biotecnologia gerou lavouras com qualidades agrônômicas melhoradas (qualidades do insumo) úteis aos agricultores, como resistência às pragas. Agora a pesquisa está imaginando um sistema em que os agricultores plantem lavouras projetadas para atender às necessidades dos usuários finais da indústria de alimentos, de rações e até da indústria farmacêutica. Romper com a tradicional orientação da produção voltada para a oferta não será muito fácil. Vários fatores econômicos e técnicos determinarão se esse segundo estágio será uma onda ou uma suave marola.

Os agricultores descobriram rapidamente o valor da primeira onda de lavouras biotecnológicas com proteção embutida contra insetos daninhos ou resistência à herbicidas selecionados. A área da soja, do algodão e do milho geneticamente modificados se expandiu significativamente desde sua introdução comercial em 1996.

Em 1998 foram plantados cerca de 50 mil acres de soja oleíca, um grão que permite a extração de óleo com menos gordura saturada do que a soja convencional. Como é mais estável, o óleo não exige hidrogenação para ser usado em frituras, o que reduz os custos de processamento. Mais ainda, a hidrogenação provoca o surgimento de ácidos transgraxos que certos estudos associam a níveis prejudiciais de colesterol. Além de suas qualidades mais saudáveis, o óleo de soja com alto teor oleíco tem uma vida útil mais longa, o que é importante para a indústria de *fast-food*.

Soja com maior conteúdo de proteínas e aminoácidos pode constituir-se num melhoramento da alimentação animal. O farelo de soja é a principal fonte protéica da criação animal nos EUA. Maiores teores de lisina e metionina têm potencial para reduzir a proporção de farelos protéicos, mais dispendiosos, nas rações animais. *

Ditado sertanejo

- Um burro carregado de livros passa por doutor.

A supergalinha

Ela até parece uma galinha comum mas seu código genético foi modificado para produzir mais carne. A MetaMorphix, de Baltimore (EUA) é a empresa responsável pela nova galinha que apresenta mais massa muscular e carne. Embora pareça igual, é 45% mais pesada. Os pesquisadores ainda não sabem quando ela estará nas granjas e nos supermercados mas já se sabe que será uma revolução na indústria de carne.



Galinha: 45% mais pesada

A MetaMorphix pretende, agora, ampliar os estudos para colocar mais músculos e carne em porcos, peixes, etc. Se possível, com menores teores de gordura e colesterol. Os técnicos concluíram que esses novos animais não precisam de tantos antibióticos e hormônios de crescimento quanto se usa hoje nas granjas e fazendas – diz Mary Moynihan, porta-voz da MetaMorphix.

A galinha, no entanto, não é novidade, pois o pioneirismo ficou para um peixe, o salmão que, aos 18 meses,



Salmões: 5 vezes mais pesados

vai para o supermercado pesando 5 vezes mais que seus colegas de mesma idade. Os ambientalistas estão com medo de que algum peixe gigante saia dos laboratórios e, caindo nos rios, acabe liquidando as variedades naturais. Por isso, os cientistas garantem que as variedades animais experimentais são, a priori, inférteis.

Você sabia...?

... que as pesquisas tem demonstrado que 20% dos animais de um rebanho qualquer carrega 50% da população total de carrapatos do rebanho? O cuidado mais freqüente desses animais ajudará muito no controle dos carrapatos.

GIR

A raça mais utilizada no Brasil



- **Conheça as vantagens de ser associado.**

- **Receba o Certificado de Qualidade, valorizando seus produtos.**

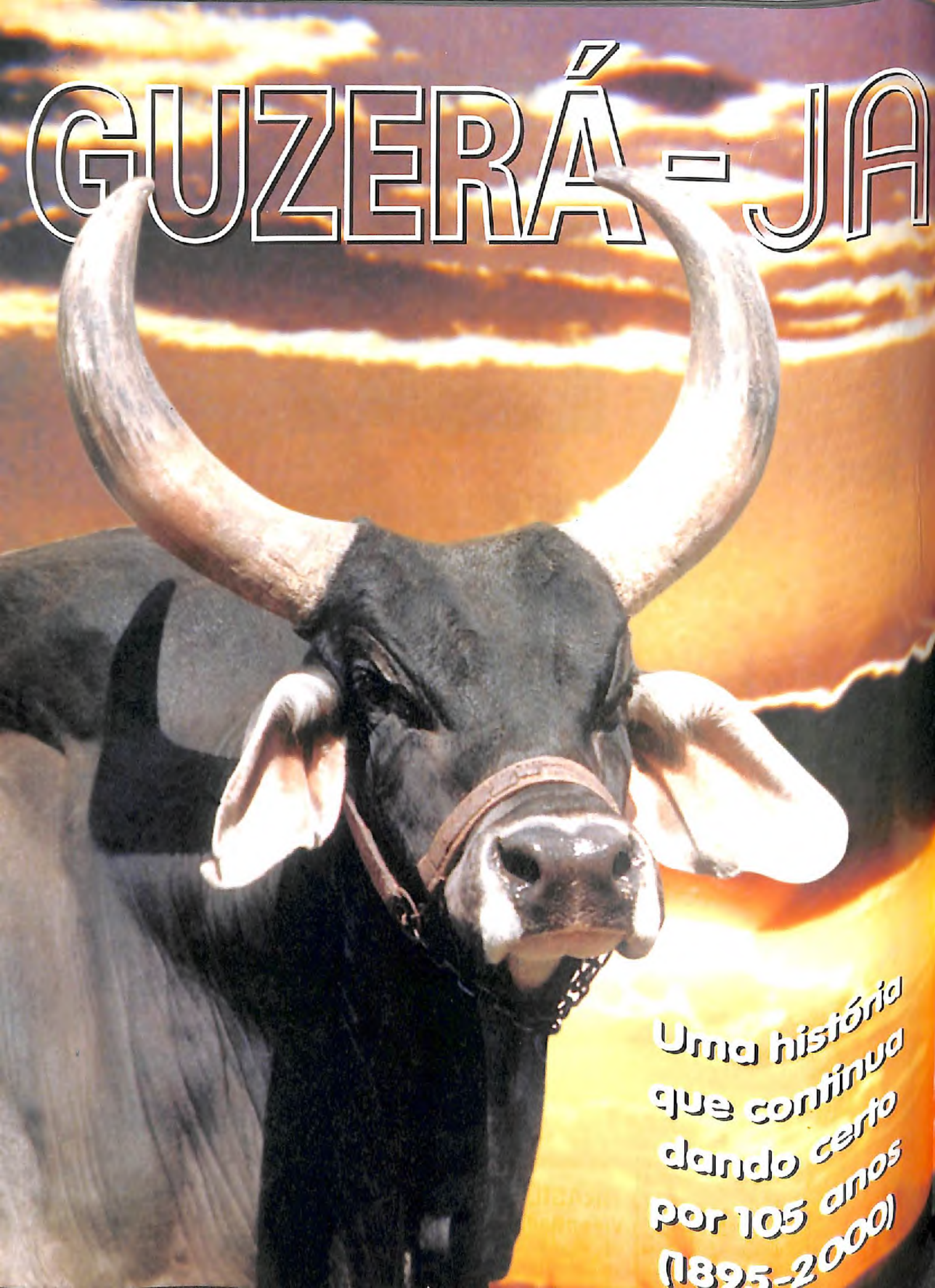
- **Participe do PMGRG, Programa de Melhoramento Genético da Raça Gir, o único que exige Prova de DNA dos touros.**

RAÇA DO TERCEIRO MILÊNIO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE GIR
Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 188
UBERABA – MG
Fone/Fax: (34) 336-5845



GUZERÁ - JA



Uma história
que continua
dando certo
por 105 anos
(1895-2000)

MANSO LEITEIRO MANTEIGUEIRO

BOZERA-JA

desde

1895

JOÃO DE ABREU JÚNIOR (1895-1949) - ALLYRIO JORDÃO DE ABREU (1949 -1997)



Fazenda CANAÃ

Sucessores de Allyrio Jordão de Abreu
Boa Sorte Distrito de Cantagalo, RJ

(24) 553-1112

522-2889

(21) 285-5276

Gir Ano 2000 no México

Para comemorar o Ano 2000, a Asocebú do México programou uma conferência abordando "A importância do Gir Indiano na pecuária do mundo ocidental", em março. Os palestrantes foram Onofre Ribeiro, do Brasil, que já frequentou a Índia por diversas vezes, tendo publicado extensos relatos na revista "Agropecuária Tropical". Foram especialmente convidados o Acharya (monge) Ganshyamji, responsável por um dos mais renomados es-



– Onofre, em sua palestra sobre a raça Gir, quando mostrava o livro "O Gir & o Leite", produzido por "Agropecuária Tropical".

tabelecimentos de criação e pesquisa de Gir na Índia, o Shri Bhuvaneshwari Pith Gaushala, na cidade de Gondal e também o marajá Satiajit Kachar, de Jasdham. Os três palestrantes provocaram muitas perguntas resultando num agradável momento cultural durante a Exposição Ano 2000.

O convite foi feito por Felipe Soares Vella, da Associação Mexicana de Criadores de Zebu, e do coordenador da Exposição Nacional de Zebu e do V Congresso Internacional das Raças Zebuínas, Sérgio Lucio Martinez.

Representando o Brasil, Onofre levou dezenas de quadros especialmente elaborados, mostrando cenas indianas e brasileiras, granjeando aplausos da seleta platéia. Os visitantes puderam encontrar um pouco de ilustração sobre o Gir indiano e também sobre as últimas importações brasileiras, além de saberem o que a Índia tem para oferecer ao mundo dos trópicos.

Finalmente, os convidados especiais visitaram alguns criatórios nos Estados de Tabasco e de Chiapas.



– O marajá Satyajit Kachar, o monge Acharya Ganshyamji, o anfitrião mexicano e Onofre.



– Vacas mexicanas.



– Diretores da Asocebú na entrega de prêmios na Expocebu/2000.



– Visita a fazendas da região de Chiapas (Ariaga), com Raul Aquilar, Jaime, Ganshyamji, Satiajitji e Onofre.



– As recepcionistas do Congresso estavam vestidas como indianas, para as palestras sobre o Gir, proferidas por dois criadores da Índia e Onofre, da Assogir.

Rômulo mete a boca no trombone

O presidente da ABCZ, em seu discurso de inauguração, diante de expressivas autoridades federais, fez uma análise da situação nacional. Estavam presentes expressivas autoridades destacando-se: Marco Maciel (Vice-Presidente), Pratinho de Moraes (Min. da Agricultura) e Itamar Franco (Gov. de Minas Gerais). Esta é a segunda vez, nos 25 anos de "Agropecuária Tropical" que um discurso de presidente da ABCZ ocupa as páginas da revista. Vale a pena rememorar os principais momentos de seu discurso:

1 – Embora a classe rural seja uma unidade, ela não pode ser entendida e tratada como um setor à parte, pois faz parte do próprio desenvolvimento da nação. Os interesses da classe rural são os mesmos de toda a sociedade.

2 – Precisamos de juros menores.

3 – Precisamos triplicar as linhas de financiamento e de garantia de preços mínimos para ter condições de quitar os financiamentos assumidos.

4 – Precisamos de impostos compatíveis para evitar sonegações.

5 – Precisamos de respeito às nossas propriedades rurais, invadidas, danificadas, saqueadas com violência e anarquia. Exigimos um estado de direito.

6 – Sem o respeito aos princípios do estado de Direito e à Constituição não há Democracia, não há Civilidade, não há Progresso e nem a imprescindível estabilidade política da nação como um todo.

7 – A classe rural nunca foi de provocar paralisações, badernas ou arruaças, tendo sempre se pautado pela ordem e paz no campo. Nossa vocação sempre foi para o trabalho. Nunca incentivamos a violência.

8 – Toda ação gera uma reação: se não houver, imediatamente, a ação firme e enérgica das autoridades competentes, o choque será inevitável e

contabilizaremos perdas e danos para todo o país. E pior, perderemos vidas.

9 – Na semana passada, lideranças de certos movimentos declararam, também, na mídia nacional, que o choque será inevitável e que só depende de data e local para vermos deflagrada uma guerra civil. Isto somente é visto em países onde as autoridades de há muito perderam vez.



10 – Já dissemos e voltamos a repetir: "Quem não defende o que tem não merece tê-lo". E, para nossa defesa, não podemos contar com o privilégio de ter o Exército para defender nossas propriedades.

11 – Hoje, devido à impunidade, a violência já vai saindo das propriedades e chegando às cidades e prédios públicos. Tudo sem punição. Algumas autoridades, timidamente, resolveram afirmar que "não mais permitirão invasões e abusos contra órgãos públicos". E por que somente a defesa dos órgãos públicos? E nós, que pagamos impostos, que geramos empregos e produzimos alimentos, não temos o direito à proteção de nossas propriedades e famílias?

12 – Já é hora de colocar um "basta" nessa baderna. É só querer.

13 – Não podemos concordar com a Portaria 588/99 do Ministério do Desenvolvimento Agrário que obriga os proprietários rurais, com área superior a 10.000 hectares a comprovarem a legalidade das mesmas. Essa Portaria deixa claro que os produtores

são mal intencionados, desonestos, mentirosos e falsários. Essa Portaria impede nossa autonomia e cerceia nossos direitos constitucionais. Como pode uma Portaria ferir a constitucionalidade?

14 – Temos a esperança de que os escândalos divulgados e até investigados pela mídia sejam motivo de punição de todos os envolvidos, a fim de não nos acostumarmos com a sina de viver em um país da corrupção e da impunidade.

15 – Reconhecemos e cumprimentamos o Governo pelo importante avanço obtido na Campanha Nacional de Erradicação da Febre Aftosa. Nossa meta é exportar. Muito em breve seremos o maior exportador de carne e de material genético zebuino do mundo. Isto, sim, é motivo digno para festejar e comemorar.

16 – O setor agropecuário – sem a mesma atenção do Governo dispensada ao

setor financeiro, ao capital estrangeiro e sem incentivos animadores, tem dado exemplos de cumprimento do seu papel social e econômico. Tem honrado seu compromisso de produzir cada vez mais, sustentando, a um alto custo, o plano de estabilização econômica do Governo. Afinal, é o próprio ministro Malan quem afirma que a Cesta Básica está mais barata que antes, tentando assim justificar o salário mínimo de R\$ 151,00. E vimos, também, o produtor rural aumentar o PIB, dispondo como o setor que mais cresceu em 1999. Imagine se tivéssemos mais atenção e apoio!

17 – Para finalizar, voltamos a pedir a inclusão da palavra "pecuária" no nome do Ministério da Agricultura e do Abastecimento. A pecuária é uma atividade muito importante, ao lado da agricultura, e merece atenção especial.

18 – Pedimos, também, a redução dos custos de medicamentos e estudos para viabilizar a fabricação de remédios genéricos também para a pecuária.

AS MAIORES EXPOSIÇÕES DO MUNDO

1 - World Dairy Expo - Em Madison, EUA, com visitantes de 80 países. A revista "Hoard's Dairyman" apurou ali está centralizado o marketing de todas as cooperativas norte-americanas no exterior. Nunca se vê tanta gente ao redor de uma pista como nos julgamentos de holandeses em Madison. Nunca se reúnem tantos animais de qualidade e produtos

Canadá e tem pouco expressão no exterior.

4 - Na Europa, o Agribex Show, em Bruxelas, mostra o "Campeonato Internacional de Gado Holandês". Grande exposição comercial, com 7 ou 8 pavilhões da dimensão de um da World Dairy Expo. Não é exclusiva de gado leiteiro.

5 - O Royal Show, na Inglaterra,



e serviços num mesmo local. São 1.896 animais (em 1998). Holandeses, Jersey, Pardo-Suízo, Guernsey, Milk- ing Shorthorn, Ayrshire e Vermelha e Branca. Público: 70.950, sendo 3.581 do exterior (de 78 países). Mais 123 animais para leilões

2 - Royal Winter Fair - no Canadá. Ali estão seis raças e 900 animais. Inclui porcos, carneiros, gado de corte, flores, aveia, etc. Tudo que tem o país.

3 - Ao sul do Equador, as exposições de **Querétaro** (berço da Expo Nacional de Holandeses) e **Águas Calientes**, no México. E a **Expomilk**, no Brasil. A Expomilk é a que mais se assemelha à World Dairy Expo, mas com apenas 50% do gado e apenas 100 estandes comerciais, sem nenhuma ênfase no aspecto internacional. A Expointer apresenta características semelhantes à Royal Winter Fair, do

é a segunda maior da Europa, em leite. Em terceiro lugar vem a Exposição de **Utrecht**, na Holanda, devido ao grande número de animais, embora todos da raça Holandesa.

6 - New Zealand Royal é muito grande, incluindo todos os gados.

7 - Na Austrália, a International Dairy Week, realizada em Shepparton, próxima de Melbourne, com perto de 500 animais de 3 ou 4 raças e uma área comercial muito grande, voltada para o mercado da Austrália e países vizinhos.

8 - No sudeste da Ásia, o Japão tem a melhor Exposição. É a "All Japan Show", realizada a cada 5 anos, atraindo 500 animais todos holandeses. A segunda é o Hokkaido Show, apresentada em Sapporo, com 300-400 animais holandeses. Ali em Hokkaido estão 60% dos animais holandeses do Japão. *

Não incluímos a Exposição Internacional de Zebu (ABCZ) a maior mostra de Zebu pois já é bastante conhecida pelo público leitor

Você sabia...?

... que o animal de berro mais feroz, no Brasil, é o jumento? Por isso é comum ouvir a expressão: "deu um grito tão feroz como berro de jumento".

Frase

- Embora o Brasil esteja às voltas com surtos de febre amarela em vários estados, a Fundação Oswaldo Cruz está proibida pelo IBAMA de efetuar pesquisas com macacos e gambús, reservatórios naturais do vírus da doença (Alerta Científico Ambiental)

Mocho Guaporé

Após 20 anos de pesquisas – que começaram no Estado de Minas Gerais e foram intensificadas no Estado de Mato Grosso – poderá finalmente estar surgindo uma nova raça de bovinos no Brasil: a Mocho Guaporé. A nova raça é um composto de cruzamentos entre as raças Tabapuã, Nelore, Chianina e Limousin. O trabalho começou em 1974 no Estado de Minas Gerais com o objetivo de se chegar a um tipo ideal de bovino sintético.

O pedido de reconhecimento da raça, um composto que começa a despertar a atenção de criadores, já está em andamento no Ministério da Agricultura e do Abastecimento.

Produtividade, precocidade e qualidade são as principais características do Mocho Guaporé. Outras duas qualidades do Mocho Guaporé são a rusticidade e a fertilidade dos touros, fundamentais para a pecuária de corte, principalmente numa região extremamente dura como o Centro-Oeste. O ganho de peso diário está sendo considerado excepcional.

O Mocho Guaporé poderá ser oficializado como raça já no ano 2000. A confirmação ainda depende do parecer final do doutor em melhoramento genético de bovinos de corte, Kepler Euclides Filho, do Departamento de Melhoramento Genético da Embrapa de Campo Grande (MS). *

Você sabia...?

...que o Brasil possui 36 parques nacionais de preservação da flora e fauna. Somando os vários parques, a área ultrapassa 2 Suíças.

12% das terras nordestinas estão quase liquidadas

Mais de 20 milhões de hectares do Nordeste estão degradados. Isso corresponde a 12 % da área da região e 66% do Semi-Árido. Os dados foram obtidos pela EMBRAPA por meio do Zoneamento Agroecológico. Os maiores prejudicados são os agricultores de baixa renda. Os pesquisadores estão elaborando um mapa em que a degradação será classificada em diversos níveis. Ao mesmo tempo, vai orientar sobre formas de recuperação de cada nível. *

BRAHMAN QUERENÇA: *SINÔNIMO DE QUALIDADE...*

JJ QUERENÇA 207

33 meses: 720 kg

• Res. Grande Campeã
Nacional Uberaba/2000



LUCRE COM O BRAHMAN... Venda de Tourinhos 100% testados!
Visite-nos e comprove os resultados!

JJ QUERENÇA 245

• Campeão Sênior
Nacional Uberaba/2000



QUERENÇA

Fazenda Querência
Inhaúma – MG

Telefax: (31) 773-9926
E-mail: www.querencia.com.br

Reforma Agrária, sim... Hipocrisia, não...!



Antes de tudo, é preciso prestar atenção aos objetivos de qualquer iniciativa na democracia. Uma Reforma Agrária pretende "distribuir terra", ou pretende distribuir "justiça social", ou distribuir o acesso à alimentação, ou distribuir "bem-estar para os beneficiários"...? Afinal, o que pretende a tal Reforma Agrária do governo brasileiro?

Depois de 500 anos de descoberto o Brasil, tem-se que mais de 50% de suas terras estão inexploradas ou subexploradas, com milhões de milhões de hectares sendo oferecidos a preço-de-banana para qualquer pessoa, em diversas regiões do país. Assim, um programa de distribuição de terras poderia estar acontecendo de forma natural, sem estardalhaço. Há regiões imensas, de terras férteis, colocadas à venda por R\$ 10,00 o hectare, ou muito menos. Existem até terras gratuitas, em projetos de colonização...

Ao invés de desbravar essas regiões, dando terras a quem queira produzir, de fato, o governo admite

esporadicamente a corrupção e paga quantias mirabolantes para desapropriar terras perto de grandes cidades - para "agradar ao MST". Brevemente, os exorbitantes valores pagos a certas propriedades estarão sendo questionados na Justiça e o país verá o surgimento e outros "escândalos"! Ou seja, indiretamente o governo é o estimulador da arruaça, pois tem faltado coerência aos programas de reforma agrária.

No fundo, o ponto-alto do programa governamental e do MST é o ato confiscatório: a desapropriação. Quando se expulsa um proprietário, atinge-se o alvo, ganhando-se aplausos de uma platéia boa de barulho e ruim de serviço rural. Uma encenação grotesca, hipócrita e muito onerosa para os cofres públicos! O contribuinte está pagando muito caro para a continuidade dessa baderna que, por ironia, devia ser modelo para o mundo... Isso mesmo: a Reforma Agrária brasileira deveria ser o modelo para o mundo - pois aqui há terra disponível, há gente querendo produzir e há clima propício.

Voltando ao princípio, vale a pena rever o que seria uma Reforma Agrária, de verdade, bastando responder às seguintes perguntas:

1 - O governo quer aumentar a produção rural, com a tal Reforma Agrária? É claro que não, pois o aumento da produção rural, tanto no Brasil como no mundo, está acontecendo pela concentração das pequenas propriedades e do uso intensivo de tecnologia. Afirmar que o pequeno produtor é que garante a alimentação na

mesa do contribuinte é balela do passado, pois o que determina o sucesso é o preço do produto e, então, a carência de tecnologia envia o pequeno produtor para o brejo. Se o governo quisesse aumentar a produção de alimentos, bastaria estimular (e nunca confiscar!) os atuais produtores que já têm terras, que já têm tecnologia e, principalmente, que gostam do que fazem. Praticamente todas as experiências deixam claro que não acontece um aumento de produção agrícola nos assentamentos governamentais suficientes para atender outros centros urbanos. Já os "assentamentos privados", realizados por meio de cooperativas ou diretamente por fazendeiros, conseguem aumentar a produção local! Assim, bastaria o governo transferir o comando da Reforma Agrária para as mãos privadas - dando a César o que é de César.

2 - O governo quer garantir terra para quem tem competência e tradição no assunto? Nada disso. Se quisesse, bastaria abrir um Programa de Desbravamento em regiões longínquas, garantindo o acesso e o escoamento da produção para aqueles que têm "carteira-assinada", hoje, nas propriedades rurais. Ou seja, daria uma chance para Administradores, Zootecnistas, Gerentes, Veterinários, Agrônomos, Ecólogos, Topógrafos, Vaqueiros, Ordenhadores, Campeiros, etc. Esse pessoal é competente, trabalha 24 horas por dia, gosta do serviço e daria conta do recado, abrindo enormes áreas para aumentar a riqueza brasileira. É claro que os lotes teriam que ser de bom tamanho pois esse pessoal sabe lutar e gosta de vitórias. Seria uma "premição" aos vencedores e não aos marginalizados da sociedade. Seria uma nova "marcha para o oeste", levando pessoas competentes para produzir...

3 - O governo quer garantir "bem-estar social" para os "sem-terra"? Extraindo-se a fantasia mirabolante e as névoas aliantes é fácil verificar que a maioria dos "sem-terra" viveria muito melhor com uma "carteira-assinada de um salário mínimo" do que tendo a obrigação de plantar e colher para sobreviver, enfrentando as peripécias do tempo ou do bom humor dos economistas do Planalto. Ou seja, bastaria o Governo criar um Programa que estimulasse os fazendeiros



deiros a empregar um certo número de pessoas, em troca de certos créditos para a produção. Na terra do desemprego, neste governo de FHC, uma "carteira-assinada" é uma bênção na maioria dos lares – um seguro sinal de bem-estar social. Afinal, de que adianta imobilizar milhões de hectares que mal sustentarão seus proprietários? Seria preferível colocar esses hectares em produção para beneficiar a sociedade em geral.

4 – O governo quer garantir “dignidade e cidadania” para o “sem-terra”? Na verdade, mesmo sem saber, os “sem-terra” estão correndo atrás de “dignidade” e não de “terra”. A política econômica de FHC acabou de liquidar o resto de dignidade que persistia, o pequeno proprietário passou a ser enxergado como um inadaptado, um pária a mais dentro da globalização e do neoliberalismo. Perdendo tudo, casa, terra e fonte de renda, tratou de correr atrás do “sonho” que restou que era seu pedacinho de chão. Daí surgiu o nome de “sem-terra”. Na verdade, é um “sem-dignidade”, igual a um “mujiue” da velha Rússia. Cabe lembrar que foram eles, os mujiues, os baderneiros que alavancaram a Revolução de Outubro...

Por outro lado, existem outros “sem-dignidade”, tais como os sem teto urbano, os sem-emprego, os sem-acesso à Educação, os sem-acesso à Saúde, etc. O brasileiro está se tornando um “sem-dignidade”: está sendo assaltado em cada esquina, tanto por bandidos como pela ganância de fiscais, policiais – tudo resumido como voracidade do governo.

Para garantir dignidade, o governo primeiramente deveria facilitar o pagamento pelo esforço realizado, ou seja, o pagamento pelo emprego. Não sendo um promotor de empregos (produtivos) o governo não tem autoridade para discursar sobre “bem-estar social”, sobre “progresso” nem nada, pois deixou faltar a base de tudo, que



é a “dignidade” do cidadão. Cidadão sem dignidade é baderna certa!

5 – O governo quer garantir que o trabalhador rural tenha direito a produzir sua comida?

Isto até que seria fácil, bastando determinar que cada trabalhador rural tivesse acesso a um quintal onde pudesse plantar sua horta e frutíferas – dentro da própria fazenda onde reside ou trabalha. Pelo que se sabe, pouquíssimos que receberam esse quinhão de terra cuidaram de plantá-lo, preferindo gastar o minga-do salário no mercado do vilarejo mais próximo.

Muitos fazendeiros deram terras, adubos, máquinas, etc. mas as experiências falharam, em geral, porque o salário era suficiente para o trabalha-



dor que não via necessidade de trabalhar ainda mais nas horas de folga ou nos finais de semana. Exemplos: a) todos os moradores podiam criar galinhas, desde que plantassem o milho para as mesmas mas logo as galinhas estavam comendo apenas a ração dos bovinos e o fazendeiro teve que proibir as galinhas, preferindo “doar” dois quilos de frango congelado por semana para cada família – economizando sua preciosa ração; b) pedaços de cerca desapareciam para cercar os jardins ou hortas dos moradores; etc.

5 – O governo quer “desfavorecer” as cidades por meio da Reforma Agrária? Claro que não, pois em nenhum momento houve um “convite” para estimular pessoas a deixarem a cidade em direção ao campo.



Aparentemente, o governo fraquejou e se tornou refém dos guerrilheiros do MST, sem ter traçado uma estratégia mais ampla para uma sadia Reforma Agrária. Agora, perto de eleições, para não correr riscos de um fracasso nas urnas, está tentando sair da enrascada e está colocando a grande imprensa para censurar e abafar o MST.

Assim, como epílogo, tudo resume-se numa peça teatral. O governo perdeu a chance de fazer uma histórica “reforma fundiária”, dando chances à produção de alimentos. Ele apenas usou o MST como “onda” para mostrar que é bom de surfe. E, em termos de promover sua própria imagem, esse governo é imbatível, bastando ver a enormidade que tem gasto em auto-propaganda! Pena que a conta seja paga, como sempre, pelo contribuinte.

DESPERDICANDO DINHEIRO PARA NÃO PRODUIR...

Depois de 500 anos de brasilidade, comemorados com muitas arruaças nas barbas do governo, a grande imprensa está sendo acordada para a “questão basilar” da Reforma Agrária brasileira. Agora, os números da verdade começam a surgir.

Exemplo: A Reforma Agrária já distribuiu 22 milhões de hectares – uma área maior que a soma da Bélgica, Áustria, Portugal e Holanda – muita terra que poderia estar gerando milhões de toneladas de alimentos para o país. Há aqui uma extrema competência governamental às avessas: a de conseguir esconder essa montanha de alimentos que insiste em não ser produzida...!

Nessas terras, o governo garante que assentou 618.000 famílias, sendo 400.000 somente no governo FHC. Seriam 618 mil produtores a mais, no campo, juntando-se aos 5,0 milhões que já existem e que – quando conse-



guem - vendem tudo e vão embora para a cidade. Ou seja, por um lado, o governo exhibe a imagem de "pai-bonzinho doador de terras" e, pelo outro lado, assina decretos e leis que expulsam os tradicionais donos de pequenas áreas... Uma hipocrisia lamentável!

O atual ministro trombeteia que já gastou R\$ 7 bilhões com a Reforma Agrária mas não diz que dificilmente o assentado consegue uma renda de meio-salário mínimo/mês. Alguns poucos são mais dedicados e rapidamente "compram" os lotes vizinhos e tornam-se "latifundiários". Talvez, no futuro, suas terras venham a ser invadidas por outros "sem-terra"... E 7 bilhões são 7 bilhões...

Em termos de produção, a Reforma Agrária é um desastre. Um lote no assentamento produz 60 sacas milho/ha mas um fazendeiro particular produz 160. O assentado produz 50 sacas de soja, enquanto o mesmo fazendeiro privado produz 100; produz 30 de feijão, enquanto o fazendeiro produz 60. São dados apenas dos lotes considerados "produtivos" pois os lotes abandonados nem entram nas estatísticas. Um resultado de dar pena, um desastre de logística e de competência!

ASSENTANDO PARA PRODUZIR, DE VERDADE...

Por outro lado, a iniciativa privada faz sua Reforma Agrária, com os olhos voltados para a produção. É o caso do PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados) que, decorridos 20 anos da implantação de seu primeiro projeto, traz resultados que impressionam.

Para a incorporação de 350 mil hectares de cerrado, em sete estados brasileiros (MG, GO, MS, MT, BA, MA e TO), foram necessários investimen-

tos de 570 milhões de dólares em 20 anos. Que flagrante diferença dos 7 bilhões gastos só nos últimos 4 anos com essa desastrosa Reforma Agrária, cujo mais expressivo resultado foi poluir o interior brasileiro de favelas rurais e a formação curricular de arruaceiros profissionais!

Essa "reforma agrária" vitoriosa gerou 20 mil empregos diretos e 40 mil indiretos. A produção anual de grãos é de 620 mil toneladas, além de mais de 1 milhão de toneladas pelo efeito multiplicador. São 21 projetos de colonização implantados sob



o amparo do Programa, 758 produtores individuais assentados através de cooperativas e/ou associação de produtores.

Somente nesse programa (existem outros bem sucedidos pelo país) as receitas anuais para os produtores giram em torno de US\$ 165 milhões, o que representa uma renda anual per capita de US\$ 217.678, ou US\$ 18.139 mensais, com a arrecadação de US\$ 30 milhões em impostos. Ou seja, é uma Reforma Agrária que até paga impostos pela produção obtida! E mais: sem invasões, sem discursos inflamados, sem cobertura da imprensa, sem falastronice de ministro, sem hipocrisia de presidente, sem nada.



Tudo reduzido ao máximo silêncio, como sói acontecer com os milhões de proprietários de terra que mal conseguem sobreviver em suas propriedades devido ao modelo econômico escorchante adotado pelo governo neoliberal muito globalizante e quase nada brasileiro.

SUGESTÃO PARA O GOVERNO, SE POSSÍVEL

Por mero ato de coerência para com a Reforma Agrária, as terras desapropriadas deveriam ser colocadas em produção, de uma forma ou outra. Se os assentados não dão conta do recado, o governo deveria ceder as terras para um segundo "grupo" de interessados, dessa vez produtores de verdade. A sociedade tem pressa, precisa de alimentos. A Reforma Agrária precisa ser encarada como instrumento útil à sociedade e não apenas como "presente" para baderneiros em plantão permanente, ou como instrumento de demagogia em vésperas de eleições.

Se os assentados não querem ou não conseguem produzir, que sejam substituídos por produtores, minifundiários, parceiros, meeiros, colonos, agregados, empregados de propriedades rurais, etc. Por pessoas que gostam do que fazem e que estão acostumados com a dureza da lida rural. Afinal, é muito mais difícil ser produtor rural do que baderneiro oficial.

Se quiser endurecer, baixe um decreto considerando o assentado como um credor pelo valor da terra que, se não for paga no tempo devido, o tornará passível da aplicação da lei penal - recebendo o tratamento que é dado a qualquer outro miniproprietário rural desse imenso país. Justiça, senhor ministro, é a palavra-chave para começar uma boa Reforma Agrária. Justiça para todos, como está no primeiro item da Constituição brasileira, como letra-morta, pois tem pouca serventia nesse enorme país abençoado por Deus *



A Bahia perdeu Vavá Brandão

Ele era a alma da Bahia. Irrequieto, estava em todos os eventos. Com fazendas espalhadas pelo Estado, sempre buscou o melhoramento genético, principalmente da raça Nelore. Estava à frente de seu tempo e começou a fazer leilões, mantinha um recinto moderno, coisa do sul-maravilha. Vavá era sinônimo de empolgação, de animação, de vida maravilhosa, de construção permanente.

Foi ele quem construiu o Parque de Exposições de Salvador. Ou melhor, foi sua amizade e argumentação séria com o governador, que levou à grandiosa obra que é um dos orgulhos dos pecuaristas e do governo baiano, até hoje.

Vavá era um paradigma de seriedade, uma voz tonitroante para dizer as verdades. Seus poucos artigos em "Agropecuária Tropical" mostram o timbre do aço temperado pela dura vida de um ruralista nordestino.

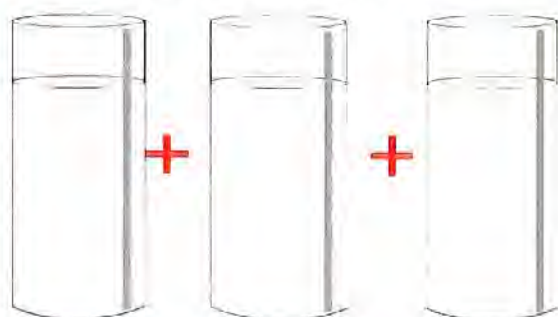
A Bahia perdeu um pedaço de sua alma, perdeu Vavá Brandão. ★

Você sabia...?

.... que, pelo andar da humanidade, em meio século o Brasil terá 8 milhões de mulheres a mais do homens? A previsão é do IBGE/98

Você sabia...?

... que escova, pasta e fio dental não são as únicas garantias de dentes saudáveis. Uma dieta rica em cálcio, alertam médicos da Universidade Estadual de Nova York, também con-



tribui para a saúde bucal. Cerca de 1000 miligramas por dia da substância, o equivalente a três copos de leite, são suficientes.



ÍNDIA LANÇA SELO DE ZEBU

Esta é uma boa novidade para o Zebu. A Índia acaba de lançar um selo comemorativo de suas raças nativas, mostrando que prezam aquilo que têm. O destaque foi dado para um touro Gir muito elogiado por diversas comitivas brasileiras que estiveram na terra mãe do Zebu nos



últimos anos. O touro foi visto, pela primeira vez, por João Feliciano Ribeiro, na propriedade do marajá Satyajit Kachar, em Jasdram.

Um dos motivos para escolha do touro como "modelo" para o selo comemorativo foi ter sido publicado na capa da revista "Agropecuária Tropical", deixando claro que os brasileiros consideravam esse animal como "excelente". ★

Frase

- Um dos preceitos geopolíticos britânicos é de dificultar ao máximo a conexão das bacias Prata-Amazonas, por meio da hidrovía Paraguai-Paraná (Corumbá-Cáceres), pois introduziria o Brasil no grande mercado mundial de grãos a preços realmente competitivos (Alerta Científico Ambiental)

O elogio ao gado

Existe pecuarista falastrão que afirma que o seu gado é o melhor e coisa e tal. Não admitem que outros sejam melhores. Até parece que se esqueceram daquela piada antiga:

- Um alfaiate queria divulgar o seu ofício e mandou fazer uma placa, bem grande, onde estava escrito: "Melhor Alfaiate do Mundo".

Logo adiante, na mesma rua, um concorrente também fez sua placa, maior que a primeira, e escreveu: "Melhor alfaiate do Universo".

La no fim da rua havia um outro alfaiate, humilde, jeitoso, que tinha muita freguesia cativa. Disseram para ele não ficar para trás e também fazer sua placa. Ele pensou, pensou e mandou fazer uma placa modesta, com as palavras: "Melhor alfaiate dessa rua".

Em conversas de pecuaristas, essa piada não poderia ser esquecida.



Sorriso no Campo

Boa pergunta

- A professora pergunta;
- O caminhão-de-boi levava 18 bois. De repente, a porta abriu e dois caíram na estrada.
Quantos ficaram?
- Só os dois - responde Juquinha - os outros continuaram no caminhão e foram embora.

TOSQUIADEIRAS HEINIGER

110V - 220 V
12 V (BATERIA)
7,5 V (bateria recarregável)



A MAIS MODERNA TOSQUIADEIRA.

3 velocidades.
Qualidade Suíça.
Fornecida em estojo plástico com chave especial, óleo, escova e completo manual de instruções em português.

Assistência autorizada HEINIGER, OSTER, ANDIS e outras marcas. **Afiamos lâminas com garantia de qualidade.**

ATENDEMOS VIA CORREIO
NATIVA COMERCIAL E TÉCNICA LTDA
(HÁ 18 ANOS NO RAMO)

Rua Domingos de Moraes, 348 - Loja 50
Vila Mariana - S. Paulo CEP 04010-000
Tel.: (11) 575-3993 - 575-3106 - 570-6071
Fax: 575-2446

E-mail: nativatostsui@uol.com.br
Site: www.aznet.com.br/nativa

"Fancy Food"

Entre 9 e 11 de julho estará acontecendo a "Fancy Food 2000", feira internacional de comidas sofisticadas, em Nova York. O Brasil tem um pavilhão reservado para seus produtos, para tentar reverter sua posição, uma vez que nunca conseguiu exportar "delicatesses" para os Estados Unidos. Só em 1999, os EUA importaram US\$ 72 bilhões em produtos alimentícios, sendo US\$ 40 bilhões de produtos requintados, ou "fancy food", ou "comida elegante". Este é um setor que pode ser explorado pelo Brasil.

O Brasil vai levar queijos, chocolates, aguardentes e cachaças, café, chás, mel natural, condimentos e especiarias, produtos de padaria e panetões, além de palmito e outras

conservas de legumes e frutas. Serão 1.200 expositores norte-americanos e 800 estrangeiros. Só a Itália entra com 284 boxes, a Alemanha com 51, o Canadá com 49, a Espanha com 47, a Grécia com 45, a França com 39. O Brasil espera colocar 32 estandes.

Você sabia...?

... que é balela dizer que a Amazônia é o "pulmão do mundo"? De fato, o grande pulmão do mundo são os oceanos e não a Amazônia. O oxigênio liberado pelas algas marinhas é muito mais que o liberado pelas florestas do mundo inteiro. (Elizabete de Santis Braga, USP).

CELEIRO DO MUNDO

Em 1990, para atender precariamente a demanda mundial de alimentos foram produzidos 1,97 bilhão de toneladas de cereais, ou 2,5 toneladas por hectare plantado. Para o ano



Calcário: um dos corretivos mais empregados

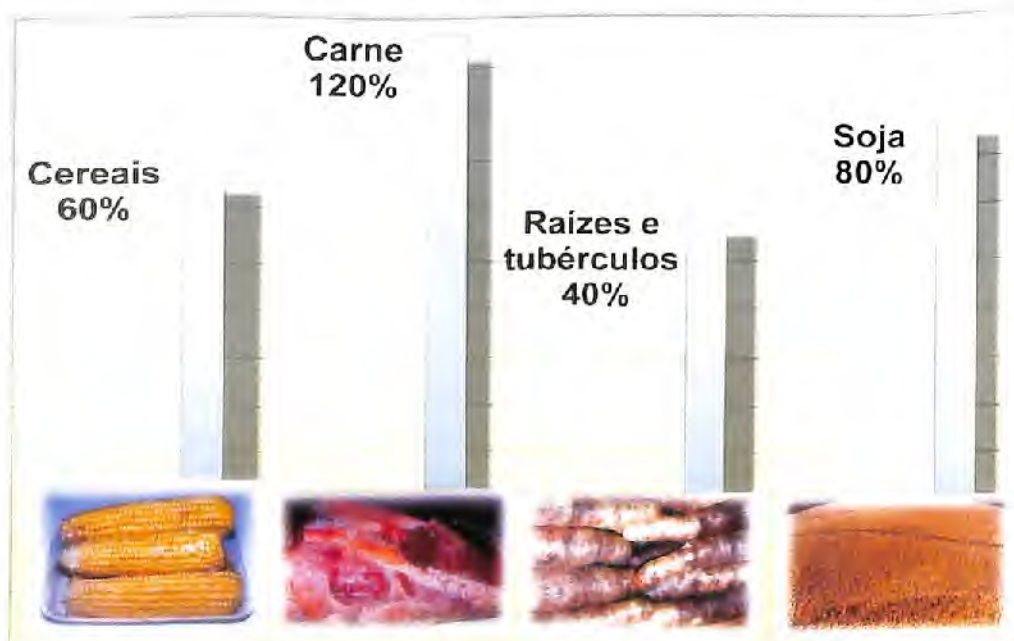
O mundo quer mais comida

Uma pesquisa do International Food Policy Research Institute, de Washington, estimava que entre 1993 a 2020, haverá um aumento da demanda mundial de alimentos. Os cereais aumentarão em 60%; as carnes em 120%; as raízes e tubérculos em 40%; a soja em 80%. O aumento da demanda deve-se à continuidade do crescimento populacional até o ano 2025, do aumento da

renda dos países asiáticos, principalmente China, e da possível retirada dos subsídios agrícolas pelos países desenvolvidos.

Vai lucrar o país que tiver terra agricultável e disponibilidade de água. Bom para o Brasil, pois somente nos Cerrados podem ser produzidos 240 milhões de toneladas de grãos, 11 milhões de ton. de carnes e 90 milhões de ton. de frutas.

Necessidade de mais comida até 2020



de 2025, a população de 8,3 bilhões de pessoas exigirá 3,97 bilhões de toneladas, com produtividade de 4,5 toneladas por hectare. Um aumento de 80% na produtividade!

Para superar esse desafio, sem que amplie significativamente a área ocupada com a agricultura, o mundo terá que adotar o uso mais intensivo e racional das tecnologias já disponíveis para aplicação na agricultura.

O manejo integrado de pragas (MIP) evoluirá para o manejo integrado de culturas (MIC), que pode ser definido como a produção econômica de culturas de alta qualidade, com prioridade para métodos de cultivo ecologicamente seguros, minimizando efeitos secundários indesejáveis e utilizando produtos fitossanitários que garantam a salvaguarda da saúde humana e a preservação do ambiente. O manejo integrado de culturas é a base da agricultura sustentável com que o homem escreverá um novo capítulo da produção agrícola no próximo século.

A adoção de práticas de conservação do solo, o uso de sementes selecionadas, a utilização racional de fertilizantes, corretivos e defensivos agrícolas pode seguramente permitir que a produção mundial de alimentos atinja os patamares necessários para suprir condignamente a demanda da população mundial.

O uso racional de fertilizantes minerais resulta em maior resposta individual. Para cada hectare de terra adubada corretamente, obtém-se a produção correspondente a quatro ha. plantados sem essa adubação.

Recorde de sêmen

O touro "Vinke da MV" bateu mais um recorde, além de ser o recorde mundial de peso, com 1.325 kg. Agora, no dia 8 de fevereiro, produziu



1.371 doses de sêmen em uma única coleta, na ABS Pecplan. O recorde anterior era de seu pai, "Idílio", com 1.189 doses coletadas em 3 de março de 1995. Vinke já comercializou 117.000 doses de sêmen. ★

Ditado sertanejo

*- Sustente um bezerro
e terás um boi.*

Boi de campo, no duro!

O "marketing" do Boi Verde começa a funcionar. Mais de 90% dos 32 milhões de abates de bovinos brasileiros são de animais criados exclusivamente no campo, em pastagens de capins e leguminosas. Apenas 4,4% dos bovinos abatidos são engordados em confinamento e cerca de 5,6% em semiconfinamento, suplementados com rações feitas apenas com ingredientes vegetais.

Já nos EUA e Europa, a maior parte dos animais abatidos são engordados com rações que podem ser aditivadas com produtos químicos não-naturais. Nunca é demais lembrar que a alimentação de herbívoros, como os bovinos, com rações utilizando ingredientes como farinha-de-carne de outros bovinos ou ovelhas, é que deu surgimento à epidemia da Vaca Louca (Encefalopatia Espongiforme Bovina) que custou e continua custando muito para os europeus. ★

Novo recorde mundial: 28.778 kg, em 2 ordenhas

Uma vaca que produz 28.778 quilos de leite em um ano é a nova recordista mundial de produção. Twin-B-Dairy Lynn atingiu a média diária de 78,84 quilos, com um pico de 95,70 kg. No dia em que ela produziu menos leite, a ordenha foi de 61,69 kg.

A importância do resultado se deve a dois fatores: o volume foi atingido em duas ordenhas diárias e em condições normais de manejo.

Ou seja, não é um desempenho obtido apenas durante uma feira ou torneio leiteiro. A vaca, da raça holandesa, é criada em uma fazenda de Winconsin, nos Estados Unidos, e a produção foi constatada em controle leiteiro oficial.

O recorde mundial anterior, de 27.988 kg anuais, tinha sido obtido em três ordenhas diária, no Canadá. ★

CUIDADO COM A ALIMENTAÇÃO, JÁ!

Muita gente gasta muito dinheiro enriquecendo a alimentação dos animais com farinha de ossos, ou de peixe, etc. Para eles, uma má notícia.

A EMBRAPA está alertando que toxinas resultantes da deterioração de farinhas de peixe, carne com ossos ou ossos adicionados à ração, estão diminuindo a produção de suínos e aves.

Embora não afetem a saúde do homem, as toxinas geram perda de peso nos animais e menor faturamento. A solução proposta pela EMBRAPA é a troca de ração ou a adição de polivitamínicos. ★

Sincho é um silo barato

Um silo simples, barato e rápido de fazer está sendo adotado por produtores do Rio de Janeiro. O tamanho é adequado para propriedades que têm até 20 vacas. Ele é fácil de ser transportado e permite o aproveitamento de restos de cultura - milho, mandioca, sorgo, capim napier etc. - podendo ser ensilado em qualquer época do ano.

Tudo o que é preciso é uma armação de ferro, com 3 metros de diâmetro e 20 centímetros de altura, além de um lona plástica. O custo é de aproximadamente R\$ 190,00.

- **COMO FAZER:** Coloca-se a armação de ferro em uma superfície plana e seca. Enquanto a forragem vai sendo picada, já dentro da forma do silo, compacta-se bem do centro para as bordas. A armação sobe sozinha apenas com a força da compactação que a forragem faz em suas bordas.

O silo deve ter mais ou menos 1,80 metro de altura, para não correr o risco de tombar. Para cada 1 metro de silo, consegue-se aproximadamente 4 mil quilos de forragem.

A vedação deve ser feita de cima para baixo com lona plástica. É preciso tirar todo o ar do silo que fica sob a lona. A lona deve ser amarrada com uma corda a cada 40 centímetros, sempre com cuidado para não rasgar.

Frase

- O mundo vai mudar nos próximos cinco anos o que mudou nos últimos cinquenta anos.

(Paulo Manoel Protásio,
Presid. do Conselho Empresarial
de Comércio Exterior)

O fim das cercas

A EMBRAPA está propondo a utilização de árvores para substituir os moirões de cercas. A alternativa é mais barata, mais correta ecologicamente, oferece sombra para os animais, pode até gerar receita com mel, frutas e lenha - e ainda faz nascer capim com mais proteínas para os animais. Tudo isto está sendo pesquisado em 10 variedades e duas já estão liberadas para uso no Sudeste



brasileiro. Ficará muito mais fácil, e mais bonito, esticar as cercas, tendo árvores como moirões.

OS CAMPEÕES NACIONAIS



Gir Leiteiro de Brasília:

- Qualidade
- Produtividade
- Rusticidade

OVAÇÃO DE BRASÍLIA

- Grande Campeã da 2ª Exposição Nacional do Gir Leiteiro em Brasília/2000.
- Em sua 2ª lactação já está com uma produção de 10.000 Kgs de leite.



**FAZENDA BRASÍLIA
AGROPECUÁRIA LTDA**

São Pedro dos Ferros – MG
Fone: (31) 221-0833 / 225-4858



ELLIOT DO JARDIM PAULISTA

Nasc.: 23/09/98

USTIN x HOW EASERE 562

- Reservado Grande Campeão Brasília/99
- Grande Campeão 5ª Exposição Nacional Brasília/2000

**FAZENDA
JARDIM PAULISTA**

Paulo Roberto J. Santos

Tel. (61) 501-1518 / (61) 366-1518 (Res)
Rodovia DF-250 - Km 50



TOADA NACH

- Campeã 5/8 Brasília, Abril/2000

*Participou com 10 animais obtendo
os seguintes resultados:*
Melhor Expositor e Melhor Criador 5/8.

FAZENDA NACH II

BR 040 - Km 91
Fone: (61) 612-2034
Cristalina - GO

EXPOSIÇÃO BRASÍLIA /2000



PATRIMÔNIO DA SILVÂNIA

● Reservado Grande Campeão Nacional
e Campeão Touro Adulto na Exposição Nacional
de Gir Leiteiro, Brasília/2000

ESTÂNCIA SILVÂNIA

Eduardo Falcão de Carvalho
Fone: (12) 973-7144 / 331-9519



PH ORGULHO - K 7320

● Grande Campeão Expo Gir Leiteiro Brasília/2000.
MARDUK II - K 4 (Touro Provado Sumário/1995
Embrapa) x HOMENAGEM TE de Brasília - AA 3308
7.829 Kg de leite em 2 ordenhas.

FAZENDA HERMÍNIA

Planaltina - DF
Prop. Dr. Paulo Horta
Fone/Fax: (61) 9972-1752

ACONTECIMENTOS SOCIAIS



Joaquim Roriz (Gov. do Distrito Federal)
entrega premiação a Eduardo Falcão.



Representantes da ABCGIL ao lado
do Governador Joaquim Roriz



Meio-Ambiente

A esbórnia ambiental

Dados de José Mauricio de Toledo Murgel

Raios - De repente, cai um raio na propriedade e, além do prejuízo, lá vem o IBAMA e multa o proprietário pela queimada. Como dono da propriedade, ele não pode ser acusado pela culpa da queda do raio. Diz o IBAMA que, se você é dono de um mato e este pega fogo, então você é culpado.

Poluição - Diz a lei que o poluidor deve reparar os danos, independente da culpa. Chegam os órgãos estaduais que fiscalizam as questões ambientais, inclusive o Ministério Público, e distorcem a lei, dizendo que o proprietário é que tem que ressarcir o dano, e não o poluidor. É uma diferença fundamental.

Fogo - Na verdade, se não existir conhecimento do nexa causal, ou seja, da causa provocadora do fogo, a multa não pode ser lavrada (Parecer jurídico 276/93, em São Paulo). Exemplo: um lavrador passa com o caminhão dentro do mato, o caminhão estoura e o mato pega fogo. Nesse caso, o agricultor tem responsabilidade objetiva, pois, mesmo sem ter intenção, causou o fogo, pois o caminhão era seu, bem como o motorista. Bem diferente do caso criminoso seguinte: eu ponho fogo na fazenda de um desafeto, chamo a polícia e ainda meu inimigo vai ser multado. É um absurdo. Quem tem propriedade em beira de estrada, sabe que é usual o surgimento de queimadas por causa de tocos de cigarro atirado por motoristas. Não se pode multar o agricultor por isso.

Meio urbano - Eis um caso concreto: o prédio da Secretaria do Meio Ambiente em São Paulo, na rua Ta-

bapuã, 87, pegou fogo por um problema na instalação elétrica. Qualquer juiz irá afirmar que o incêndio foi accidental. Mas, para o setor rural, o mesmo juiz irá decretar que, se existiu fogo no campo, o produtor é culpado, não importando qual a causa.

Reserva legal de 20% - Já foi pior. O executor do cumprimento do Código Florestal, em São Paulo, por convênio firmado com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) é o DEPRN-Depto. Estadual de Proteção aos Recursos Naturais. Este órgão dizia que, se o agricultor tivesse intenção de arrancar uma única árvore seca de sua fazenda, precisaria averbar 20% da propriedade como reserva de mato! E também para desmatamento, limpeza de pastagens, etc. - ou o agricultor averbava 20% como reserva legal, ou nada feito. Essa "reserva legal" é, na verdade, ilegal, pois afirmam que a lei de reserva legal é o Código Florestal, que é a Lei 4.771, de 1965. Mas não é nada disso, a reserva legal foi uma modificação do Código Florestal, feito pela Lei 7.803, de 1989. Pelo código antigo, antes da modificação da lei, a mata existente teria de ser preservada num limite de até 20% da área da propriedade. Então, quem tinha derrubado, já derrubou. Quem não havia derrubado, não podia derrubar mais. Até aí, tudo razoável: se os seus antepassados deixaram uma propriedade, ou mesmo se você comprou uma propriedade recente que tenha uma área de mato, não pode mais derrubar. Mas essa Lei 7.803 é absolutamente imprópria, porque diz que a reserva legal é 20% da área da propriedade, tenha mato ou não. É diferen-

te. Imagine um agricultor que possui uma área que está sendo agricultada há mais de 100 anos e, de repente, eles dizem que 20% dessa propriedade tem que ficar como reserva. Isso é um esbulho de propriedade. Essa lei é ilegal, tão ilegal que sequer conseguiu ser regulamentada.

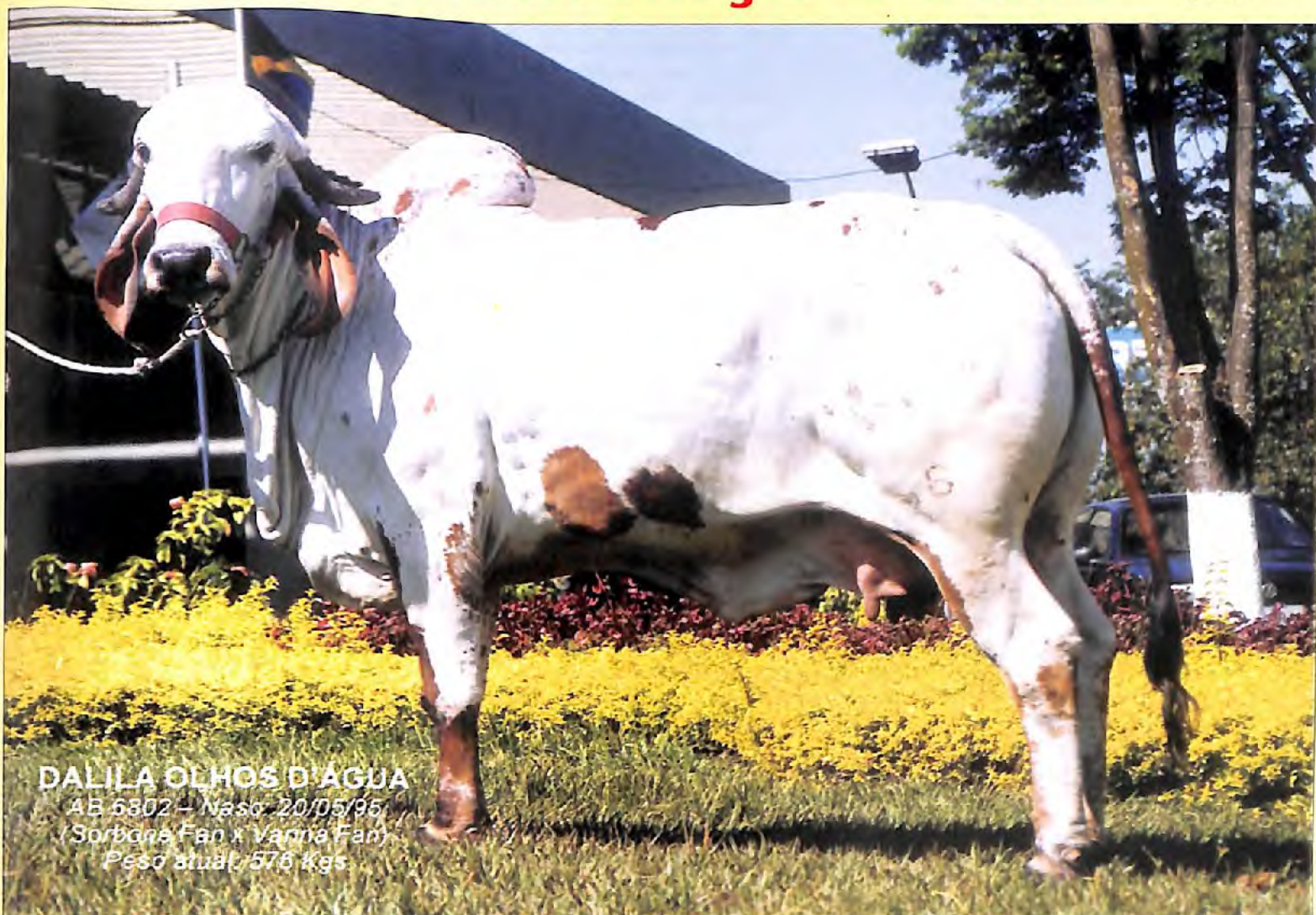
Multas - As multas são absurdamente caras. A usina Costa Pinto, de Piracicaba (SP) foi multada em R\$ 40 milhões (US\$ 22,8 milhões) por ter ateado fogo em cana. Ou seja, teria que pagar o equivalente a uma frota de 2.000 caminhonetes diesel de multa! A usina inteira não vale a multa! O usineiro, próspero, tem dinheiro para contratar uma boa defesa e consegue se safar, mas e o pequeno produtor? É digno de pena a situação dos pequenos produtores que não podem, nem sabem, como contratar uma defesa contra os punidores dos órgãos de defesa ambiental.

Centenas de multas, variando entre R\$ 1.000 a R\$ 20.000 acabam sendo pagas, periodicamente, engorçando os cofres dos órgãos - sempre extorquindo pequenos e médios produtores. Os grandes sempre conseguem arquivar os processos, com defesa competente. No fundo, isso é um escárnio, é lesar o cidadão pobre.

Em Morro Agudo (SP), um agricultor queimou um hectare de terra e recebeu a multa de R\$ 1,66 milhão (praticamente US\$ 1.0 milhão de dólares). É inconcebível, pois o trecho queimado margeia uma rodovia e uma grande represa, onde qualquer um pode pescar e, sem querer, atear fogo.

Em outra propriedade de mais de 1.000 hectares, com soja, o tratorista arrou 0,6 hectares além dos 30 metros permitidos na beira de um curso de

LF **GIR COM RAÇA E LEITE** LF



DALILA OLHOS D'ÁGUA

AB 5302 - Naso: 20/05/95

(Sorbone Fan x Varna Fan)

Peso atual: 576 Kgs

Grande Campeã Nacional EXPOZEBU – Uberaba/2000



SORBONE FAN

RGD B977

Jampur da ZB (Melhorador de leite)

X

Ghandara FAN

- 1.000 Kg aos 45 meses
- Grande Campeão Goiânia 90/91/92
- Campeão Júnior Maior Uberaba/89

FAZENDA OLHOS D'ÁGUA

Estrada Goiânia Nerópolis – KM 12
Goiânia - GO

Luiz Antonio Figueiredo

Fone: (62) 285-1649

água. A ação foi proposta em R\$ 4,0 milhões (cerca de US\$ 2,3 milhões de dólares). Ora, um hectare na região valia R\$ 4 mil (US\$ 2,3 mil) e, então, o meio hectare queimado valia R\$ 2,0 mil. Esta estrondosa multa dava para comprar mais de 1.000 hectares de terra, ou seja, dava para comprar outra fazenda! Sendo rico, o produtor pode contratar um advogado que irá receber, só de honorários, R\$ 800 mil, ou se quiser um preço camarada, de 1%, a bagatela de R\$ 40 mil. Ou seja, para se livrar, na situação mais barata possível, o produtor irá pagar para o advogado o valor de 20 hectares de terra!

Ecoterrorismo, ou terrorismo ecológico - Tudo começou com a promoção dos comunistas. Antigamente, a imprensa míope seguia a esquerda mundial que dizia como era lindo ter um pedaço de terra. Elogiava o cidadão, sempre um homem de bem, que acordava às quatro da manhã para garantir alimentos para o trabalhador urbano. Era um pária, vivia sujo, mas a imprensa o elogiava. Ser fazendeiro dava status. Depois de perder toda sua razão de ser, inclusive pela derrocada da União Soviética e pela queda do muro de Berlim, as esquerdas tiveram que mudar o refrão e descobriram o filão que é simpático à população: a questão ambiental. Agora, a esquerda diz que o fazendeiro é explorador e criminoso, deixando os trabalhadores sujos e maltrapilhos, etc. etc. Chega a tal ponto essa agressão que os fazendeiros são forçados a substituir a mão-de-obra por equipamentos modernos, causando um inchaço nas cidades.

Atualidades

Salto no leite

Tanto faz o tamanho da propriedade e do rebanho. A dedicação e o trabalho nos impulsionaram a buscar mais e mais eficiência na atividade leiteira.

Aumento do Consumo de leite no Brasil:



Margens dos rios - Se o IBAMA quisesse, de fato, bastaria elaborar uma linha de crédito de longo prazo, para recuperação das margens dos rios, nascentes e lagos. O Brasil voltaria a ter muita água potável, que é o grande bem que vai faltar nos séculos vindouros. Não há dúvidas de que muitos iriam plantar florestas artificiais para exploração sistemática de madeira de lei, ao longo dos rios. Uma beleza! Um show de competência! Por que o governo não faz algo assim? Porque a indústria da multa é mais rentável: ele tira dinheiro, ao invés de emprestar.

Pássaros, aves e bichos - Se o IBAMA quisesse, de fato, preservar aves, bichos e pássaros, bastaria elaborar uma linha de crédito, estimulando fazendeiros a manterem seu próprio aviário, balneário, etc. para criar bichos em cativeiro. O país, rapidamente, teria milhares e milhares de centros de preservação de todas as espécies regionais. Um show de competência. Mas não haveria multas...

Espécies vegetais nativas - Outra tolice é a xenofobia dos ambientalistas que querem somente árvores nativas. Os fazendeiros continuam importando árvores de todo tipo, por séculos seguidos, tentando descobrir as mais rentáveis para os trópicos. Não há dúvida de que é preferível plantar uma exótica adaptada do que uma nativa que não cresce mais. Ademais, o mogno ou o jacarandá são árvores nativas na Bahia mas são exóticas em São Paulo. O jambolão é da África, a mangueira é da Índia, a laranjeira, a jaboticabeira, a bananeira, o eucalipto,

centenas de árvores são de fora, etc. Falar que mangueira não pode ser utilizada como árvore de pomar é uma burrice de fazer dó, pois esta árvore está plantada de norte a sul do país, com absoluto sucesso...

O Código Florestal diz que as árvores plantadas podem ser exploradas, independente de autorização. Em alguns casos, se a árvore é exótica, não é nativa do Brasil e, como tal, só pode ter sido plantada. Milhares já foram multados por terem cortado mangueiras, laranjeiras, grevilea-robusta, eucalipto, etc. Ora, nenhuma dessas é nativa e, então, a multa é descabida.

Um lavrador de Bauru (SP) foi multado porque arrancou uma fileira de flamboyant, que é estrangeiro até no nome (veio de Madagascar)!

Ademais, existem mais de 2.000 espécies brasileiras úteis para madeira de serraria. Então, qual policial conhecerá mais de 50 delas? Como não conhecem, acabam lançando multas sobre as mais populares que, a rigor, são importadas e que podem ser cortadas normalmente.

A lei, de verdade - A Lei deveria priorizar o bom senso, a proteção da água e do solo. Cuidar da proteção de nascentes, de encostas, não gradear terrenos de preservação permanente. Cultivar a terra com bom senso, sempre tendo em vista a proteção do solo e da água. O resto é resto. *

O engenheiro agrônomo José Maurício de Toledo Murgel, 66 anos, consultor ambiental, com especialização em silvicultura, mecânica agrícola e meio ambiente.

Você sabia...?

...que a vaca não é monogástrica, como o ser humano? De fato, ela não tem apenas um estômago, mas quatro: o rúmen, o retículo, o omaso e o abomaso. Apenas o abomaso é semelhante ao estômago do ser humano, onde se forma o suco gástrico.

Ditado sertanejo

"Vaca machorrenta novinho é".

GIR Fan:

RAÇA - PESO - CONFORMAÇÃO

- Maior números de pontos da Expozebu/2000.
- Há 26 anos consecutivos participante da Expozebu.
- Rebanho em controle /leiteiro oficial ABCZ/EMBRAPA.

EVEREST - Fan

Peso Oficial: 944 Kg

*Grande Campeão
Nacional - Uberaba
Expozebu/2000*

ESTÂNCIA ROYAL

Fábio Andre

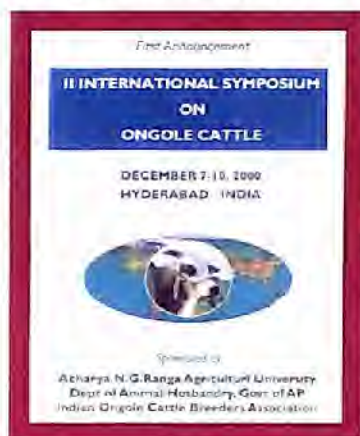
Hidrolândia - GO

Fones: (62) 215-1858 / 505-9530



Neloristas para a Índia

Estará acontecendo em Dezembro o 2º Simpósio Internacional da Raça Nelore, promovido pela Associação Indiana dos Criadores de Gado Ongole,



na cidade de Hyderabad. O primeiro Simpósio aconteceu em 1981, com sucesso, resultando na fundação da Associação e do Programa de Germoplasma da Raça Ongole.

Este segundo Simpósio pretende levantar trabalhos realizados em vários países e também fundar um Grupo que venha coordenar, internacionalmente, a raça no mundo.

O tema principal do Simpósio é "Desenvolvimento do Gado Ongole para atender as necessidades mundiais". As reuniões estarão acontecendo entre 7 e 10 de Dezembro. A inscrição custa US\$ 500 para delegados e US\$ 250 para estudantes ou acompanhantes.

A cidade de Hyderabad é considerada a "capital científica" da Índia, com dezenas de instituições desde aquelas ligadas ao desenvolvimento de regiões semi-áridas até as de Biotecnologia Molecular. Informações: Mr. Mullapudi Narendranath – Tanuku-534215 – Andhra Pradesh, Índia. FAX: 91-404752703 – E-mail: astanuku@hd1.vsnl.net.in – Site: www.ongolesymp.edu

Você sabia...?

... que a União Européia (UE) possui 1 milhão de cabeças de gado de leite, com diminuição no número de propriedades e animais. As grandes exceções são a Alemanha e a França. As maiores fazendas estão na Grã-Bretanha, com 72 animais, e as menores na Grécia, com seis animais.

O FUTURO É DOS MOCHOS

Os cientistas escrevem que o futuro pertence aos bovinos mochos. A globalização exige funcionalidade, economia de custos, racionalidade. Ninguém pode correr riscos nem dificuldades pois as margens de lucros serão cada vez menores. Assim, as raças legitimamente mochas ganharão espaço, progressivamente. Profecia para 50 ou 100 anos? Ninguém sabe mas que, um dia, os mochos dominarão o cenário, parece claro, para os cientistas.

Você sabia...?

... que a cebola, quando é cortada, libera compostos de enxofre voláteis, que fazem as pessoas "chorar"? Tais compostos de enxofre irritam a córnea, ao encontrar água nos olhos, transformando-se em ácidos, principalmente ácido sulfúrico e ácido sulfuroso.

O organismo precisa se livrar desses ácidos corrosivos e ativa as glândulas lacrimais que funcionam como pára-brisas dos olhos. Duas soluções: respire pela boca ou molhe a cebola, antes.

Milharroz, um novo alimento

Um terço da população terrestre alimenta-se com arroz, todos os dias. Agora a Biotecnologia fez um arroz especial, já testado na China, Coreia e Chile, que extrai 30% a mais de gás carbônico da atmosfera, permitindo até um melhor controle do aquecimento



Milho x Arroz
um bom casamento

to global do planeta. O cientista Mauro rice Ku, inseriu genes de milho ligados à fotossíntese ao arroz e chegou ao novo produto. Os novos genes fazem com que a planta absorva mais gás carbônico e impedem que o oxigênio bloqueie a produção de açúcar. Podem até ajudar o vegetal a sobreviver a extremos como seca e calor.

Ditado sertanejo

- Tanto mente o velho em sua terra como o moço fora dela.

Brasil versus EUA na agricultura

Os Estados Unidos são 10 vezes maiores do que o Brasil: têm 10 vezes mais automóveis, 10 vezes mais telefones, o PIB é 10 vezes maior. Mas, na questão do superávit agrícola, o Brasil tem US\$ 13,5 bilhões enquanto que os norte-americanos têm US\$ 20,5 bilhões. O Brasil está encostando no Tio Sam e, em pouco tempo, vai empatar e, depois, ultrapassar. Por que? Simplesmente porque o Brasil sequer está explorando os Cerrados e as novas fronteiras do Oeste. Garante Luiz Alberto Garcia, do Grupo Algar, que "o Brasil pode multiplicar por nove suas fronteiras agrícolas, com grande facilidade". É só o Governo querer.

Estados Unidos
10 vezes mais automóveis



Brasil
10 vezes menos automóveis

Estados Unidos
PIB: 10 vezes maior



Brasil
PIB: 10 vezes menor



EUA:
Já não há fronteiras



Brasil:
área maior para produzir alimentos

1º LEILÃO CARACU



TRANSMISSÃO
AO VIVO PELO



CANAL DO BOI

120 TOUROS DE 24 A 36 MESES

40 NOVILHAS DE 18 A 30 MESES

*Aspados e mochos com fertilidade garantida, prontos para reprodução.

1º de Agosto de 2000 às 20:00 horas.

LONDRINA-PR

PARTICIPANTES:

- ANTÔNIO EVILÁZIO REIS
Fone: (46) 263-1811
- FLÁVIO FIORAVANTI JÚNIOR
Fone: (17) 281-2426
- LÍCIO ISFER
Fone: (41) 274-2814
- PEDRO FLÁVIO REIS
Fone: (46) 263-1811

VILLAGE

Praça de Leilões e Eventos

Condições
especiais de
pagamento.

1000 Km de
FRETE GRÁTIS
Carga Fechada

CONVIDADOS:

- CÍCERO JUNQUEIRA FRANCO
Fone: (18) 756-1210
- LAMARTINE NAVARRO JÚNIOR
Fone: (11) 814-3066



Briga dura



De novo, São Paulo abre guerra contra o Nordeste! Agora, o governador Mário Covas divulga que a cesta bási-

sica dos paulistas é bem mais "rica" que a do restante do país: ele acaba de decretar que o Queijo Prato, o Minas Frescal, a Mussarela e a Manteiga, devem estar na cesta. Assim, o ICM que era de 18% sobre esses produtos, cai para apenas 7%. Os Estados Nordestinos estão em gritaria, pois acreditam que essa medida tem apenas um objetivo: baratear o custo para facilitar as exportações para o Nordeste, onde o baixo valor do ICM irá torpedear os produtos regionais. Bom para o povo, ruim para os cofres dos governos nordestinos. ★

Campeões da América do Norte

A ABS Global comemorou os resultados das provas de gado leiteiro na América do Norte, terminadas em novembro. Dos 30 melhores touros para Tipo, nos EUA, 23% eram da empresa. "Lantz" permaneceu em primeiro lugar no "ranking" norte-americano de Tipo e Proteína e segundo lugar em Leite. No Canadá, o destaque da empresa é "Meadowlord", que foi segundo colocado. ★

Frases

- "Só quando houver produção para abastecer todo o país é que podemos começar a discutir o pagamento do leite pela sua qualidade". (Paulo Porto, presidente da Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios)

Você sabia...?

... que a origem das "touradas" era um sacrifício humano em honra a Baco Ornádio? Lentamente, o sacrifício de humanos foi sendo substituído por um touro que era despedaçado para agradar aos deuses.

Resfriador de 150 litros

Foi recentemente lançado pela Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos (SP), um minitanque para resfriamento e armazenamento de leite, com capacidade para 150 litros. Antes, só existiam modelos com capacidade mínima de 400 litros. O resfriador permite a coleta de leite de 2 em 2 dias, sendo o minitanque ideal para produtores na faixa de 70 litros/dia. O preço do equipamento é ao redor de R\$ 1,9 mil. ★

Você sabia...?

... que quanto mais volumoso a vaca come, mais ela produz saliva? São cerca de 90-100 litros/dia enquanto um ser humano saliva perto de 1 litro/dia. O animal que come muito concentrado produz menos saliva e vai formar menos antiácido.

Mecanismos do truste mundial do leite

É inaceitável competir com produtos que são comercializados por um valor inferior à metade do seu custo de produção, a exemplo do leite em pó. O custo de produção desse produto, na União Européia, é superior a US\$ 3 mil dólares por tonelada mas é despejado no mercado brasileiro por US\$ 1.500. Sem dúvida, é uma prática desleal de comércio.

Embora o leite brasileiro esteja recebendo os preços mais baixos do mundo, nem assim ele consegue ser exportado, devido às barreiras ao comércio. Países da União Européia, os EUA e o Japão utilizam-se de cotas, barreiras sanitárias e impostos de importação para dificultar a entrada de leite e derivados em suas fronteiras.

Afinal, três são as características dos países que possuem uma pecuária leiteira desenvolvida: 1) preços estáveis ao produtor; 2) mercado interno protegido contra o comércio desleal; 3) matéria-prima ou derivados de alta qualidade



Europa não quer mais leite

"Tanto a Europa como os Estados Unidos estão com o mercado de produção leiteira bastante maduro" - comenta Richard Woo, executivo-chefe da Genus. Com as quotas por propriedade fixadas, sem chance de ampliação, pelos ganhos de produtividade proporcionados pelo melhoramento genético, o rebanho em produção diminui ano a ano. Nos últimos 5 anos, sem alterar a produção, o número de vacas em lactação na Inglaterra passou de 3,5 milhões para 3,0 milhões. Até 2010, esse total deve cair a 2,0 milhões de fêmeas. Em 10 anos, a média de produção das matrizes inglesas passou de 3.000 para 6.000 kg/cab/ano. ★

Ditado sertanejo

"Boi lerdo toma água turva ou morre de sede".

Os EUA, produzindo 72,6 bilhões de litros/ano, criaram há 50 anos uma política de preços mínimos para os principais produtos lácteos, garantindo a expansão do setor. Protegem eficazmente o setor interno, taxando em 220% as exportações além da cota determinada para cada país. A legislação norte-americana veta virtualmente as importações de leite do Brasil, ao exigir o fornecimento de dados sobre cada vaca leiteira. Um absurdo, mas real. A lei que permite vetar os produtos brasileiros é de 1927 ("Import Milk Act").

Os subsídios mundiais, em 1997, foram de US\$ 2.375 para manteiga, US\$ 1.325 para queijos e US\$ 1.350 para leite em pó integral. Depois de 1997, os subsídios aumentaram ainda mais!

Se o Brasil não levar em conta o modestíssimo produtor de leite, jamais terá acesso ao mercado mundial de produtos lácteos. A tarefa de casa tem que ser feita, primeiramente, em casa.

Baby-búfalo no Pará

Já começou a venda de carne de búfalos de 18 meses de idade. É o "Baby-búfalo" que chega aos super-



mercados da rede Nazaré, na cidade de Belém (PA). O sucesso foi tão grande que um distribuidor de São Paulo já fez suas encomendas. Mais de 40 criadores paraenses estão engordando animais comprados na região do Marajó para atender as 13,5 toneladas mensais do produto. O preço do quilo é 15% mais caro que a carne de bovino. Algumas peças nobres podem chegar a R\$ 22 ou até R\$ 26 por quilo! O búfalo atinge 400 kg com um ano e seis meses. ★

DINHEIRO PARA PECUARISTAS GOIANOS

Os produtores goianos já podem contar com sua própria instituição financeira. Com o aval do Banco Central, entra em funcionamento ainda no início do ano 2000 a Cooperativa de Crédito Rural dos Agropecuaristas de Goiânia, por reivindicação da SGPA-Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura. A Cooperativa irá operar com uma estrutura administrativa bastante enxuta e com baixos custos, resultando em serviços mais baratos e empréstimos com taxas de juros 50% abaixo das cobradas normalmente pelos bancos. ★

Você sabia...?

... que as maiores ondas de fome do século XX foram motivadas por causas políticas? Em 1932, na Ucrânia e na União Soviética, 8 milhões de camponeses que se recusaram a dar suas terras para o regime comunista morreram de inanição. Isso, depois de o governo ter confiscado todo o estoque de grãos.

FRIGOVIRA VAI EXPORTAR

O frigorífico Frigovira, de Rondônia, que arrendou a unidade do Frigorífico Gejota, de Promissão (SP), retornou à operação normal, abatendo 500 animais/dia, coincidindo com a entrada da empresa no mercado internacional, embarcando o primeiro contrato de 600 toneladas de dianteiro de boi para Israel. A unidade de Promissão fabrica também extrato de carne e carne cozida congelada. ★

Fiscalização tupiniquim

A falta de estrutura do Serviço de Inspeção Federal (SIF) faz com que 42% da carne bovina consumida no Brasil não tenha nenhum tipo de fiscalização. A estimativa é do próprio Ministério da Agricultura e secretarias estaduais, a partir de dados obtidos em 1998. A falta de verba e de pessoal do órgão federal, além do fraco empenho dos Estados e municípios, deixa ainda sem controle sanitário 19% da produção de carne suína e 25% da carne de frango. Para reverter o quadro, o governo federal pretende criar uma agência que vai prestar o serviço somente aos abatedouros que pagarem pela fiscalização. ★

Você sabia...?

... que os chifres de bois, enfiados nas cercas de roças ou hortas, servem para preservar contra o mau-olhado e coisa-feita? Pode ser crendice, mas existem muitos desses chifres nos sítios e fazendas.
(Crendice bantu)

Frases

*Não sei quem meu avô foi.
Estou muito interessado
em saber quem meu neto será.*
(Abraham Lincoln, Político americano,
1809- 1865)

Ditado sertanejo

*"Deus criou as pulgas para
manter os cães despertos"*
(popular).

A sombra da Vaca Louca

O Ministério do Consumo, na França, ameaça manter o embargo à carne bovina britânica, devido à sombra da doença da "vaca louca". O embargo devia terminar no início de 2000 e até a Comissão Europeia ameaça recorrer à Corte de Justiça a favor da Inglaterra. Portugal também está proibido de vender carne à França, depois que foram registrados casos em Manche, noroeste do país, totalizando já 28 casos em 1999. O risco de uma doença degenerativa cerebral humana, através da ingestão de carne infectada, ainda não foi descartado. Testes em cobaias realizados por cientistas anglo-americanos constatarem a geração de uma forma de patologia mortal. ★

Carne Angus nos supermercados

A rede de hipermercados Jumbo e a Argentine Breeders & Parkers, do grupo Pilagá, fecharam um acordo para lançar cortes de carnes frescas de alta qualidade no mercado, oriunda de gado Aberdeen Angus. A marca será "Argentine Angus Beef" devendo atingir altos preços nos mer-



cados argentinos. A marca foi aprovada pelo governo norte-americano.

A Argentine Breeders & Parkers conta com mais de 250 mil hectares de área na província de Santa Fé, e 150 mil cabeças de gado, além do Frigorífico Hudhes que é habilitado para exportação para o mundo inteiro. A equipe técnica controlará cada um dos passos do processo, desde os animais nos currais, até a colocação dos cortes nas gôndolas dos supermercados. O primeiro contrato para os EUA é de 12 toneladas, destinado a restaurantes, hotéis e supermercados. ★



O BERRO

A única revista especializada
em Caprinos & Ovinos
no Brasil

Não fique do lado de fora,
leia e conheça a maravilhosa vida
dos produtores decabras e ovelhas
de todo o Brasil.

Apenas R\$ 30,00 por ano.
Vale a pena! Só falta você.

É MUITO SIMPLES

1 - Deposite R\$ 30,00 no Bradesco - Conta: 52593-6 - Agência: 0264-0 - Em nome da Editora Agropecuária Tropical Ltda. Ou no Banco do Brasil - Conta: 6.259-6 - Agência: 015-9

2 - Cole uma cópia do Comprovante de Pagamento no Cupom.

3 - Preencha, então, os dados do cupom, com letra firme.

4 - Envie o Cupom para a Editora, pelo Correio ou pelo FAX.

Cupom de Assinatura

- ☐ Revista "O Berro" (Revista Brasileira de Caprinos & Ovinos) - R\$ 30,00
- ☐ Revista "Agropecuária Tropical" (A revista com a coragem do Homem do Campo) - R\$ 30,00

Nome:

Endereço p/ remessa:

Bairro:

Cidade: Estado:

CEP: Telefone/Fax:

E-mail:

Não deixe de enviar cópia
do comprovante de depósito bancário

Não deixe de preencher e enviar o CUPOM.

FAX: (34) 312-9080

Ou pelo Correio:

Editora Agropecuária Tropical Ltda

- Av. Alexandre Barbosa, 853 - Caixa Postal: 606 -

CEP: 38060-200 - Uberaba, MG

AGROPECUÁRIA TROPICAL

**Coragem, força, decisão,
a palavra séria
do homem-do-campo.**

**Faça sua assinatura
Apenas R\$ 30,00.
Só falta você.**

É MUITO SIMPLES

1 - Deposite R\$ 30,00 no Bradesco - Conta: 52593-6 - Agência: 0264-0- Em nome da Editora Agropecuária Tropical Ltda. Ou no Banco do Brasil - Conta: 6.259-6 - Agência: 015-9

2 - Cole uma cópia do Comprovante de Pagamento no Cupom.

3 - Preencha, então, os dados do cupom, com letra firme.

4 - Envie o Cupom para a Editora, pelo Correio ou pelo FAX.

Cupom de Assinatura

- ☐ Revista **"O Berro"** (Revista Brasileira de Caprinos & Ovinos) - R\$ 30,00
- ☐ Revista **"Agropecuária Tropical"** (A revista com a coragem do Homem do Campo) - R\$ 30,00

Nome:.....
Endereço p/ remessa:
Bairro:.....
Cidade:.....Estado:.....
CEP:.....Telefone/Fax:.....
E-mail:.....

*Não deixe de enviar cópia
do comprovante de depósito bancário*

Não deixe de preencher e enviar o CUPOM.

FAX: (34) 312-9080

Ou pelo Correio:

Editora Agropecuária Tropical Ltda
- Av. Alexandre Barbosa, 853 - Caixa Postal: 606 -
CEP: 38060-200 - Uberaba, MG



Brasil em destaque no leite

O Brasil é o sexto maior produtor mundial de leite, sendo o maior empregador de mão-de-obra no campo. A cadeia do leite gera 3,5 vezes mais empregos que a construção civil e é igualmente pouco exigente em especialização para o trabalho. Emprega 3,02 vezes mais que a siderurgia e 4,77 vezes mais que a tão festejada indústria automobilística. São 1.041

para 20,0 bilhões de litros. As importações subiram de 3,0 para 140,0 milhões de litros/ano.

Somente de 1994 a 1998, Goiás aumentou sua produção leiteira em 64%, passando de 1,4 para 2,3 bilhões de litros. Entre 1990-97, o crescimento goiano passou de 1,1 para 2,3 bilhões - embora 40,31% dos produtores sejam pequenos, com entre-



mil pessoas na produção no campo, mais 41.653 no transporte. No processamento industrial, mais 1,18 milhão de pessoas. Em faturamento, o setor representa US\$ 13,44 bilhões/ano. Com produção de 21 bilhões de litros/ano, o Brasil está se aproximando da Alemanha (28,5 bilhões/ano) e da França (24,5 bilhões/ano), devendo ultrapassá-los, rapidamente. Paradoxalmente, o país mantém a pitoresca posição de "maior importador mundial de leite em pó".

A evolução brasileira é gigantesca: em 1990 o país processava apenas 3,0 milhões de "caixinhas" mas, em 1998, já somava 3,1 bilhões - ao mesmo tempo que a produção nacional de leite in natura saltava de 14, 4

ga de até 50 litros/dia e outros 27,95% estão na faixa de até 100 litros/dia. E todos pretendem dobrar a produtividade e a produção nos próximos anos.

A produção do Centro Oeste cresceu acima de 70%, o dobro do verificado nas regiões tradicionais. A produção de leite, portanto, está se deslocando para o Centro e para o Oeste. Goiás é uma aula de eficiência: entre 1985-96 houve ganhos de 77% na produção de leite por vaca em lactação/ano; de 84% em litros/ha/ano e de 65% na produção diária por estabelecimento - segundo Matheus Bressan, do Projeto Plataforma, custeado com recursos do Conselho Nacional de Pesquisas e Coordenação da Embrapa/Gado de Leite. *

AGORA, LEITE ORGÂNICO

Um grupo de 6 produtores está investindo no mercado de leite orgânico, com certificado do Instituto Biodinâmico (IBD) de Botucatu, SP. O projeto faz parte da Associação de Agricultura Ecológica (Bioland), criada no início de 1999 por associados da Cooperativa Agrícola Mista Witmarsum. O leite "Bioland" estará sendo vendido em Curitiba por R\$ 1,20, tendo um custo calculado entre R\$ 0,23 e o valor de R\$ 0,24. Para iniciar a produção não é fácil, uma vez que há uma quebra de 35% na produção tradicional, até chegar à adaptação total. Por outro lado, o mercado é amplo, de compradores que querem um produto realmente "ecológico" - dispostos a pagar mais caro.

Mato Grosso investe no leite

Os pequenos e médios empresários do Mato Grosso do Sul estão entrando no leite uma rentável saída para seus negócios, pois contam com infra-estrutura facilitadora para a produção de forrageiras, cereais para o rebanho, disponibilidade de mão-de-obra e um mercado próximo. O governo está colocando em prática o chamado Projeto Leite. Estima-se que 20.000 produtores somem diariamente 1 milhão de litros, estando o estado já dividido em 8 micro-regiões.

Glória de Dourados é a região de maior destaque, cuja produção anual de 11 milhões de litros em 1996 saltou para 40 milhões em 1999.

O programa vai realizar cursos intensivos, sistematicamente, distribuindo apostilas com todas as informações técnicas necessárias para o sucesso na atividade, envolvendo desde análise do mercado leiteiro, alimentação e manejo sanitário, reprodução, cuidados com a vaca e a ordenha. Mais de 4.000 pessoas deverão passar pelos cursos, nos próximos 3 anos.

Ditado sertanejo

- Boi sabe a cerca que fura

Você sabia...?

... que, na Índia, o estrume de bovino, seco, é o principal combustível nos fogões domésticos? A madeira é muito escassa e carvão praticamente não existe. Recolher o estrume, secá-lo em forma de bolacha redonda, para vender como "carvão" é uma profissão na Índia.

Você sabia...?

... que o gado podia beber água salgada, em Araxá, por ordem judicial, apenas uma vez por mês? Saint-Hilaire anotou que essa era a forma de suprir de sal os rebanhos regionais na única lagoa bem salgada. O gado permanecia na lagoa durante a noite inteira.

O fracasso é a oportunidade de começar de novo inteligentemente
(Henry Ford, industrial americano, 1863-1947)

PADRÃO DE QUALIDADE

FAZENDA MATA VELHA

Uberaba - MG

Fone: (34) 336-5252

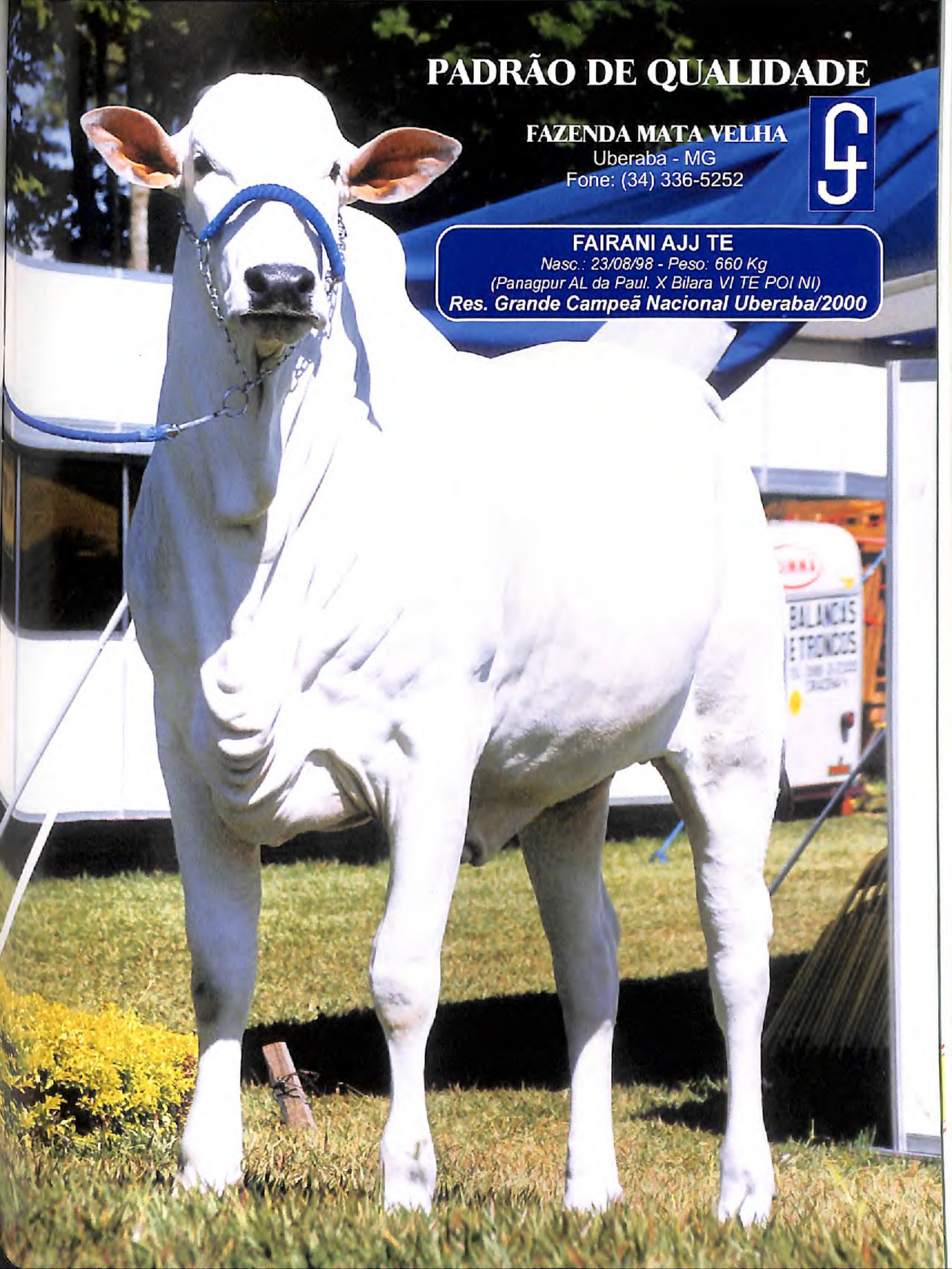


FAIRANI AJJ TE

Nasc.: 23/08/98 - Peso: 660 Kg

(Panagpur AL da Paul. X Bilara VI TE POI NI)

Res. Grande Campeã Nacional Uberaba/2000



Pecplan na Internet



O "ABS Shop" já está disponível na Internet. É a primeira loja virtual de genética no mundo. Segundo pesquisa realizada pela ABS Pecplan, 32% dos clientes têm acesso à Internet e, desses clientes, 88% afirmaram que se interessam em comprar pelo site.

Na loja virtual, o usuário visualiza facilmente todos os produtos disponíveis. A busca pode ser feita por raça ou produto, bastando digitar uma palavra-chave. Automaticamente, o interessado recebe na tela as opções disponíveis. Todas as informações

fornecidas pelo cliente durante a compra estão protegidas pelo Bradesco, impedindo o uso indevido desses dados, garantindo segurança e tranquilidade de aquisição dos produtos através do site. O acesso ao "ABS Shop" é pelo site: www.abspecplan.com.br ou pelo Bradesco Net.

AFTOSA NO JAPÃO

Desde o final de março, o Japão vem registrando focos de febre aftosa em seu rebanho. No terceiro caso da doença em apenas 30 dias, foram abatidas 16 cabeças e destruídas as instalações onde este gado era criado. O país já tomou providências no sentido de bloquear a entrada da carne suína procedente da Coreia do Sul, onde a aftosa está causando uma série de prejuízos, estimando que já foram sacrificadas cerca de 400 cabeças de gado.

Parceria em inseminação artificial

A Holland Genetics, matriz da Lagoa da Serra, detentora de mais de 90% do mercado holandês de sêmen, firmou acordo de cooperação na Grã-Bretanha, com a Cooperativa Avoncroft Cattle Breeder, que detém atualmente 15% do mercado na região. Assim, a Avoncroft tornou-se a maior distribuidora de sêmen de touros da Holland, na Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e no País de Gales. O acordo prevê o aumento da presença da Holland na Inglaterra.

Você sabia...?

... que um dos animais mais conhecidos por regenerar partes do seu corpo é a salamandra, que pode refazer a cauda, a espinha dorsal e até um olho. Nos humanos só se regeneram o fígado e a pele.

Frase

- O Brasil tem mais de 3.000 ONGs ambientais e a maioria absoluta delas está dilapidando o nosso patrimônio genético. Não podemos mais aceitar esta pressão internacional que visa apenas impedir o nosso desenvolvimento
(José Riva, deputado, PSDB)

Sucateamento de máquinas agrícolas

A Natureza é muito boa para a agricultura brasileira mas a exploração agrícola enfrenta problemas estruturais que, se não forem solucionados, continuarão impedindo que o país seja líder na produção do planeta. Um destes problemas é o sucateamento da frota de máquinas, que



provoca perdas anuais estimadas em US\$ 559 milhões, segundo a Universidade de Brasília.

Na década de 1990, foram incorporados 186 mil tratores à frota brasileira, ou 46% menos que os 348 mil agregados na década de 1980. Em relação às colheitadeiras, o sucateamento foi maior, pois na década de 1990 foram adquiridas 22,1 mil má-

quinas, ou 55% a menos que as 49 mil da década de 1980. Máquina antiga, produtividade decadente, no mínimo provocando perdas de 10% nas colheitas.

Os tratores somam 460 mil no país, dos quais 35% têm idade entre 16-25 anos. Sabe-se que 51,09% têm idade entre 11-23 anos.

Por que isso aconteceu? Por falta de uma política agrícola de longo prazo e, no final, os sucessivos "pacotes econômicos" penalizaram a agricultura. Foi feito um programa para reciclagem de máquinas velhas mas o governo o engavetou, dando preferência a um plano de reciclagem de automóveis antigos - por ser de maior potencial eleitoral. Agora, de novo, em janeiro de 2000, o presidente divulgou o "Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Colheitadeiras", com juros de 8,75% ao ano para quem tem renda de até R\$ 250 mil e de 10,75% ao ano para quem possui renda acima de 250 mil. As parcelas são pré-fixadas, podendo o fazendeiro saber quanto irá pagar com antecedência. Os recursos do Programa eram de R\$ 1,6 bilhão.

Você sabia...?

... que 40% dos grãos produzidos no planeta são utilizados para a alimentação de animais como ovelhas e cabras? É o que afirma Joel Cohen, autor do livro "Quantas pessoas a Terra pode abrigar?"



CANAL DO BOI

24h NO AR

Filme seu gado.
Faça seu cadastro.
021 (67) 721-9098

Agro1.com
A rede do agronegócio

Valorize mais o couro do seu rebanho



O couro do seu rebanho pode render muito mais do que se imagina. Para isso, a Braspelco desenvolveu o Programa de Melhoria do Couro Cru. Um programa voltado a orientar o pecuarista sobre cuidados importantes que garantem a qualidade e valorizam o couro na hora da venda.

Braspelli
Leiteiro BRASPELCO



10 MANDAMENTOS PARA OBTER A MÁXIMA QUALIDADE DA CARNE E DO COURO DO SEU GADO

1. Nunca fazer carne com grama torrada; utilizar somente grama seca.
2. Não usar ferro pontiagudo, e nem cães, para o manejo do gado.
3. Manutenção periódica do combate aos ectoparasitas (carapato, berne, mosca do chifre, sarna e piolho).
4. Mantenha a pastagem limpa.
5. Fazer a descorna do gado.
6. Fazer marcação do gado nos locais adequados, tais como: cara, piscoço e canela com, no máximo, 11cm de diâmetro.
7. Visitação periódica nos currais, evitando pontas que possam furar o gado.
8. Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais.
9. Escolher um veículo adequado para o transporte do seu rebanho até o frigorífico, evitando carrocerias com pontas de madeira ou pregos.
10. Gado bem tratado produz melhor resultado.

BRASPELCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

NANIL

FRIZZO

MAIER

CADORNA

SIMCAFE

Rua Décio Spirandelli Carvalho, 205 Uberlândia MG CEP 38402-342 Fone (34) 218 0800 Fax (34) 218 0900
www.braspelco.com.br commercial@braspelco.com.br

Braspelco